



UNIVERSIDADE DOS AÇORES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

## **Relatório final**

# Didáticas do estudo do meio: abordagens transversais no Jardim-de-infância e 1º ciclo do Ensino Básico

Mestranda: Carla Daniela Cardoso Vieira

Orientação: Professor Doutor Emanuel Oliveira Medeiros

Ponta Delgada, outubro de 2013

Relatório de Estágio elaborado no âmbito do  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico,  
para a obtenção de grau de Mestre,  
sob a orientação científica do Professor Doutor Emanuel Oliveira Medeiros,  
Doutorado e Agregado em Educação,  
na especialidade de Filosofia da Educação, pela Universidade dos Açores.

*Ensinar é um exercício de imortalidade.*

*De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela  
magia da nossa palavra.*

*O professor, assim, não morre jamais.*

Rubem Alves(1994 ,p.4)

# Índice

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>5</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>6</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>7</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
1.1 Formação de Educadores/Professores.....	13
1.2 Currículo e didáticas.....	22
<b>2 Caracterização dos ambientes envolventes do estágio.....</b>	<b>26</b>
2.1 Caracterização da escola, meio e grupo da Educação Pré-Escolar. ....	27
2.2 Caracterização da escola, do meio e da turma do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	35
<b>3 Contextualizações, descrições, planificações e reflexões das práticas educativas supervisionadas.....</b>	<b>40</b>
3.1 Contextualização dos conteúdos das áreas do Conhecimento do Mundo e Estudo do Meio	41
3.1.1 Área do Conhecimento do Mundo .....	41
3.1.2 Área de estudo do meio.....	46
3.2 Descrição das sequências didáticas da educação Pré-Escolar.....	54
3.2.1 Planificações.....	57
3.2.2 Análise e reflexão da prática educativa supervisionada na Educação Pré-Escolar .....	75
3.3 Descrição das sequências didáticas do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico .....	81
3.3.1 Planificações.....	85
3.3.2 Análise e reflexão da prática educativa supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico	110
<b>4 Considerações finais.....</b>	<b>118</b>
<b>5 Limitações e desafios futuros .....</b>	<b>122</b>
<b>6 Bibliografia .....</b>	<b>123</b>
<b>7 Anexos .....</b>	<b>127</b>

## **Agradecimentos**

Concluída mais uma etapa no processo da minha formação, enquanto futura educadora e professora, compete-me agradecer a todos os que, de uma forma direta ou indireta, estiveram envolvidos neste processo.

Ao meu orientador, o Professor Doutor Emanuel Oliveira Medeiros, o meu profundo agradecimento, pelo conhecimento e elevada competência com que me guiou durante este processo. Não só me deu valiosas sugestões que contribuiriam para enriquecer o meu trabalho, como também esteve sempre presente com extrema dedicação, incentivo e disponibilidade. O meu muito obrigado por contribuir, também, para o meu desenvolvimento pessoal e académico.

À educadora e professora orientadora, Ana Sequeira, por todos os conselhos e disponibilidade. Por estar lá, sempre, muito obrigada!

Às minhas docentes cooperantes, Maria Portela, pré-escolar, e Marta Benevides, 1º Ciclo do Ensino Básico, pelos momentos de partilha e pela transmissão de conhecimentos valiosos para a minha formação, o meu muito obrigado!

À minha mãe só tenho que agradecer toda a confiança, amor incondicional com que esteve sempre comigo! Obrigada!

Aos meus amigos, “família açoriana”, agradeço todos os momentos de incentivo e amizade! Sem a alegria dos nossos momentos teria sido mais difícil! Obrigado.

Aos meus amigos, aos seis que me acompanham sempre, mesmo longe, Maria Ana, Joaquim, Marcelo, Joana, Cristina e Nuno, desde o primeiro dia de aulas no 1º ciclo do ensino básico que nos apoiamos! Vamos continuar assim...sempre! Agradeço por estarem sempre ao meu lado!

Por fim, agradeço ao Hugo, marido, melhor amigo e companheiro. Agradeço por estares sempre ao meu lado em todos os momentos durante todo este processo. Foste o meu apoio mais forte, a minha âncora. Tenho toda a vida para te agradecer! Obrigado meu amor!

## **Resumo**

Com o presente relatório de estágio, “Didáticas do Estudo do Meio: abordagens transversais no jardim-de-infância e 1º Ciclo do Ensino Básico“, pretendo questionar e refletir sobre toda a minha prática educativa supervisionada enquanto futura educadora/professora, tendo como foco o ensino das áreas do Conhecimento do mundo no Pré-escolar e do Estudo do Meio no 1º Ciclo do Ensino Básico. Assim, são objetivos deste trabalho averiguar de que modo as minhas sequências didáticas e práticas didáticas despertaram nas crianças, crianças-alunos, o interesse para as áreas referidas anteriormente.

No presente trabalho, encontramos uma contextualização teórica que incide em questões sobre formação de professores, currículo e didáticas, sendo estes aspetos fundamentais na realização tanto da minha prática educativa supervisionada, como na elaboração deste trabalho.

Foi meu objetivo durante a minha formação, em contexto de sala de aula, abordar as áreas do Conhecimento do Mundo e do Estudo do Meio de forma transversal e interdisciplinar. Foram áreas que estiveram sempre interligadas com todas as que fazem parte do currículo dos níveis de ensino já citados. Deste modo, uma das áreas abordadas de modo transversal foi a Formação Pessoal e Social (Pré-escolar) e Cidadania, tendo esta área um tempo curricular de uma hora por semana, no 1º Ciclo do Ensino Básico. Uma das partes deste relatório consiste numa análise e reflexão das Práticas Educativas Supervisionadas, na qual analiso a minha formação na prática, em contexto de sala de aula e o modo como esta afetou os alunos que estiveram envolvidos neste processo.

Palavras-Chave: Formação; Didáticas; Conhecimento do Mundo; Estudo do Meio; Cidadania; Educação Pré-escolar; Educação e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

## **Abstract**

With this training report , " Teaching Environmental Studies : transversal approaches in the kindergarten and Primary School " , I intend to question and reflect on all my supervised educational practice as a future educator / teacher , focusing teaching in the areas of Knowledge of the World in the kindergarten and Environmental Studies at the Primary School. Thus , objectives of this study are to find out how my didactic sequences and didactic teaching practices aroused in children , children - students , the interest for the areas mentioned above .

In this study , we found a theoretical context that focuses on questions about teacher training , curriculum and teaching , which are fundamental aspects in succeeding in both my supervised educational practice and in this study.

During my training in the context of the classroom it was my goal addressing the areas of Knowledge of the World and Environment Study in a transversal and interdisciplinary way. They were areas which have always been connected with all that part of the curriculum teaching units already mentioned .Thus , one of the areas transversally addressed was the Personal and Social Education (Kindergaten ) and Citizenship , and this area is taught once a week in the Primary School. Part of this report is an analysis and reflection of Supervised Educational Practices, in which I analyse my practice in the context of the classroom and how it affected the students who were involved in this process .

Keywords : Education , Teaching , Knowledge of the World , Environmental Studies , Citizenship , Kindergarten Education , and Education at the Primary School.

## **Introdução**

O decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro define as condições para a habilitação profissional docente. Assim, no artigo 17º lê-se: “O grau de mestre é conferido aos que obtenham o número de créditos fixado para o ciclo de estudos de mestrado, através:

a) Da aprovação em todas as unidades curriculares que integram o plano de estudos do curso de mestrado;

b) Da aprovação no ato público de defesa do relatório da unidade curricular relativa à prática de ensino supervisionada”.

É neste sentido que relatório é parte integrante da prática educativa supervisionada. As minhas práticas educativas supervisionadas I e II decorreram nos anos letivos de 2010/2011 e 2012/2013, respetivamente.

Com o presente relatório pretende-se analisar as didáticas usadas nas práticas educativas supervisionadas I e II na área de estudo do meio; refletir sobre as estratégias usadas; refletir na transversalidade das áreas do Conhecimento do Mundo e Estudo do Meio e em como estas áreas podem ser meios para desenvolver várias competências em domínios como o Português e a Matemática.

Este trabalho, “Didáticas do Estudo do Meio: abordagens transversais no jardim-de-infância e 1º Ciclo do Ensino Básico“, visa refletir sobre o ensino e práticas de lecionação da área de Conhecimento do Mundo e Estudo do Meio na sala de aula e como estas áreas podem ser articuladas com outras áreas de modo que os alunos se sintam mais motivados e interessados. Estas áreas apresentam duas componentes: o meio físico (ciências naturais e físicas) e o social (ciências humanas e sociais). Ambas as componentes complementam-se para que as aprendizagens das crianças/alunos sejam adequadas. A opção do tema deveu-se, em parte, ao facto de querer retratar todos os domínios das áreas já referidas, uma vez que, durante a minha ação, enquanto formanda tentei abordar todos os domínios acima citados. Assim, procurei envolver as crianças/alunos em todo o processo ensino-aprendizagem, para que estes despertassem os seus sentidos para uma área completa e importante do currículo escolar dos mesmos. Arends (1995) refere no prefácio do livro “Aprender a ensinar” que aprender “a ser professor é uma viagem longa e complexa, repleta de desafios e emoções”, na verdade é uma viagem ao longo de toda a carreira do professor, na medida em que este está sempre em formação, no sentido de se atualizar e aperfeiçoar as suas estratégias. Assim, a Escola deve ser, também, um local de aprendizagem não só para os alunos, mas também, para os professores.

Referindo Emanuel Oliveira Medeiros (Medeiro: 2003, p. 17) a “Escola deverá ser um lugar para o despertar do pensar, da imaginação criadora, dos conhecimentos, sempre (re)construídos e activados”. Assim, a educação das nossas crianças/alunos deve ser rica em novas e ricas aprendizagens conjugadas com um ensino dinâmico e diversificado que lhes proponha uma completa aquisição dos conhecimentos. A relação ensino-aprendizagem passa por uma adequação entre a teoria e prática dos conceitos a transmitir aos alunos. Esta adequação aperfeiçoa-se, num primeiro momento, na fase de formação do futuro educador/professor e, mais tarde, já no ativo das suas funções enquanto educador/professor. É uma relação que se torna gratificante e enriquecedora tanto para o educador como para o educando. Isabel Alarcão (2002, p. 34) refere que “é no jogo entre a teoria e a prática que se constrói a teoria prática que caracteriza a actuação do professor”. É neste jogo que identificamos a didática, como uma área que aborda a ação do educador/professor; que trata do saber atuar em sala de aula e inclui em si uma mudança do processo de ensinar. Uma mudança que passe pela adequação de métodos e estratégias do educador/professor. Assim, como definir, didática? Uma disciplina? Um método? Alarcão (1991, p. 307) refere que a didática “é uma disciplina autónoma porque utiliza vários domínios do saber sem se identificar com nenhum deles ao colocar-se interrogações que lhe são próprias e ao encontrar para estas questões respostas que só ela sabe dar.” Deste modo, podemos afirmar que a didática assume-se como uma disciplina autónoma, no sentido em que serve todas as áreas do currículo. No presente trabalho refiro-me às didáticas de estudo do meio, mas poderia, também referir-me às didáticas do português ou da matemática. Assim, a didática está presente na forma de atuar do educador/professor em todas as áreas. Ora, o professor deve refletir, agir e aplicar os seus conhecimentos. Deste modo, cabe à didática “harmonizar três dimensões fundamentais: o agir, sempre com carácter artístico, a reflexão científica básica e a dimensão aplicativa tecnológica.” (Lourenço :1991, p. 334) Ora, neste sentido, é importante referir que no plano de estudo do terceiro ano da licenciatura em Educação Básica encontramos a disciplina de Didática de Estudo do Meio e no plano de estudos do mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico, no primeiro ano, existe a disciplina de Metodologias de Estudo do Meio. Ambas são disciplinas essenciais para a formação de um futuro educador/professor, pois incutem no futuro educador/professor a importância que a análise, planificação de atividades de ensino e aprendizagem, reflexão e a elaboração de materiais didáticos alternativos tem para o ensino da área de Conhecimento do Mundo e Estudo do Meio. Deste modo, posso afirmar que ambas ajudaram na construção de uma base científica para as práticas educativas supervisionadas I e II.

No mesmo fio condutor da didática ser uma disciplina que serve todas as áreas, também a área de Formação Pessoal e Social e área curricular não disciplinar de Cidadania servem as restantes áreas. Assim, verificamos que ambas são transversais, no sentido em que são abordadas e trabalhadas em todas as áreas curriculares. Consideramos estas áreas integradoras e integradas, “integradoras na medida em recebem contributos das diferentes áreas do saber e promovem uma procura de sentidos para as múltiplas e graduais experiências vivenciadas pelos alunos, sejam elas individuais ou colectivas; integradas porque estão adaptadas aos desafios que enfrentam e aos contextos específicos em que estes se situam, reconhecendo-se que cada sujeito está em crescimento e que o meio ecológico em que se desenvolve e a acção humana está em contínua mudança.” (Vilela: 2010, pp. 3-4) Durante este relatório é, também, meu objetivo esclarecer a importância destas áreas no desenvolvimento dos alunos enquanto cidadãos do mundo.

Na proposta curricular para os 1º, 2º e 3º ciclos – educação para a cidadania (Santos: 2010, p. 21) pode-se ler que a “utilização de pedagogias centradas na aprendizagem, com enfoque na qualidade do desempenho do aluno e a utilização de condições e situações estimulantes do ponto de vista intelectual (como a descoberta guiada, a resolução de problemas ou experiências de serviço comunitário, o ensino entre pares ou a aprendizagem cooperativa) são estratégias que, entre outras, podem facilitar ao aluno a atribuição de significado às aprendizagens de cidadania e uma consequente apropriação”. Deste modo, o educador/professor deve ser o mediador e implementador de novas estratégias de aprendizagem que consigam guiar o aluno para aprendizagens de sucesso.

Neste sentido, o estágio foi uma descoberta da minha forma de atuar, enquanto futura educadora/professora e, por isso, merece uma reflexão acerca de todo o processo formativo. Ora, torna-se importante “a necessidade da reflexão sobre as práticas, como forma de se poder vir a compreender melhor esta relação transformadora do saber em saber-fazer e em saber-ser e também a relação transformadora do saber-ser e do saber-fazer em renovado e mais aferido conhecimento” (Sá-Chaves: 2002, pp. 91-92).

Numa visão de reflexão, o relatório encontra-se dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo encontramos uma contextualização teórica com perceções de formação de professores, currículo e didáticas e como em conjunto são importantes na formação de futuros docentes. Qual a importância de uma formação contínua de professores? De que modo é que esta etapa interferiu na minha formação enquanto futura educadora/professora? O que é o currículo? O que são didáticas? De que forma é que a didática ajuda a planificar estratégias para o processo ensino-aprendizagem? Neste capítulo torna-se importante responder a estas questões no sentido de esclarecer a importância de todos

estes intervenientes no processo de formação de professores. É importante que o futuro educador/professor esteja aberto a mudanças, ou seja, que seja um docente capaz de se adaptar a novas estratégias pois, como refere Correia (1989, p. 89) “a formação de professores visa essencialmente a aquisição dos saberes e saber-fazer que eles devem transmitir aos alunos e a apropriação das técnicas susceptíveis de serem accionadas para que essa transmissão seja eficaz”. Do plano de estudos do mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1ºciclo do Ensino Básico fazem parte, no primeiro ano como disciplinas de opção, a Deontologia Docente e Desenvolvimento Profissional e Filosofia do Currículo, disciplinas muito importantes nesta etapa da minha formação.

O segundo capítulo incide na caracterização das instituições que me acolheram durante as práticas educativas supervisionadas I e II, assim como uma caracterização do meio envolvente das mesmas, para que possa questionar e perceber como é que a minha ação afetou as crianças/alunos que fizeram parte deste processo.

O terceiro capítulo inicia-se com a contextualização teórica e uma descrição dos programas das áreas de Conhecimento do Mundo e Estudo do Meio, que serve de orientação para os domínios que abordei em toda a minha prática educativa supervisionada. Esta descrição permite-nos verificar que as áreas de conhecimento do mundo e do estudo do meio não são só as ciências físicas e naturais, mas também, incluem as ciências humanas e sociais. Estas áreas permitem que os alunos tenham contato com todos os aspetos físicos, naturais, humanos e sociais da comunidade envolvente.

Ainda, no terceiro capítulo, descrevo as minhas práticas educativas I e II, respetivamente, e faço uma análise e reflexão da mesma, procurando, deste modo, entender de que forma é que as mesmas influenciaram o processo ensino-aprendizagem. Como futura educadora/docente é importante que perceba a importância desta fase de formação, assim como, ser capaz de refletir sobre as minhas escolhas e ação em contexto de sala de aula. Torna-se importante esclarecer questões como: fui capaz de desenvolver as competências pretendidas no planeamento das sequências didáticas? Será que consegui diversificar a prática pedagógica através de novas estratégias de aprendizagem? Consegui uma boa relação escola-alunos-comunidade? Consegui implementar as didáticas nas áreas referidas? As respostas a estas questões serão dadas neste capítulo, no qual o objetivo principal é refletir sobre a minha ação, pois é primordial que um futuro educador/professor saiba refletir sobre as suas estratégias no sentido de melhorar as mesmas para que o processo ensino-aprendizagem seja um processo de sucesso para todos os intervenientes do mesmo.

Por fim faço algumas considerações finais, em forma de síntese, de todo o trabalho. O relatório culmina com a bibliografia que suportou todo o trabalho.

# **CAPÍTULO 1**

## **1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA**



## 1.1 Formação de Educadores/Professores

Nesta fase, impõe-se uma reflexão sobre a formação de educadores/professores. E, naturalmente, é importante referir que todo este processo de práticas educativas supervisionadas e o presente relatório fazem parte das condições necessárias para estar habilitada para a docência (Decreto-Lei n.º 43/2007). Mas antes de partir para percepções sobre a formação de professores, é prioritário definir conceitos como educação e ensino. Afinal o que é educar? Ou ensinar? Por vezes, estes dois conceitos são confundidos como tendo o mesmo significado. De seguida irei procurar explicitar diferenças e percepções diferentes destes dois conceitos que fazem parte do vocabulário diário dos educadores/professores.

A educação compreende todo o processo, todo o percurso que o ser humano faz desde que nasce, ou seja, desde muito pequenos somos educados pelos nossos pais. Educam-nos a nível físico, emocional, afetivo, social para sermos capazes de crescer como cidadãos autónomos. Leif (1976, p.131) refere que a educação é o emprego “dos meios próprios para formar, para desenvolver fisicamente, afetivamente, intelectualmente, socialmente, moralmente, uma criança, um adolescente, pela exploração, orientação, valorização dos recursos do seu ser.” Deste modo, o conceito de educação é muito amplo, na medida em que envolve vários valores importantes para a construção integral do ser humano. Patrício (2006, p.144) afirma que a “educação é, na sua essência, um processo cultural”, isto é, o ser humano cresce inserido numa determinada cultura o que acaba por o influenciar na construção do seu “eu”, assim como o ser humano na construção de si mesmo produz cultura, produz mudanças no meio que o envolve. A educação é, portanto, todo o processo de socialização que envolve a construção da personalidade individual de cada ser humano. É intrínseca ao ser humano. Lorieri (2006, p.186) refere que os “seres humanos vivem e formam-se como humanos no trabalho, ou seja, nas relações de produção que implicam em relações sociais”. Permitam-me discordar. Na minha perspetiva, o ser humano vive e forma-se desde que nasce, nas relações com a família, com o meio envolvente, na escola. Todas as relações sociais que a criança possa ter desde tenra idade permitem o seu crescimento pleno enquanto ser humano. É a educação. Carvalho (2006, p. 200) refere, ainda, que “pela educação, o Homem é entendido como um ser que se define pela sua própria capacidade, afinal, a de, pela sua humanidade, se projetar na dupla dimensão de um ser (racional) em projeto, porque, no fundo, é na realidade um projeto de ser.” Ora, a educação será então um processo ao longo da nossa vida, pois



todos os dias somos educados e educamos, na rua, nas escolas, em casa...Somos seres em construção e, como tal, a educação faz parte dessa construção. Mas se a educação é um percurso ao longo da vida, onde será que o ensino encaixa nesse processo? Já delineamos que a educação começa desde que nascemos, agora iremos verificar se o mesmo acontece com o ensino. Assim começo por definir ensino. Ensino é a capacidade que o um educador/professor tem em transmitir os conhecimentos às suas crianças/alunos. Leif (1976, p.140) afirma que o ensino é a ação “pela qual o professor transmite ao aluno, faz adquirir, compreender, aprender, assimilar por este, conhecimentos gerais ou especiais, modos ou meios de pensamento, pelo emprego de métodos elaborados para esse efeito e graças à sua própria competência.” Pressupõe-se, então, que o ensino está confinado às salas de aula. Mas será que o professor apenas transmite os conhecimentos na sala de aula? Na minha perspectiva, o ensino abrange todo o ambiente escolar e todas as aprendizagens que as crianças/alunos possam realizar dentro ou fora do contexto de sala de aula. Paszkiewicz (2006, p. 78) refere que o ensino é “entendido como uma acção que requer como objecto da sua própria acção a aprendizagem de alguém.” Ora, quem ensina, também aprende. O ensino pressupõe uma aprendizagem anterior para que se possam transmitir conhecimentos. Paulo Freire (2010,p.23) afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” Deste modo verifico que o ensino não existe sem aprendizagem e vice-versa. Refiro ao longo do relatório que durante a minha ação e ao aplicar várias estratégias pedagógico-didáticas tive a oportunidade de ensinar as crianças/alunos, mas também aprendi para eles e com eles. Aprendi para eles, na medida em que preparei antecipadamente as minhas planificações, conteúdos e estratégias a aplicar; aprendi com eles, no sentido de os conhecer e em como adequar as minhas didáticas às dificuldades de cada um. O ensino exigiu de mim uma pesquisa aprofundada de conhecimentos, para que os pudesse transmitir corretamente às crianças/alunos. Ora, esta etapa de formação exigiu aprender para ensinar.

Após a explicitação destes dois conceitos, posso concluir que o educador/professor educa e ensina. Gonçalves (1995,p.156) refere que a “função do professor do ensino primário subentende ensinar, isto é, transmitir conhecimentos específicos e diversificados aos alunos, organizar o trabalho na sala de aula, manter a disciplina, estabelecer relações com as famílias, ter um papel de educador junto dos alunos, e, ainda, promover a animação de actividades escolares e paraescolares”. Cada vez mais, o papel do professor passa por ser educador, enquanto transmissor de valores. Nesta etapa de formação, pude já sentir esse papel, pois enquanto formanda tive a oportunidade de me relacionar com as crianças/alunos, não só na



transmissão de conteúdos, mas na transmissão de valores necessários à educação integral das mesmas. Todo este processo faz parte da etapa da formação de educadores e professores.

A formação de docentes inicia-se quando se ingressa num curso superior direcionado ao ensino, independentemente da área. Entramos em formação desde que iniciamos a licenciatura e percorremos todos os passos necessários até chegarmos às práticas educativas supervisionadas. Esta é a parte onde colocamos em prática os nossos conhecimentos, mas qual será a forma mais correta de o fazer? Esta foi, para mim, uma fase de várias experiências e aprendizagens com todos os intervenientes do processo. Sendo um processo de estágio, a meu ver, torna-se o momento para vivenciarmos a experiência da docência com mais curiosidade e interesse; é o momento de colocarmos dúvidas sobre aspetos como planificações, métodos, fundamentações, estratégias e é o momento de nos colocarmos no papel de futuros educadores/professores. Ora, enquanto formandos, devemos ter presente a necessidade de nos informarmos sobre o papel do professor, de como transmitir conteúdos às crianças/ alunos e de estarmos predispostos às mudanças que os tempos atuais exigem. No decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro podemos ler que é referência fundamental para a habilitação profissional “ o desempenho esperado dos docentes no início do seu exercício profissional, bem como a necessidade de adaptação do seu desempenho às mudanças decorrentes das transformações emergentes na sociedade, na escola e no papel do professor, da evolução científica e tecnológica e dos contributos relevantes da investigação educacional.

Esta é a fase mais importante desta etapa de formação pessoal e profissional, pois é nela que todos os conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura e do mestrado se unem e formam um só saber, se unem no sentido do formando aperfeiçoar a sua atuação em contexto de sala de aula. Todos esses conhecimentos são a base científica necessária para as práticas educativas supervisionadas, mas é nesta etapa de formação que aliamos os conhecimentos científicos, aos conhecimentos sobre, e dos alunos da escola que integramos durante o estágio e do meio que a envolve, para que a nossa atuação seja mais eficiente. Todos estes aspetos são peças fundamentais para o sucesso não só da nossa prática, mas também, do sucesso dos nossos alunos. Assim, é importante que enquanto futura educadora/professora aprofunde os direitos e deveres do educador/ professor. É sobre esses aspetos que me vou debruçar de seguida.

Segundo a alteração da lei de Bases do Sistema Educativa de 1986 presente na lei quadro n.º 49/2005 30 de Agosto de 2005 são objetivos da Educação Pré-escolar: estimular as



capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades; desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a atividade lúdica entre outros. Evidencio estes dois, pois são aqueles que mais se identificam com o tema do meu relatório, nunca esquecendo que todos os objetivos devem ser contemplados.

Para o desenvolver das competências acima referidas o educador de infância, segundo o decreto-lei nº 241 de 2001 de 30 de Agosto, deve organizar o espaço e os materiais concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas; deve disponibilizar e utilizar materiais estimulantes e diversificados, incluindo os selecionados a partir do contexto e das experiências de cada criança. O educador de Infância deve, ainda, planificar atividades que sirvam objetivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares.

“Atualmente, a formação contínua pode desempenhar um papel relevante no sentido da profissionalização, trabalhando, quer na (re) construção do saber pedagógico que caracteriza a profissão, quer na mudança das representações sociais dos próprios professores, (...)” (Ferreira:1994, p. 55).

Segundo Ilídio Ferreira (1994) a profissão docente é uma profissão em construção e, por isso, é importante que o docente seja inovador e ativo na construção do seu próprio saber.

Segundo a mesma lei Bases de Sistema Educativo é objetivo do 1º Ciclo do Ensino Básico assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social.

Segundo o decreto-lei acima referido, o professor do 1º Ciclo do Ensino Básico desenvolve o respetivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências.

Da formação profissional de um futuro professor pretende-se “que se promova a simbiose da teoria e da prática de ensino, durante os períodos quer da formação quer de exercício docente; o professor tem que ser permanentemente um investigador do ensino que pratica e um praticante do ensino na medida em que experimenta e aplica princípios



pedagógicos; “ (Ribeiro: 1998, p.126). O mesmo autor (pág. 127) refere “a exploração e experimentação de modelos e métodos de ensino alternativos representam uma estratégia significativa para o desenvolvimento dos conhecimentos e competências profissionais do professor, na medida em que promovem a flexibilidade na arte de ensinar e a escolha de um estilo próprio que melhor se adapte ao professor”

Deste modo, os professores tornam-se progressivamente mais competentes mediante a atenção prestada ao seu próprio processo de aprendizagem e ao desenvolvimento das suas características e competências.

No processo ensino-aprendizagem, não nos podemos esquecer que, existe uma partilha de responsabilidades “entre o professor (que deve ensinar a aprender) e o aluno (que deve aprender a aprender)” (Font: 2007, p. 70). Neste sentido, o professor deve aprender o que vai ensinar e planear as suas estratégias de aprendizagem de acordo com o que pretende que o aluno aprenda. O perfil do professor deve ser, portanto, o de “aprendiz, seleccionando, elaborando e organizando a informação que tem de aprender” e o de “ensinante, planificando a sua atividade docente, de forma a oferecer aos alunos, um modelo e um guia do modo como utilizar, de maneira estratégica, os procedimentos de aprendizagem.” (Font: 2007, p. 7)

A formação de futuros docentes deverá ser dirigida não só para as salas de aula, mas, também, para as várias funções docentes que o futuro educador/professor irá desempenhar numa escola. Deste modo, o professor deverá ser ter uma formação a nível pessoal, docente e institucional, nunca esquecendo os seus deveres éticos e deontológicos. No que se refere ao nível pessoal, Ribeiro (1998) afirma que há “uma dimensão pessoal na acção do professor: as suas características humanas, o seu nível de desenvolvimento pessoal, o seu estilo próprio, a sua maneira de estar no mundo têm grande influência na maneira como desempenha o seu papel”. Para além disso, o que o próprio docente pensa sobre o sistema de ensino influencia o modo como prepara e ensina os seus alunos.

Ao nível da docência, o futuro educador/professor deve estar preparado para planear as suas aulas e orientar as actividades propostas para os seus alunos da melhor forma possível, para que o grau de sucesso dos seus alunos seja o melhor. Deste modo, Ribeiro (1998) refere que “o professor deve ser um bom «decisor» pedagógico e um agente de ensino com conhecimentos e aptidões para conceber e conduzir actividades de ensino. A compreensão clara do processo de ensino é essencial para reorganizar tarefas pedagógico-didácticas básicas.”



Ao nível institucional o futuro docente deve estar preparado para ocupar um cargo institucional, pois está ligado a uma instituição social e é membro de uma profissão reconhecida. Para além destas ligações à profissão e a uma instituição, o professor actua nos contextos mais amplos da comunidade local e da sociedade em geral quando desempenha a sua função docente na escola.“ (Ribeiro, 1998:82)

Já referi anteriormente aspetos que devem ser primordiais na formação do educador/professor, mas não posso deixar de referir, também, os aspetos que envolvem o educador/professor como ser humano. “O acto educativo não existe plenamente sem uma concepção do ser humano” (Dias: 2004, p. 145). Neste sentido, posso afirmar que educar não se cinge apenas aos currículos e programas escolares, a educação é um campo mais amplo, a educação encerra em si não só conhecimentos, mas, também, valores. O educador/professor deve transmitir aos seus alunos maneiras corretas de estar em sociedade e no mundo que o rodeia. “O educador deve transmitir ao educando as formas de comportamento e de actuação correctos, os comportamentos vigentes, que devem ser assumidos de modo crítico e consciente.” (Dias: 2004, p. 147)

Quando me refiro aos valores e conceitos morais a ensinar aos alunos, estou-me a referir à ética dos professores, sendo esta “uma teoria do comportamento moral dos seres humanos em sociedade.“ (Dias: 2004, p. 23)

Para além da ética do professor enquanto ser humano, não posso deixar de referir “um conjunto normativo de imposições que deve nortear uma qualquer actividade profissional, em ordem ao tratamento equânime a todos aqueles que recorrem ao fornecimento de um bem e/ou serviço.” (Dias: 2004, p. 167) Este conjunto de regras ou normas é a Deontologia. A deontologia permite que haja uma regulação dos deveres e obrigações práticas e responsabilidade enquanto educadores/professores. Patrício (Patrício: 1993, p. 189) refere que a “deontologia educacional compreende todos os parceiros do processo educativo escolar. Esses parceiros são, em primeiro lugar, os educadores e os educandos.”. Deste modo os educadores/professores devem-se reger pelos seus deveres que podem ser, segundo Patrício (Patrício:1993, p. 190), agrupados nas seguintes classes a) relativos ao ensino; b) relativos à educação; c) relativos à comunidade; d) relativos à família; e) relativos à instituição escolar; f) relativos ao educando na sua qualidade de pessoa. Ora o mesmo autor enuncia alguns dos deveres em cada alínea referida anteriormente. Assim vou explicitá-las do seguinte modo:



## Os principais deveres do professor em relação

<b>Ensino</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ o de conhecer satisfatoriamente o sentido e finalidades da aprendizagem e do ensino e as condições básicas a que estão sujeitos;</li> <li>✓ o de actualizar e aperfeiçoar continuamente ambos os saberes anteriores;</li> <li>✓ o de conhecer, actualizar e aperfeiçoar as metodologias de ensino-aprendizagem.</li> </ul>
<b>Educação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ o de intervir activamente no processo educativo do aluno;</li> <li>✓ o de apoiar o aluno no seu processo educativo, a solicitação dele;</li> <li>✓ o de integrar os processos de ensino e de educação.</li> </ul>
<b>Comunidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ o de ser um cidadão cumpridor e, se possível, exemplar;</li> <li>✓ o de ajudar os seus alunos em situações sociais difíceis;</li> <li>✓ o de contribuir para o progresso educativo, cultural e social da comunidade.</li> </ul>
<b>Família</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ o de aceitar o direito de tutela educativa dos pais;</li> <li>✓ o de cooperar com a família no trabalho educativo dos educandos comuns, dentro e fora da escola.</li> </ul>
<b>Instituição escolar</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ o de respeitar e cumprir a legalidade estabelecida sobre o ensino e a educação;</li> <li>✓ o de respeitar e cumprir o estatuto da respectiva carreira;</li> <li>✓ o de respeitar as autoridades educativas e escolares e suas determinações legitimamente tomadas.</li> </ul>
<b>Educando</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ o dever sagrado de respeitar integralmente o educando como pessoa humana.</li> </ul>

Após averiguarmos os deveres dos professores, faz sentido verificar quais os direitos e deveres que estão presentes no Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensino Básico e Secundário na região dos Açores presentes no Decreto



Legislativo Regional n.º 11/2009/A. Este estatuto encara como deveres específicos dos educadores/professores os seguintes aspetos:

- “O contributo para a formação e realização integral dos alunos;
- A colaboração com todos os intervenientes no processo educativo;
- A participação na organização e responsabilização pela realização das atividades educativas:
- A gestão do processo de ensino:
- Aprendizagem no quadro dos programas definidos;
- A corresponsabilização pelo uso adequado das instalações e equipamentos escolares;
- O empenho na participação e conclusão das ações de formação em que participar;
- A realização (na Educação Pré-escolar e no Ensino Básico) das atividades educativas de acompanhamento de alunos, destinadas a colmatar a ausência imprevista e de curta duração do respetivo docente;
- A deteção – em cooperação com os restantes intervenientes no processo educativo – da existência de casos de crianças com necessidades educativas especiais.”

Para além destes aspetos, o educador/professor deve estar aberto à comunidade envolvente, pois nesta também vai encontrar muitos recursos para que o aluno tenha uma aprendizagem mais ampla e rica. Deve saber respeitar o meio que rodeia os alunos e adequar os seus métodos de ensino ao mesmo, deve encarar o seu educando como membro de uma família, como português, como europeu e membro de uma comunidade. Nóvoa (2002, p. 24) refere que os professores “têm de ser formados, não apenas para uma relação pedagógica com os alunos, mas também para uma relação social com as “comunidades locais””, ou seja, a formação do educador/professor deve passar também pelas relações que pode construir com a comunidade envolvente, no sentido de melhorar não só a sua atuação, enquanto agente educativo, mas também, enquanto membro da mesma comunidade.

Só assim o educador/professor agirá moralmente e eticamente da forma mais correta. Esses valores morais e éticos definem a ação do educador/professor, fazendo com que a docência seja uma “atividade essencialmente ética, quer pelas finalidades da acção educativa, quer pela exigência de rigor profissional e moral no seu desempenho” (Santos: 2007, p. 177).



---

Exige-se, neste sentido, que o professor exerça a sua profissão com toda a sua “existência humana” e todos os valores que isso mesmo implica. O educador não se pode esquecer que se apresenta como um “espelho” para os seus alunos, no sentido em que é uma figura constante no dia-a-dia dos seus alunos e é visto como um modelo a seguir.



## 1.2 Currículo e didáticas

Como referi, anteriormente, o educador/ professor desenvolve o respetivo currículo. Mas o que entendemos por currículo? Torna-se prioritário, rever os conceitos de currículo, para melhor entendermos como este se insere na formação dos professores.

Currículo tem vários significados, pode ser entendido como o nosso percurso profissional, curriculum vitae; como um dos temas maiores da Filosofia da Educação. Nas teorias tradicionais, é entendido, e engloba, conceitos de educação, ensino, aprendizagem e didática. Nas teorias críticas, currículo engloba conceitos como ideologia, poder, classe social, capitalismo e relações sociais de produção. Nas teorias pós-críticas, os seguintes conceitos tentam traduzir currículo: identidade, diferença, saber-poder, multiculturalismos.

Segundo Medeiros (2006, p. 70) originalmente, “curriculum” significava “pista de corrida”. Se partirmos deste sentido, podemos afirmar que o currículo é um caminho que se percorre ao longo da vida. É um percurso de aprendizagens durante toda a nossa ação enquanto educadores/professores.

Segundo Moreira e Macedo (2002, p.6) “os esforços para definir e controlar o que deve ser ensinado e aprendido nas escolas têm sido acompanhados de medidas que buscam estabelecer mecanismos de avaliação nas e das instituições educacionais, bem como de novas regras e diretrizes para a formação inicial e continuada do professorado. Assim, currículo, avaliação e formação docente têm representado os principais focos dos processos contemporâneos de reformulação das políticas e dos sistemas educacionais.” Neste sentido, podemos afirmar que, apesar da diversidade de concepções e práticas acerca do currículo, este apresenta-se, maioritariamente, como o centro do sistema educativo.

Em Educação, currículo apresenta-se como um conjunto de “objectivos ou resultados de aprendizagem a alcançar; matérias ou conteúdos a ensinar e experiências ou processos de aprendizagem.” (Ribeiro:1998, p.17). Num conceito mais comum, currículo é, por vezes, confundido com um “plano de estudos”, que consiste nos conteúdos lecionados ao longo do ano. Assim, identificamos currículo como uma “sequência de matérias ou disciplinas propostas para todo o sistema escolar, um ciclo de estudos, um nível de escolaridade, ou um curso, visando a graduação dos alunos nesse sistema, ciclo, nível ou curso.” (Ribeiro: 1998, p.11) É este conceito de currículo que nós abordamos quando tratamos das planificações, das estratégias, pois planeamos uma sequência que envolve as disciplinas, mas este conceito



estará relacionado com o conceito de currículo acima referido, um percurso que todos temos que percorrer. Esse percurso pode ser na evolução do planeamento de estratégias, mas também na evolução das nossas aprendizagens e educação. Medeiros (2006, p.70) refere que

“só uma educação reflexiva, construtiva e crítica – isto é, problematizadora e fazedora – pode estar na base de um currículo que contribua para o desenvolvimento permanente de cada um como pessoa, cidadão e (futuro) profissional.”

Ao nível educacional, currículo também é referenciado como sendo os programas de ensino, sendo estes “uma listagem, esquema ou sumário de temas e tópicos” (Ribeiro: 1998,12). Deste modo, no 1º ciclo do Ensino Básico, currículo corresponde ao programa total das diferentes matérias neste ciclo de estudos.

Segundo M. Fátima Sequeira (1991, p. 351) a formação de educadores/professores deve obedecer “a planos curriculares que privilegiem a competência científica, a competência pedagógica e a competência de gestão do processo educativo”. Neste sentido, na minha ação, tentei procurar conciliar todos os saberes adquiridos sobre o processo ensino-aprendizagem de forma a adequar as minhas intervenções. A mesma autora refere, ainda, que “o aluno ocupa um lugar de destaque no processo didático” e que “o professor deve ter capacidades para orientar e ajudar o aluno a desenvolver a sua aprendizagem com maior ou menor autonomia de acordo com as circunstâncias que o rodeiam e com os conteúdos programáticos em causa”.

“São as teorias da educação que darão ao professor segurança na tomada de decisões no ato pedagógico. A filosofia da educação pode-lhe oferecer segurança para interpretar o homem e a vida. Tendo conhecimento das bases fundamentais da filosofia da educação, o professor estará apto para desencadear o processo ensino-aprendizagem.” (Menegolla & Sant'Anna: 1991, p. 15) Para existir esse processo é também importante que o docente esteja ciente do que é a didática e para que serve. Podemos dizer que a didática “pretende orientar o agir do professor e do aluno na sua ação de ensinar, de educar e de aprender.” (Menegolla & Sant'Anna: 1991, p. 25)

A didática deve ser encarada como uma prática que leva ao professor a capacidade de escolher o que; o como e o porquê ensinar. A didática deve ajudar o professor a tomar decisões sobre como deve gerir o seu ato de ensinar. “O professor que sabe tomar decisões não se prende de forma categórica a uma só alternativa. Ele busca muitas soluções possíveis,



e, após uma análise profunda e criteriosa, vai optar pela mais segura e real” (Menegolla & Sant'Anna: 1991, p. 27)

A didática deve estar relacionada com os objetivos a alcançar no processo ensino-aprendizagem e na eficiência das pessoas que estão envolvidas no mesmo. Esta também deve estar relacionada com os conteúdos a serem ensinados e, claro, com as características dos alunos. Só conhecendo os nossos alunos poderemos escolher as melhores práticas, as melhores soluções e os melhores materiais para darmos resposta às necessidades dos alunos.

“Cada didática específica mobiliza saberes da sua área de especialidade e, ao mesmo tempo, saberes das Ciências da Educação. Esta interação viva implica uma (re) configuração dos conhecimentos tendo em vista os processos de ensino e aprendizagem. Articular, de modo reflexivo, a lógica da aprendizagem constitui um desafio permanente para os professores e para a conceptualização epistemológica no âmbito das didáticas. A reflexão sobre a problemática das Didáticas leva-nos a (re) visitar criticamente o estatuto da teoria, das teorias, mas igualmente, o domínio da acção, do fazer, da prática e da interação entre estas várias dimensões” (Medeiros: 2002, p. 12).

Nestas palavras de Emanuel Oliveira Medeiros está presente o porquê de querer ler e investigar mais sobre didáticas do estudo do meio. Tenciono refletir sobre a interação dos saberes do Jardim-de-Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico com as didáticas usadas. Neste sentido, Medeiros diz ainda “não podemos prescindir da reflexão, da investigação, da análise, da partilha de saberes e de experiências”. Sendo estes aspetos muito importantes para a nossa formação e ação nas escolas. Sozinhos não aprendemos, é na partilha de saberes que encontramos as respostas/soluções para as nossas intervenções e dúvidas.

Isabel Alarcão no 1º Encontro de Didática nos Açores, distingue dois tipos de didática: a operativa e a curricular. Vou-me debruçar mais sobre a didática curricular, sendo esta uma disciplina de quase todos os cursos de formação de professores. Assim, Isabel Alarcão situa o objeto de estudo desta didática na intersecção dos processos de ensino/aprendizagem e a sua relação com o conteúdo a aprender. Neste sentido, é a didática curricular que me interessa na elaboração deste relatório, embora nunca esquecendo a importância da didática operativa.

Como futura educadora e professora não poderei deixar de referir que a escola é o centro onde as didáticas se encontram. Assim, a escola é o espaço privilegiado do processo ensino/aprendizagem e, como tal, para desenvolver as práticas didáticas. “A Escola deverá ser um lugar para o despertar do pensar, da imaginação criadora, dos conhecimentos, sempre (re)



construídos e activados” (Medeiros: 2003, p. 17). Como tal, cabe ao educador e professor fazer com que os alunos despertem para o conhecimento, para a aprendizagem. Para isso, o educador, professor deve estar ciente das metodologias adequadas às suas crianças, assim “para a implementação de estratégias investigativas na sala de aula, o professor melhor habilitado será aquele que durante a sua formação vivenciou experiências análogas àquelas que se pretende que ele ponha em prática” (Gomes: 2003, p. 40).

Neste sentido, o educador e o professor deve ser, também, construtor e viabilizador do material pedagógico que usa adequando-o sempre às suas práticas pedagógicas. Assim, em vez de os cursos de formação inicial se debruçarem mais sobre as teorias pedagógicas deveriam dar ênfase às didáticas e ao “como ensinar”.

Muitos dos formandos, aquando do ingresso na carreira docente percebem o que vão ensinar, mas faltam-lhe bases de como o podem fazer da melhor maneira. Deste modo, torna-se necessário insistir na prática da formação dos docentes. Para tal, e retomando o meu tema, acho importante destacar os materiais pedagógicos como um suporte importante à lecionação de conteúdos, seja na Educação de Infância, seja no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Por vezes, os formandos, por não fazerem uma boa caracterização da instituição e do meio que os acolhe nesta fase de formação, não aproveitam todos os recursos que estão disponíveis através da escola e do meio que a envolve. Assim, o próximo capítulo refere-se à importância das caracterizações do meio, da escola e do grupo/turma que me acolheram durante as práticas educativas supervisionadas para a minha planificação e ação durante as sequências didáticas.

## **Capítulo 2**

### **2 Caracterização dos ambientes envolventes do estágio**



## 2.1 Caraterização da escola, meio e grupo da Educação Pré-Escolar.

Neste capítulo vou-me debruçar sobre a caraterização das comunidades, das escolas e do grupo e turma que me acolheram enquanto estagiária. Estas caraterizações foram de extrema importância para a minha ação em contexto de sala de aula. Ao longo do capítulo vou especificando alguns aspetos fundamentais que influenciaram as minhas sequências didáticas, assim como o planeamento das mesmas.

A prática educativa supervisionada I foi realizada na Escola EB1/JI Cecília Meireles. Neste ponto torna-se importante caraterizar todo o ambiente escolar e envolvente, para que se possa entender as minhas opções para as sequências didáticas. No momento em que partimos para lecionar em contexto de sala de aula, deve ser nossa primeira preocupação reunir informações sobre todo o ambiente que envolve a criança, pois é com essas informações que vamos procurar estratégias adequadas para a nossa ação.

A Escola EB1/JI Cecília Meireles fica situada na freguesia da Fajã de Cima. Esta é uma freguesia com uma ocupação de 1.1.89,3 hectares (área total) que confina a Norte com as freguesias de Fenais da Luz, S. Vicente Ferreira e Pico da Pedra. A oriente faz vizinhança com a Fajã de Baixo, a sul com as freguesias citadinas de: S. Pedro e S. Sebastião, e a ocidente, à sua direita com a maior congénere em Portugal, a freguesia dos Arrifes.

Entre o mar e a serra, sempre contrastou o verde dos pinhais e a brancura de algumas estufas. Assim, destaca-se a imponência do Pinhal da Paz que desde há muito é um convite ao contacto com a natureza, com o sossego e beleza paisagística.

A escola situa-se bem no centro da freguesia. É uma freguesia subúrbio da cidade de Ponta Delgada, e simultaneamente, zona de cultivo e pastagens. A economia assenta, essencialmente, nos serviços dos sectores primário (agricultura e agro-pecuária) logo seguida, dos sectores secundário e terciário, este com menor incidência, assegurado por pequenos núcleos familiares da freguesia. São exemplo disso, entre outras, as infra-estruturas e fábricas de aperitivos e outros bens alimentares, da panificação, da confecção, da restauração e outras. Existem, ainda, instituições de apoio social, nomeadamente: um Centro Paroquial, denominado, Nossa Senhora da Oliveira, que possui um A.T.L, um serviço de apoio à terceira idade no domicílio, cursos de formação para beneficiários do subsídio de inserção social e outros de carácter ocasional; uma Casa do Povo, onde funcionam serviços de atendimento de cuidados primários, e ainda, Associações Culturais e Recreativas (Banda de música, Grupo



Folclórico, Grupo Desportivo e Escuteiros) e recentemente uma Farmácia e uma Instituição Bancária. Todos estes serviços novos ou renovados são testemunho de muitas alterações que se reflectem nas famílias, tanto em termos económicos como sociais.

A proximidade desta freguesia à cidade permite que alguns agregados familiares exerçam a sua atividade profissional na mesma. Para estes, esta freguesia apresenta-se apenas como uma freguesia dormitório, enquanto outros permanecem nela diariamente, deslocando-se, ocasionalmente, à cidade.

Assim, o nível socioeconómico das famílias é bastante heterogéneo, tanto em termos sociais como económicos. Por um lado, existem polos organizados com boa qualidade de vida e um meio familiar estável e, por outro, há polos com meios familiares mal estruturados, onde persistem problemas relacionados com empregos precários e irregulares, alcoolismo e droga.

É este o meio em que a Escola se insere e, conseqüentemente, os alunos como parte integrante dele, sujeitos a todos os fatores acima referidos que naturalmente condicionarão a dinâmica pedagógica e escolar.

A escola EB1/JI Cecília Meireles encontra-se inserida na Escola Básica Canto da Maia.

Esta escola engloba dois níveis de ensino (1º Ciclo do Ensino Básico e Jardim de Infância): funciona em dois edificios (tipologia Plano Centenário). Existe, ainda, um terceiro edificio onde funciona a cantina.

A escola está dividida em dois grandes blocos: A e B.

No bloco A, piso 0, funcionam as salas A1 e A2 com o 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico e as salas A3 e A4 com turmas do 4º ano do mesmo ciclo. Neste mesmo bloco temos um alpendre, a sala dos professores, o gabinete do coordenador e o ginásio. A sala dos professores tem uma área de alimentação, uma fotocopiadora, um fax, dois computadores, um sofá e armários com material pedagógico diversificado. Ainda tem uma pequena sala onde funciona o gabinete da coordenadora da escola. O ginásio possui diverso material desportivo, três “cavalos”, sete colchões de ginástica, skates, arcos de vários tamanhos, bolas para vários tipos de desporto, um trampolim, um banco, cordas, patins, coletes e pinos marcadores, raquetes, um cesto de basquetebol e quatro espaldares. Para além deste material, o ginásio possui dois placards de cortiça, um quadro de lousa, oito cabides e uma zona de lavagem de mãos.



No bloco A, piso 1, funcionam quatro salas de aulas. As salas de aulas A5, A6 e A7 funcionam turmas de 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico. Na sala A8 funciona uma turma de 4º ano do mesmo ciclo.

No bloco B, piso 0, encontramos as salas B1 e B2, ambas com grupos da Educação Pré-escolar, e as salas B3 e B4 como salas de apoio. Neste bloco funciona, ainda, a sala de apoio aos alunos com UNECA e dificuldades de aprendizagem.

No bloco B, piso 1, funcionam as salas B5 e B6 com grupos da Educação Pré-escolar e as salas B7 e B8. Neste piso temos ainda a biblioteca.

Todas as salas são de soalho e possuem uma pequena faixa de mosaicos que constitui a área de lavagem das mãos; nesta mesma área, existe uma bancada de mármore com uma bacia de alumínio incorporada e armários. Cada sala dispõe de três janelas que permitem uma boa iluminação e arejamento.

Cada bloco possui dois halls de entrada com uma grande porta de madeira, uma janela de grandes dimensões, uma mesa, duas arrecadações, duas instalações sanitárias para alunos e uma para professores, circulações anteriores, duas sirenes e dois extintores.

O terceiro edifício é onde funciona a cantina. Está dividido em duas áreas, estando a cozinha a fazer essa divisão. Uma das salas recebe os grupos da Educação Pré-escolar, as mesas estão divididas pelo nome das educadoras, ou seja cada grupo tem o seu espaço marcado. A outra sala é reservada aos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico e está dividida pelo nome das professoras. Ambas estão equipadas com uma zona da lavagem das mãos e três janelas grandes.

O recreio escolar circunda estes três edifícios e é composto por uma parte de chão sintético com uma estrutura de baloiços, tabelas de Basquetebol e também balizas que possibilitam jogos de futebol. A restante área contém jogos tradicionais desenhados no chão. Todo o recreio está ladeado por canteiros com plantas diversas. Por este espaço estão distribuídos vários caixotes do lixo, sendo seis dele de reciclagem.

Esta caraterização foi de extrema relevância na minha atuação, pois, depois de conhecer o meio envolvente e o edifício da escola pude tomar decisões para a minha atuação. Foi importante reunir informações sobre o meio e com esta informação delineámos desde o início (núcleo de estágio), conjuntamente com a Casa do Povo, uma festa final aberta a toda a



comunidade, para que todos pudessem observar os trabalhos realizados pelos alunos e participar num convívio com os mesmos. Em relação à cantina, esta serviu de apoio na minha sequência de 24 de maio, pois como abordei produtos regionais tais como bolos levedos, ananas, etc, foi preciso deslocar o grupo para a cantina, um ambiente mais adequado para as crianças trabalharem com esses mesmos produtos.

Na sequência didática de 16 e 17 de maio abordei a reciclagem, na qual os alunos construíram ecopontos inspirados nos que já existiam na escola. Os alunos conseguiram compreender a importância da reciclagem para o ambiente e, também, para o crescimento deles enquanto cidadãos de uma comunidade. Estes foram os intervenientes mais participativos na transmissão de valores referentes aos cuidados a ter com ambiente para a comunidade.

Para além de caraterizar o meio envolvente e a escola (edifício) foi relevante fazer uma caraterização da sala de aula na qual decorreu o tempo de lecionação. O espaço e os recursos da mesma são importantes pois devem ser rentabilizados ao máximo no decorrer da ação educativa. Desta forma passo a mencionar alguns aspetos relativos à caracterização da sala que foram importantes para a minha ação.

A sala de aula B1 encontra-se no piso inferior do segundo edifício da Escola EB1/ JI Cecília Meireles. É uma sala com grande luminosidade devido à existência de três grandes janelas e ampla.

Na sala existe material didático colorido exposto pelas paredes o que a torna alegre e acolhedora. Existem, também, quadros de cartolina realizados pelos alunos a identificar a cor dos seus olhos, a cor dos seus cabelos e o sexo de cada criança. Existe um quadro grande de lousa. Este material didático serviu de ponto de partida, em todas as sequências didáticas, pois em grande grupo revíamos todos os cartazes, para que recordassem conteúdos lecionados anteriormente. Alguns jogos didáticos foram usados durante as sequências didáticas. Todos os recursos da sala de aula devem ser usados para e com as crianças, no sentido de enriquecer as suas aprendizagens. A estes materiais já existentes fui acrescentando outros, como um painel com as ilhas dos Açores, fantoches, puzzles, entre outros. Todos estes materiais foram realizados com o sentido de desenvolver a curiosidade e interesse das crianças para a área do Conhecimento do Mundo, sendo este o meu objetivo devido ao tema deste relatório. Poderiam as crianças adquirir novos conteúdos sem a presença destes materiais didáticos e estratégias diferentes? As crianças, nesta idade, ainda não têm os níveis de concentração para estarem



somente a ouvir o que o educador tem para transmitir. A meu ver e, segundo a minha experiência na prática educativa supervisionada I as crianças deste nível etário apreendem mais depressa os conteúdos com materiais apelativos que despertem a criatividade das crianças.

Visto ser uma sala direcionada para o ensino Pré-escolar, encontra-se dividida em sete áreas de atividades: plasticina, pintura, desenho, construção e garagem, jogos de mesa, casinha das bonecas e biblioteca. Cada área tem um limite de alunos. Para além destas áreas temos o “tapete”, que se encontra junto à área de construção e garagem.

É no “tapete” que se desenvolvem alguns dos momentos mais importantes da aula. É neste espaço que, se realiza o acolhimento do grupo pela manhã, se apresentam as actividades para o dia, se realizam as reflexões sobre o trabalho realizado e também as actividades em grande grupo.

A área da plasticina e da pintura partilham o mesmo espaço, uma bancada junto à porta de entrada com uma zona de lavagem de mãos. Embora partilhem a bancada, ambas estão bem definidas. Nesta área temos ainda uma mesa com quatro cadeiras (o numero limite de alunos nesta zona). Junto à parede existem dois cabides com dois aventais de plástico, porque na área da pintura só podem estar dois alunos de cada vez. Aqui ainda encontramos três baldes azuis com vários tipos de papel e instrumentos musicais (tambor, triângulo, xilofone, clavas, matracas, pandeireta).

A área de desenho acolhe seis alunos. Aqui encontramos dois placards de cortiça (nos quais são afixados os trabalhos realizados pelos alunos), e dois armários. Um deles é usado pela educadora para guardar toda a informação relativa ao grupo e o outro tem material usado pelas crianças: tesouras, tubos de cola, lápis de cor, canetas de feltro e papel. Ainda, nesta área, encontramos um caixote do lixo e uma mesa com seis cadeiras.

Contígua à área de desenho, a área de construção e garagem. Aqui é onde se encontra o tapete. Neste espaço existe um armário com seis caixas amarelas que contêm peças de jogos de construção e duas caixas médias com legos. Os materiais existentes são de fácil manuseamento devido ao tamanho das peças. Neste espaço, ainda existe um teatro para fantoches.



Junto ao quadro encontramos a área de jogos de mesa. Neste espaço existe uma mesa com seis cadeiras, (numero limite de alunos), e um armário com vários jogos, (puzzles, dominós, legos).

Ao lado da área referida anteriormente temos a área da casinha das bonecas onde se recria o espaço de uma casa. Encontra-se dividida em espaços diferentes: o quarto, a sala e a cozinha. Neste espaço encontramos uma pequena casa com cama, berço, seis pequenos armários, uma mesa com quatro cadeiras, (embora neste espaço possam estar seis alunos).

Por último, temos a área da biblioteca, situa-se à frente da porta, junto aos cabides dos casacos dos alunos. É a área mais pequena da sala, aqui temos uma mesa com quatro cadeiras e uma estante com alguns livros.

Todos estes espaços são fundamentais para a rotina do grupo, em primeiro porque ao escolherem o seu espaço ganham responsabilidades e em segundo porque cada espaço está destinado a desenvolver determinadas competências. Essas competências desenvolvem-se com estratégias adequadas ao grupo. Estratégias que são delineadas através de um conhecimento prévio do grupo. Neste sentido é importante que o primeiro contato com o grupo seja através da observação direta e indireta do mesmo, pois a observação “constitui naturalmente a primeira e necessária etapa de uma formação científica mais geral, tal como deverá ser a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada exigida pela prática quotidiana.” (Estrela: 1994, p.29) Quando iniciei a prática educativa supervisionada I questionava o porquê de observar, se podíamos estar diretamente com crianças, atuar em vez de observar. Seria fundamental observar o grupo? Essas questões obtiveram facilmente uma resposta, sim, é de extrema importância para a formação de professores a observação. As observações realizadas foram muito importantes para a caracterização do grupo e, conseqüentemente, um ajuste de estratégias para este grupo. Deste modo e para que se pudessem delimitar estratégias e objetivos tornou-se indispensável caracterizar a turma com a qual trabalhei. Só com algum conhecimento do grupo de crianças e de cada criança é que pude planificar e rentabilizar o processo de aprendizagens.

Esta caracterização foi possível através de vários instrumentos de recolha de dados como grelhas de observação da turma sobre as suas capacidades e comportamentos; consulta dos processos individuais das crianças e por último um inquérito e diálogo com a Educadora titular do grupo.



A turma 57 do Jardim de Infância funcionava na sala B1 do bloco B. Esta era constituída por dezoito alunos, treze meninos e cinco meninas, sendo que duas meninas, (A e B), estavam incluídas nas Necessidades Educativas Especiais (NEE). Era uma turma com onze alunos de quatro anos, seis de cinco anos e uma aluna de seis anos.

Os onze alunos com quatro anos frequentavam pela primeira vez a Educação Pré-escolar, os restantes frequentavam pelo segundo ano esta educação.

A aluna A veio transferida da EB1/JI Linhares Furtado, em 2009/2010. Já se encontrava referenciada com NEE devido a um défice cognitivo. Esta aluna estava abrangida por um programa de Intervenção. Semanalmente, à segunda-feira, pelas nove horas, dirigia-se com um auxiliar à Escola Básica Integrada da Canto da Maia para ser acompanhada ao nível da motricidade numa sala equipada para o efeito. Às terças-feiras a aluna tinha acompanhamento individualizado com a professora de NEE na escola.

Era uma aluna que necessitava de um acompanhamento constante na concretização de quase todas as atividades e demonstrava ter dificuldade em se manter atenta, embora já conseguisse passar mais tempo na realização de jogos de mesa, construção, modelagem e pintura. Precisou de um trabalho sistematizado em todas as áreas de conteúdo.

A aluna B realizava todas as atividades com entusiasmo e satisfação. Necessitava de um trabalho muito sistematizado de repetição em todas as áreas de conteúdos. Tinha muita dificuldade em perceber o conteúdo de uma mensagem oral, nem sempre respondia ao que lhe era perguntado quando esta questão saía do âmbito do concreto ou funcional. Frequentava a terapia da fala. Era uma criança com NEE (Necessidades Educativas Especiais). A aluna, todas as segundas-feiras, pelas dez horas e trinta minutos, ia à escola Básica Integrada da Canto da Maia para ser acompanhada ao nível da motricidade numa sala especializada para esse fim. Às terças – feiras tinha acompanhamento individual com a professora de NEE da escola.

O aluno C apresentava um atraso do desenvolvimento da linguagem. O aluno C estava sinalizado para frequentar a terapia da fala.

O aluno D apresentava dificuldades ao nível da oralidade, o que tornava difícil a compreensão do que o aluno queria transmitir. (EX: ao chamar por mim usava “Caia”). Demonstrava facilidade em reter os conteúdos abordados. Apesar de ter muita dificuldade na



articulação das palavras, participava com espontaneidade nos momentos de diálogo insistindo até ser compreendido. Frequentava a terapia da fala.

Os alunos E e F eram os mais tímidos do grupo. O aluno E não participava muito nos momentos de diálogo em grande grupo e, por vezes, demonstrava momentos de distração. O aluno F era pouco autónomo na guarda dos seus pertences e precisava de desenvolver muitas atividades que necessitavam da utilização da motricidade fina. Também não participava muito nos momentos de diálogo em grande grupo.

A turma, no seu geral, conseguia aplicar de forma satisfatória os conteúdos trabalhados. As crianças mostravam interesse e entusiasmo pelas atividades propostas.

Foi um grupo muito interessante para desenvolver estratégias pedagógico-didáticas diversificadas, no sentido em que tive a oportunidade de adequar as estratégias a crianças com vários e diversas dificuldades. Nesta fase de planificação surgiam dúvidas, como, por exemplo, como seria capaz de adequar estratégias diferentes devido à especificidade do grupo? Conseguiria que as crianças pudessem partilhar a mesma atividade? Num primeiro momento, apresentei algumas dificuldades em atividades de grupo, no sentido em que não consegui com que os conteúdos e atividades fossem adequados a todos. Mais tarde, e voltando às questões da observação, pois foram elas que me elucidaram para adequar as minhas estratégias, posso afirmar que a observação ajudou a melhorar a minha atuação, pois constituiu um forte suporte na fase de planificação. Ao planear tinha em conta observações anteriores, que me forneciam conhecimentos prévios do grupo e assim adequava todas as minhas sequências didáticas ao longo da minha atuação. Como já referi, anteriormente, a observação faz parte do primeiro momento desta etapa de formação, um segundo momento será a planificação. Com dados já recolhidos na observação é que vamos poder tomar decisões sobre a nossa ação. Deste modo a “planificação e a tomada de decisões são vitais para o ensino e interação com todas as funções executivas do professor.” (Arends:1995,p.44) Todo este processo de observação e planificação e mais tarde a reflexão, na qual me debruçarei no terceiro capítulo, só é possível quando logo no início se faz a caraterização de todo o meio envolvente. Esta caraterização foi fulcral para a minha atuação, pois o conhecimento prévio do grupo, escola e meio envolvente permite-nos uma melhor planificação das estratégias.



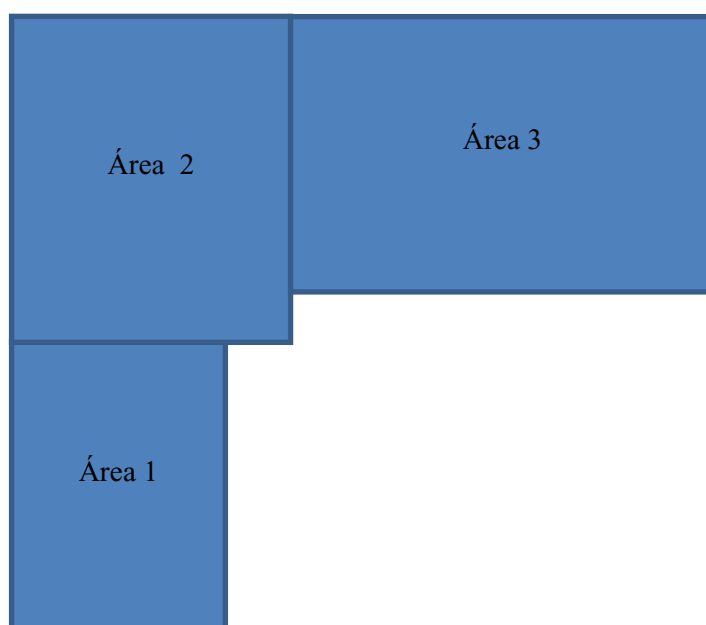
## 2.2 Caraterização da escola, do meio e da turma do 1º Ciclo do Ensino Básico

A prática educativa supervisionada II foi realizada na Escola EB/JI de S.Roque – Canada das Maricas.

A escola EB/JI de S.Roque – Canada das Maricas situa-se na Freguesia de S. Roque, concelho de Ponta Delgada. A freguesia de São Roque, situada na costa meridional da ilha de São Miguel, é uma localidade limítrofe da sede do Concelho de Ponta Delgada. Esta freguesia confronta com o mar e com as freguesias de Livramento, Fajã de Cima, Fajã de Baixo, São Pedro, Pico da Pedra (Ribeira Grande) e Rabo de Peixe (Ribeira Grande). Tem cerca de 4414 habitantes e uma área total de 7,06 km<sup>2</sup>. É constituída pelas zonas de Praia dos Santos, Terreiro, Madalena, Poço Velho e Pico das Canas.

Atualmente a sua população pertence a um nível socioeconómico médio e profissionalmente ocupa-se, na sua maioria, da agricultura, da pesca e do comércio. É uma freguesia onde existe “ uma grande heterogeneidade social, económica e cultural das famílias. Salientamos a existência de graves problemas de alcoolismo, comportamentos desviantes, desemprego, droga (Projeto Educativo de Escola – Roberto Ivens, 2011:5). No que diz respeito às instituições existentes nesta freguesia destacam-se: Igrejas, Farmácias, Correios, Escolas, Clubes Desportivos e Recreativos, Hotéis, Restaurantes e Lojas de Comércio Tradicional.

A escola EB/JI de S.Roque – Canada das Maricas pertence à Escola Básica Integrada Roberto Ivens. Esta escola funciona num único edifício, o qual dividi em três áreas: 1,2, 3 para melhor caracterizar o espaço.





Na área 1 funcionam, no primeiro andar, três salas, (1º Ano, 3º Ano e apoio especializado). Este andar tem duas casas de banho (meninos e meninas) e um espaço amplo com três mesas onde os alunos bebem o leite antes do intervalo. Entre as salas existe uma pequena área com uma bancada e armários com tintas e pincéis.

No rés-do-chão funcionam duas salas, (4º e 3º ano da escola do Livramento). A sala do 4º ano funciona até as quinze horas e depois torna-se na sala de ATL. Existem também duas casas de banho e uma bancada com água que serve de apoio à Expressão Plástica.

A área 2 está dividida em refeitório, ginásio, quatro gabinetes e uma casa de banho.

O refeitório tem uma cozinha equipada com frigorífico, fogão e armários. Neste espaço encontramos três gabinetes de apoio com fotocopiadoras e telefone.

O ginásio encontra-se ao lado do refeitório e possui algum material de Ed. Físico-Motora, nomeadamente, colchões, tabela de basquetebol, espaldares. Neste espaço existe, ainda, uma casa de banho e um gabinete de apoio para a higiene de uma aluna com NEE.

Na área 3, no piso superior, estão a funcionar seis salas, uma sala de professores e um gabinete de apoio educativo da Escola do Livramento. Existe, ainda, uma sala de apoio educativo à escola de S. Roque. Existem quatro casas de banho. No rés-do-chão funcionam três salas do Ensino do Pré-Escolar, três salas do primeiro ciclo (1º, 3º e 4º ano). Existe uma sala de Professores e duas casas de banho.

O recreio circunda a escola e tem dois parques infantis, num deles os alunos só usam o “escorrega”. Existe ainda um campo de jogos, onde, por vezes, é lecionada a área de Educação Físico- Motora.

Nesta escola, e segundo o Projeto Curricular de Escola, as atividades extra curriculares são: Atividades rítmicas, Voleibol e Basquetebol. Estas atividades são lecionadas no pavilhão junto da escola.

A sala de aula, onde decorrerá a minha ação, situa-se na área três, no rés-do chão. A sala tem 13 mesas (uma delas com livros dos alunos), 24 cadeiras e três quadros. Um deles serve os alunos do terceiro ano, outro os do segundo ano e outro ainda serve de apoio a um aluno que está no nível um. Existem, ainda, quatro armários com diverso material didático (ábacos, jogos didáticos, livros, manuais escolares, material de expressão plástica). A sala tem, também, dois computadores e uma impressora. As paredes estão divididas por áreas:



Português, Matemática e Estudo do Meio, onde podemos ver posters e conteúdos lecionados durante as aulas.

De seguida, irei caracterizar a turma na qual decorrerá a minha prática educativa.

Esta turma era constituída por 18 crianças. O grupo apresentava algumas especificidades (apresentadas no Relatório Circunstanciado de Aplicação - PEI): existiam três crianças (Paulo, José e Délcio) no 2ºano devido a retenções e uma aluna (Linda Inês) no 3ºano mas que trabalhava ao nível 2 a Língua Portuguesa; havia um aluno (João Pedro) que está no 3ºano/3ºnível mas que era apoiado pelo Ensino Especial, onde eram feitas adequações curriculares e onde recebiam apoio pedagógico personalizado; o Afonso Duarte encontrava-se também matriculado no 3ºano/3ºnível e recebia apoio especializado; o Marco e o Rodrigo estavam matriculados no 3º ano, mas encontravam-se no nível 1. Estes alunos recebiam apoio pedagógico personalizado. Existia um currículo específico individual a desenvolver na turma do ensino regular, assim como uma adequação de turma. Estas informações foram recolhidas através da consulta dos processos dos alunos. É de salientar que sete alunos recebiam apoio educativo.

Este foi um grupo muito heterogéneo como acabamos de verificar através da caraterização da turma. Aqui tive que adaptar várias estratégias para que todos conseguissem atingir os objetivos propostos para cada um. Retomamos, neste capítulo, algumas definições de currículo, pois nesta turma este foi sempre adaptado, no sentido em que alguns alunos tinham um currículo específico individual.

Assim, o currículo, e de acordo com a minha atuação no 1º ciclo do Ensino Básico, pode ter duas definições possíveis: por um lado currículo é encarado como “o elenco das disciplinas a leccionar – o que pode incluir apenas o nome da disciplina, mas também pode abranger o programa e os métodos a utilizar”; por outro lado é “o conjunto das actividades educativas programadas pela escola, ocorram elas na aula ou fora delas – incluindo assim as conferências, actividades teatrais e as desportivas, viagens de estudo, actividades de grupos criadas pela escola, o jornal escolar, etc” (Machado&Gonçalves:1991,p.43)

Na minha atuação tive a oportunidade de experienciar as duas definições, ou seja, encarar o currículo como um conjunto das disciplinas e métodos quando se tratava de planear as actividades das diferentes áreas do 1º Ciclo do Ensino Básico, mas também encarei o currículo como o conjunto de actividades educativas da escola, dentro ou fora da sala de aula,



no sentido em que algumas aprendizagens foram realizadas no meio envolvente da escola, nomeadamente numa visita de estudo à junta de freguesia de S. Roque.

Primeiro, vou-me debruçar no currículo como um conjunto de disciplinas que são alvo de uma planificação para uma melhor orientação do professor em relação aos conteúdos abordados. Neste sentido, Arends (1991,p.44) refere que o “currículo, tal como é publicado, é transformado e adaptado pelo processo de planificação através de acrescentos, supressões e interpretações e pelas decisões do professor sobre o ritmo, sequência e ênfase. E nas salas do 1º ciclo do Ensino Básico, onde um único professor é responsável por todas as disciplinas, as decisões de planificação sobre o que deve ser ensinado, o tempo que se deve dedicar a cada tópico e o treino que se deve proporcionar revestem-se de um significado e de uma complexidade suplementares.” O professor do ensino básico faz a suas planificações de acordo com o currículo dos programas, ou seja, os conteúdos a lecionar e o ritmo que o grupo possui. Neste caso, nesta turma existia um currículo específico individual, por ser uma turma muito heterogénea e haver ritmos diferentes na mesma. Mas de que se trata quando nos referimos ao currículo específico individual? Estes currículos visam uma adequação do currículo normal à turma que apresentem casos com muitas dificuldades. Nesse sentido, a Portaria n.º 275-A/2012 de 11 de setembro refere que a aprendizagem a desenvolver no âmbito destes currículos, deve ter, nos termos da referida disposição legal, uma forte componente funcional, visando sobretudo a aquisição de competências que possibilite uma vida o mais autónoma possível e com a máxima integração familiar, social e profissional. É um currículo adaptado pelo professor para que possa desenvolver competências básicas nos alunos com muitas dificuldades e que não alcançam os objetivos de outros. Neste sentido, na minha prática, adaptei sempre estratégias diferentes para cada nível de dificuldade da turma. Foi uma turma que exigiu muito trabalho, não só a nível profissional, mas também a nível pessoal e psicológico. Era uma turma com um vasto leque de dificuldades económicas, familiares e sociais, como podemos ver na caraterização do meio envolvente. Logo as crianças sentem necessidades que não se prendem apenas com aprendizagens, prendem-se, também, com necessidades emocionais. E qual o papel do professor nestes casos? Deve o professor ser um mero instrumento de transmissão de conhecimentos? O papel do professor passa por educar, ensinar e ser capaz de apoiar os seus alunos em todas as situações. Educar, quando o professor desperta as aptidões naturais do indivíduo e o orienta para a sociedade; ensinar quando transmite os conhecimentos/conteúdos e apoiar os seus alunos em todas as situações porque, por vezes, são os professores a única fonte de compreensão e afetos que os



---

nossos alunos têm. Atualmente, o professor encerra em si vários papéis. Desta forma, “pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afectivo dos seus alunos ” (Esteve:1991,100)

Ora, para que possa realizar o seu trabalho mais adequadamente, o professor, como já referi anteriormente deve possuir conhecimentos prévios dos seus alunos, da escola e do meio envolvente. Mas será, também, importante o conhecimento do currículo escolar, sendo este encarado aqui como o conjunto das disciplinas a leccionar. Assim, irei iniciar o próximo capítulo com a descrição da área do Conhecimento do Mundo e do programa de Estudo do meio. De seguida, irei descrever as minhas práticas educativas supervisionadas assim como apresentar as planificações das mesmas.

## **Capítulo 3**

- 3** Contextualizações, descrições, planificações e reflexões das práticas educativas supervisionadas.



### **3.1 Contextualização dos conteúdos das áreas do Conhecimento do Mundo e Estudo do Meio**

#### **3.1.1 Área do Conhecimento do Mundo**

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar constituem “ um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças.” (OCEPE:1997, p. 13). Estas orientações foram aprovadas pelo despacho n.º 5220/97 (2ª série), de 10 de julho, publicado no Diário da República, n.º 178, II série, de 4 de agosto. É importante referir que me guiei por estas orientações curriculares para a educação do pré-escolar aquando da realização do meu estágio nesta área. Após este período houveram alterações curriculares neste nível de ensino, como podemos verificar ao consultarmos o decreto-Lei n.º 91/2013 de 10 de julho (revisão de matrizes curriculares) e o despacho n.º 5122/2013 (definição das metas curriculares).

Nestas orientações podemos ler o princípio básico para a Educação Pré-Escolar: “a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”. (OCEPE:1997, p.15). Deste decorrem os objetivos gerais pedagógicos da educação pré-escolar:

- “Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;
- Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;

- Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas:
  
- Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
  
- Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
  
- Proporcionar à criança ocasiões de bem estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
  
- Proceder à despistagem de inaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;
  
- Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade. “ (OCEPE:1997, pp.15-16)

Pretende-se com estes objetivos criar as condições necessárias para as crianças aprenderem a aprender. Neste sentido, é no pré-escolar que as crianças começam a ser preparadas para várias aprendizagens e maneiras de estar na escola e, também, na sociedade. É importante salientar que a criança já traz consigo conhecimentos do ambiente e da comunidade próxima. Assim, é fundamental ensinar a partir “do que as crianças sabem, da sua cultura e saberes próprios. Respeitar e valorizar as características individuais da criança, a sua diferença, constitui a base de novas aprendizagens. A oportunidade de usufruir de experiências educativas diversificadas, num contexto facilitador de interações sociais alargadas com outras crianças e adultos, permite que cada criança, ao construir o seu desenvolvimento a aprendizagem, vá contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem dos outros.” (OCEPE:19)

Com o objetivo “desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo” pretende-se que as crianças alarguem o seu conhecimento nas áreas de expressão e comunicação e conhecimento do mundo. Neste sentido, é importante que se verifique uma articulação de conteúdos de várias áreas para que a aprendizagem da criança seja o mais completa possível. A área de expressão e comunicação engloba diferentes domínios: o das expressões (motora; dramática; plástica e musical); o da linguagem e abordagem à escrita e o da matemática. “Deste modo, a área de Expressão e Comunicação constitui uma área básica que contribui simultaneamente para a Formação Pessoal e Social e para o Conhecimento do Mundo. Por seu turno, a área do Conhecimento do Mundo permite articular as outras duas, pois é através das relações com os outros que se vai construindo a identidade pessoal e se vai tomando posição perante o “mundo” social e físico.” (OCEPE:1997, p.21)

A área do conhecimento do mundo é a área na qual me irei debruçar, no sentido de descrever o que se pretende abordar com as crianças nesta área.

“A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.” (OCEPE:1997, p.79)

Esta área aponta para várias áreas científicas e sociais que são necessárias para “enquadrar e sistematizar a compreensão do mundo” (OCEPE:1997, p.80). Encara-se o Conhecimento do Mundo como uma sensibilização às ciências devido a conteúdos relacionados com a biologia, física, química. “A sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais. Interrogar-se sobre a realidade, colocar problemas e procurar a sua solução constitui a base do método científico. Também a área do Conhecimento do Mundo deverá permitir o contacto com a atitude e metodologia própria das ciências e fomentar nas crianças uma atitude científica.” (OCEPE:1997, p.82)

As crianças deverão ser expostas a diferentes experiências que lhes permitam questionar certas vivências a que estão sujeitas no dia-a-dia ou no seu meio mais próximo. Desta forma, podem “brincar com a água, encher e esvaziar recipientes” (OCEPE:1997, p.82) para verificarem que o ar ocupa espaço. Podem, também, realizar experiências com luz e sombra para explorarem, por exemplo, a inclinação e o tamanho das sombras (física e



química). A observação do tempo (meteorologia) fazem parte da rotina da criança na sala de aula, esta pode ser aprofundada com experiências que envolvam, por exemplo a condensação, evaporação. A geografia e a geologia podem ser abordadas a partir do meio próximo da criança, como observação e exploração dos meios físicos da região onde vive, assim como a observação e exploração de rochas e diferentes tipos de solo.

A área do conhecimento do Mundo não explora somente áreas científicas, explora também o meio social. Neste sentido, nestas idades podemos abordar com as crianças não só a história do meio envolvente, mas também a história pessoal da criança (família, onde vive, com quem, regras que tem para viver em sociedade, etc). Para além disso, nestas idades e, segundo o OCEPE devemos também explorar a educação para a saúde, “a educação para a saúde e higiene fazem parte do dia a dia do jardim de infância, onde a criança terá oportunidade de cuidar da sua higiene e saúde e de compreender as razões” (OCEPE:1997, p.84) que a leva a ter esses cuidados. Deste modo pode-se gerar conhecimentos relacionados com o corpo humano.

A criança chega ao pré-escolar já com algumas regras de convívio em sociedade, mas é importante, nesta fase, salientar e vincar essas regras, ao mesmo tempo que novas se vão introduzindo, sejam elas de como devem viver em sociedade mas, também, como tratar o ambiente para que possa usufruir dos meios naturais por mais tempo. “Deste modo a educação ambiental relaciona-se com a educação para a saúde – bem-estar, qualidade de vida – incluindo os cuidados com a preservação do ambiente.” (OCEPE:1997, p.84)

No que concerne à metodologia científica, o educador deve permitir que a criança pense, execute e registre, ou seja, ao educador cabe o papel de orientador que aprofunda os conhecimentos e conceitos. Este deve proporcionar à criança momentos diferentes antes, durante e após as experiências.

Num primeiro momento, as crianças devem poder observar o que envolve a experiência/atividade que vão desenvolver. Neste momento podem realizar registos escritos através de desenhos, gráficos ou descrições que o educador pode e deve apontar, sobre as expectativas, sobre o que irá acontecer.

O segundo momento é a realização da experiência/atividade. Neste as crianças devem estar envolvidas, devem ser participantes ativos no desenrolar da experiência.

Num terceiro momento, o educador e as crianças devem discutir os resultados, devem “verificar as hipóteses construídas” (OCEPE:1997, p.82) inicialmente e registrar os resultados comparando-os com os realizados antes da experiência/atividade.

Estes passos devem permitir que a criança comece a interiorizar conhecimentos de forma gradual e construtiva. Neste sentido, é importante, também, que “o educador escolha criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança.” (OCEPE:1997, p.83)

Esta área deve “proporcionar aprendizagens pertinentes com significado para as crianças que podem ou não estar obrigatoriamente relacionadas com a experiência imediata.” (OCEPE:1997, p.85).

Para finalizar, o Conhecimento do Mundo é uma área que apela ao espírito crítico, à capacidade de observar e de experimentar da criança. É uma área que engloba não só as ciências mas, também, a cidadania (sendo que esta é transversal a todas as áreas), a história e a geografia. É uma área que permite à criança aprender conteúdos diversificados.



### 3.1.2 Área de estudo do meio

A área de estudo do meio desenvolve-se a partir do princípio que “todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas.” (programa 1º CEB:2004, p.101)

Assim, a área de estudo do meio visa levar os alunos a compreenderem melhor o que os rodeia. A escola é um local privilegiado para os alunos partilharem as diferentes situações que cada aluno vivencia no seu dia-a-dia e, para os ajudar, a perceber essas mesmas diferenças e a razão de existirem.

Todos os alunos possuem o seu próprio mundo e, todos, partilham curiosidades sobre “mundos” longínquos daquele que lhes é familiar. Neste sentido, esta área é muito relevante e importante para o desenvolvimento da aprendizagem e apreensão de novos conhecimentos. “O Estudo do Meio é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, a Etnografia, entre outras, procurando-se assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a sociedade” (programa 1º CEB:2004, p.101).

Esta área é, portanto, fundamental para a aprendizagem global da criança, no que concerne às relações sociais e os fenómenos científicos da Natureza.

O programa de estudo do meio foi aprovado no despacho 139/ME/90, com o decreto-lei 286/89, contudo sofreu alterações, estando a última presente através do decreto-lei n.º 91/2013, de 10 de julho que estabelece as novas matrizes curriculares do 1.º ciclo do ensino básico e dos cursos profissionais do ensino secundário. Os ajustamentos agora introduzidos visam a integração nos currículos de componentes que fortalecem o desempenho dos alunos e que proporcionam um maior fortalecimento das suas capacidades.

Os objetivos gerais do estudo do meio são:

- Estruturar o conhecimento de si próprio, desenvolvendo atitudes de auto-estima e de autoconfiança e valorizando a sua identidade e raízes;
- Identificar elementos básicos do Meio Físico envolvente (relevo, rios, fauna, flora, tempo atmosférico...etc);
- Identificar os principais elementos do Meio Social envolvente (família, escola, comunidade e suas formas de organização e actividades humanas) comparando e relacionando as suas principais características;
- Identificar problemas concretos relativos ao seu meio e colaborar em acções ligadas à melhoria do seu quadro de vida;
- Desenvolver e estruturar noções de espaço e de tempo e identificar alguns elementos relativos à História e à Geografia de Portugal;
- Utilizar alguns processos simples de conhecimento da realidade envolvente (observar, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas, ensaiar, verificar), assumindo uma atitude de permanente pesquisa e experimentação;
- Seleccionar diferentes fontes de informação (orais, escritas, observação...etc) e utilizar diversas formas de recolha e de tratamento de dados simples (entrevistas, inquéritos, cartazes, gráficos, tabelas);
- Utilizar diferentes modalidades para comunicar a informação recolhida;
- Desenvolver hábitos de higiene pessoal e de vida saudável utilizando regras básicas de segurança e assumindo uma atitude atenta em relação ao consumo;

➤ Reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas, rejeitando qualquer tipo de discriminação;

O programa de estudo do meio assenta nos objetivos acima referidos. Deste modo, para que seja melhor explorado, no sentido de atingir os objetivos propostos, o programa divide-se em seis blocos.

Bloco 1 – À descoberta de si mesmo;

Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições;

Bloco 3 – À descoberta do ambiente natural;

Bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços;

Bloco 5 – À descoberta dos materiais e objectos;

Bloco 6 – À descoberta das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade.

Estes blocos, juntos, vão permitir que o aluno cresça como um ser curioso e desperto para o mundo que o rodeia e que melhor entenda as relações a que está sujeito, tanto com a sociedade como com a Natureza. Para melhor entendermos este processo é necessário analisar cada bloco acima citado. Assim, segue-se a análise de cada um.

Com o bloco 1 – À descoberta de si mesmo - “pretende-se que os alunos estruturem o conhecimento de si próprios, desenvolvendo, ao mesmo tempo, atitudes de autoestima e autoconfiança e de valorização da sua identidade e das suas raízes.” (programa 1º CEB:2004, p.101). Neste bloco, abordámos, no primeiro ano, a identificação da criança, os seus gostos e preferências e o seu corpo (saúde e segurança do mesmo). Deste modo, a criança vai-se começar a conhecer melhor como indivíduo e, também, a reconhecer partes do seu corpo (cabeça, tronco e membros) e algumas modificações no mesmo, como o peso e a altura. Relativamente à saúde do seu corpo, a criança começa a consciencializar-se da importância dos seus cuidados de higiene, tanto do corpo, como os cuidados alimentares. No que concerne ao seu passado próximo, a criança começa a nomear dias da semana e a localizar no espaço determinados acontecimentos. No 1º ano, também, já começam a exprimir as expectativas para o futuro próximo ao relatar, por exemplo, o que vão fazer nas férias ou no fim de semana.

No segundo ano, o programa de estudo do meio, pretende consolidar os conhecimentos apreendidos durante o 1º ano. Neste sentido, a criança vai aprofundar os seus conhecimentos. No que diz respeito ao seu passado mais longínquo, o aluno reconhece a o mês em que nasceu, identifica o ano comum ou bissexto. Relativamente ao seu corpo, o aluno aprende a localizar, no corpo, os órgãos dos sentidos e distinguir objetos pela suas formas, sons e cheiros. Aprendem, também, como acontece a queda dos dentes de leite e nascimento da dentição definitiva, (as regras e cuidados de higiene continuam a ser abordados).

Ainda, no segundo ano,( ponto 5, pág. 108), em relação à segurança do seu corpo, as crianças aprendem a conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária, como os sinais de trânsito úteis para elas, sinais de peões; a identificar alguns cuidados na utilização dos transportes públicos e de passagens de nível; a aplicar regras de segurança na praia, nos rios e piscinas.

No terceiro ano, a criança aprende a sua naturalidade e nacionalidade. Pretende-se, neste ponto, que as crianças saibam a distinção entre a freguesia, concelho, distrito, país, e que reconheçam símbolos locais, regionais e nacionais como bandeiras, hinos e brasões.

É, neste ano, que as crianças aprendem como funciona o seu corpo, através do estudo dos sistemas do corpo humano (digestivo, respiratório, circulatório, excretor e reprodutor) assim, como, as suas funções vitais. Para além de conhecerem os sistemas do corpo, também, aprendem os perigos de algumas substâncias para o seu corpo.

No quarto ano, as crianças aprofundam os seus conhecimentos ao nível do corpo humano, nomeadamente, dos ossos, dos músculos e a pele. Aprende, ainda, a função de cada um e reconhece a importância dos mesmos. Em relação à segurança do seu corpo, os alunos aprendem a conhecer algumas regras de primeiros socorros; a aplicar regras de prevenção de incêndios e regras de segurança anti-sísmicas.

No bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições \_o aluno inicia-se “no modo de funcionamento e nas regras dos grupos sociais, ao mesmo tempo que deverá desenvolver atitudes e valores relacionados com a responsabilidade, tolerância, solidariedade, cooperação, respeito pelas diferenças, comportamento não sexista, etc.” (1º CEB:2004, p. 110). É neste bloco que se aborda conceitos referentes ao tempo histórico “partindo da história da família da criança para se alargar à história do meio local e às suas ligações com a história nacional” (1º CEB:2004, p.110).

No primeiro ano, os alunos devem estabelecer relações de parentesco, assim como, conhecer os nomes próprios dos familiares mais próximos e representá-los em desenhos. Estes aprendem a conhecer a sua turma e escola. Devem participar na arrumação da sala e do seu espaço de estudo, assim como, participar na elaboração das regras da sala de aula e saber os seus direitos e deveres como membro da comunidade escolar.

No segundo ano, os conteúdos abordados estão relacionados com o passado próximo familiar, a criança deve reconhecer datas e factos e localizar locais importantes. A vida em sociedade, os modos de vida e funções de alguns membros da comunidade e as instituições e serviços também são abordados neste ano. Deste modo, o aluno aprende regras de convivência em sociedade; contatar e descrever profissões e recolher dados sobre coletividades, serviços de saúde, correios, etc.

No terceiro ano, os alunos devem conseguir organizar uma árvore genealógica simples. Deve, também, reconhecer o passado familiar mais longínquo através do reconhecimento de factos e locais importantes para a família. É, nesta fase, que os alunos começam a reconhecer o passado do meio local onde vivem, símbolos locais, regionais e nacionais e culturas diferentes da sua que estejam inseridas na comunidade envolvente.

O quarto ano será o ano de consolidação dos pontos abordados anteriormente, nomeadamente, o passado do meio local, no qual os alunos podem realizar trabalhos de pesquisa sobre o passado do meio que os envolve. Para além disso, os alunos entram em contato com o passado histórico nacional, como tal devem conhecer personagens e factos históricos relacionados com o nosso país.

O bloco 3 – À descoberta do ambiente natural – “compreende os conteúdos relacionados com os elementos básicos do meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo), os seres vivos que nele vivem, o clima, o relevo e os astros.

A curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada e os alunos encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples”. (1º CEB:2004, p.115).

Neste sentido, no primeiro ano, pretende-se que os alunos reconheçam os seres vivos do seu ambiente; os aspetos físicos do meio local e identificar cores, sons e cheiros da natureza. Deste modo, os alunos devem reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e



animais, assim como, algumas manifestações da vida vegetal, animal e do seu quotidiano (como, por exemplo, o dia e a noite).

No segundo ano, as crianças devem reconhecer os seres vivos do seu ambiente, animais ou plantas. Neste ano, os alunos devem, ainda reconhecer aspetos físicos do meio local como a existência do ar (através de experiências) e o ar em movimento (vento, correntes de ar). Para além disso, os alunos devem reconhecer aspetos físicos e seres vivos de outras regiões ou países.

No terceiro ano, este bloco ocupa um lugar de destaque, ou seja, os alunos trabalham de forma sistemática os conteúdos relacionados com este bloco. Deste modo, os mesmos abordam os seres vivos do ambiente próximo ao caracterizar as plantas com alguns critérios; ao realizar experiências e observar formas de reprodução de plantas; ao classificar animais de acordo com as suas características e identificar fatores do ambiente que condicionam a vida das plantas e dos animais. Pretende-se, também, que os alunos consigam estudar alguns aspetos físicos do meio local através de recolha e estudo de vários tipos de solo e que possam distinguir formas de relevo e meios aquáticos existentes na região ou no país. Num outro ponto, os alunos devem estudar os astros, reconhecer o sol como fonte de luz e calor e reconhecer as posições que este ocupa ao longo do dia; reconhecer os pontos cardeais e distinguir os planetas das estrelas.

No quarto ano, os alunos abordam aspetos físicos do meio. Devem ser capazes de reconhecer alguns fenómenos como a condensação, solidificação e precipitação e realizar algumas experiências que representem esses mesmos fenómenos. Em relação aos astros, os alunos devem constatar a forma da Terra através de fotografias, assim como as fases da Lua e o sistema solar. No que se refere aos aspetos físicos de Portugal os alunos devem reconhecer e identificar os maiores rios do país e, também, as suas maiores elevações.

No bloco 4 – À descoberta das inter-relações \_ as crianças devem ser capazes de identificar e reconhecer espaços que lhe são familiares, assim como delinear itinerários. “A criança tem uma percepção subjectiva do espaço que foi adquirido ao longo da sua vida através das relações que estabeleceu com os objectos. É importante sublinhar que as noções de espaço se constroem através da acumulação de experiências práticas em todas as situações que envolvam deslocações, localizações, distâncias...” (1º CEB:2004, p.119).

No primeiro ano, as crianças devem ser capazes de reconhecer espaços mais familiares, como a sua casa, a sua escola e os seus itinerários. Neste sentido, devem

reconhecer os diferentes espaços da casa e da escola e as suas funções e, também, descrever itinerários diários e representá-los.

No segundo ano, o programa propõe o aprofundamento e a consolidação dos conteúdos lecionados no ano anterior, ou seja, que sejam capazes de descrever não só os seus itinerários diários mas outros que não lhe sejam tão próximos. Para além disso, os alunos devem ser capazes de identificar os diferentes meios de comunicação: comunicação pessoal e social e vários tipos de transporte.

No terceiro ano, os alunos devem ter a capacidade de traçar itinerários em mapas ou plantas; localizar espaços em relação a um ponto de referência; conhecer os diferentes espaços do seu bairro ou da sua localidade; reconhecer as deslocações dos seres vivos; observar e descrever diferentes locais de comércio local e a evolução dos meios de comunicação.

No quarto ano, os alunos devem ser capazes de observar aspetos e contato entre a terra e o mar, como identificar aspetos da costa portuguesa e localizá-los no mapa. Devem, também, localizar no planisfério e no globo os continentes, oceanos, ilhas; identificar sinalização das costas; observar as marés e seres vivos encontrados na praia e reconhecer o oceano Atlântico como fronteira marítima de Portugal. Os alunos devem reconhecer aglomerados populacionais, identificar as capitais de distrito e a capital do país. Neste ano, devem, também, ser capazes de localizar Portugal no mapa da Europa; reconhecer fronteiras e localizar no planisfério e no globo os países lusófonos.

No bloco 5 – À descoberta dos materiais e objectos \_ pretende-se “fundamentalmente desenvolver nos alunos uma atitude de permanente experimentação com tudo o que isso implica: observação, introdução de modificações, apreciação dos efeitos e resultados, conclusões.” (1º CEB:2004, p.123)

No primeiro ano, os alunos devem realizar experiências com alguns materiais e objetos de uso corrente como comparar alguns materiais e agrupá-los segundo as suas propriedades; realizar experiências com água, som e manusear objetos em situações concretas, ou seja, pretende-se que os alunos saibam algumas características da água, que reconheçam objetos que flutuam ou não; que saibam identificar sons do seu ambiente imediato e que saibam usar os materiais necessários nestas experiências com a devida segurança.

No segundo ano, pretende-se que os alunos aprofundem e realizem experiências mais complexas, como reconhecer que o ar tem peso.

No terceiro ano, os alunos realizam experiências com luz, ímanes e mecânica. Pretende-se que os alunos identifiquem fontes luminosas; que observem a passagem da luz através de objetos transparentes (lentes, prismas, água); observem a intersecção da luz pelos objetos opacos – sombras; realizem jogos de luz e sombra e observem e experimentem a reflexão da luz em superfícies polidas. Com os ímanes, os alunos podem verificar o comportamento dos materiais em presença de um íman e magnetizar objetos metálicos. Ao realizarem experiências de mecânica, os alunos devem realizar experiências que envolvam força (com alavancas, quebra-nozes); equilíbrio (construir balanças, baloiços, mobiles); transmissão do movimento e movimento (experiências com roldanas, rodas dentadas e pêndulos); elasticidade (com molas e elásticos).

No quarto ano, os alunos aprofundam o conhecimento científico das experiências realizadas anteriormente, assim, estes realizam experiências que envolvam água, eletricidade, ar e som. Estas devem permitir que o aluno seja capaz de constatar vários princípios científicos, tal como, o princípio dos vasos comunicantes, a ebulição, evaporação, solidificação, fusão e condensação, construir circuitos elétricos simples e reconhecer a pressão atmosférica.

No bloco 6 – À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade \_ pretende-se promover “atitudes relacionadas com a conservação e melhoria do ambiente, o uso racional dos recursos naturais” (1º CEB:2004, p.127), assim como, uma atitude esclarecida e participativa no que diz respeito à resolução de problemas ambientais.

Este bloco é dirigido para o terceiro e quarto ano. No terceiro ano, os alunos abordam os seguintes temas: a agricultura, a criação de gado, a exploração florestal, a atividade piscatória, a exploração mineral, a indústria, o turismo, as construções do meio local. Este bloco deve-se “relacionar-se com a realidade próxima dos alunos, partindo sempre da observação directa com recolha de informação através de entrevistas, recolha de imagens, etc” (1º CEB:2004, p.127).

No quarto ano, pretende-se, com este bloco, que os alunos reconheçam as principais atividades produtivas nacionais como atividades económicas importantes para Portugal, assim como, a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio e serviços. Neste ano, ainda abordam a qualidade do ambiente. Pretende-se que os alunos se consciencializem da importância da qualidade da água e do ar e como preservar os recursos naturais.

### **3.2 Descrição das sequências didáticas da educação Pré-Escolar**

Durante a nossa formação, o primeiro contato com a realidade escolar foi a prática pedagógica I, que se realizou numa sala de Pré-escolar. Assim, iniciamos a nossa prática na educação pré-escolar.

“A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” (OCEPE:1997, p.7). É durante a educação pré-escolar que se criam as condições básicas para que a criança comece a aprender como aprender. Neste sentido, pretende-se que as crianças iniciem um processo de aprendizagem, no qual aprendam regras da sala de aula, convívio com os outros e que tenham contato com algumas áreas que irão desenvolver, mais tarde, no 1º Ciclo do Ensino Básico. Deste modo, irei passar à descrição das atividades que desenvolvi durante a minha prática na Educação Pré-escolar. Essas atividades foram desenvolvidas de acordo com a área do Conhecimento do Mundo e Formação Pessoal e Social.

Nos dias 2 e 3 de Maio, as crianças desenvolveram o contacto com as ciências assim como comportamentos de apoio e entreajuda. Para esta última competência, durante a sequência didática, realizaram trabalhos de aprendizagem cooperativa em vários trabalhos como a construção de puzzles, (vulcão) e maquetas, (arquipélago dos Açores). Este tipo de atividades surgiu, porque algumas crianças apresentaram, por vezes, dificuldades em partilhar os materiais com os colegas. Assim, aquando da realização das atividades agrupei, os que tinham dificuldades em partilhar os materiais com alunos que partilhavam os materiais e ajudavam os seus colegas em diversas situações, para que pudesse haver uma entreajuda entre todas as crianças. “Convidar as crianças a partilhar os recursos materiais, subdividir as tarefas ou atribuir um papel a cada um dos elementos do grupo permite integrar a interdependência positiva nas actividades ” (Lopes & Silva: 2008, p. 6). Neste género de atividades pretendi que os membros do grupo se ajudassem mutuamente para alcançarem o objetivo final. Neste sentido, foi importante nesta aprendizagem “atribuir a cada criança uma tarefa ou um papel claro e preciso, dá-lhe a sensação de que a sua contribuição é importante para o grupo.” (Lopes & Silva:2008, p. 17)

Em relação ao desenvolver o contato com as ciências e o desenvolver uma atitude científica e experimental, pretendi que estas competências fossem desenvolvidas no decorrer da experiência do vulcão. Planeei esta experiência, pois algumas crianças tinham dificuldades em se expressarem durante o diálogo no tapete. Durante as sequências didáticas observei que esses alunos se expressavam mais quando tinham algo concreto para ver, ou que lhes



despertasse os sentidos e a curiosidade. Assim, é no Jardim-de-Infância, que “o (a) educador (a) deve promover um ambiente em que as crianças possam apreciar a ciência e construir experiências positivas em relação a ela.” (Martins: 2009, p. 13) Durante a experiência as crianças tiveram “oportunidade de propor explicações e de confrontar as suas perspectivas da realidade” (OCEPE,1997:82) através de registos escritos que fizemos em grande grupo. Nesta sequência didática as crianças puderam realizar a experiência do vulcão individualmente, para que cada um tivesse a oportunidade de observar a reação dos elementos químicos envolvidos na experiência.

Na sequência didática de 16 a 17 de maio abordamos a reciclagem. “A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através das oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do Mundo.” (OCEPE: 1997, p.79).

Deste modo, nesta sequência didática as crianças puderam desenvolver comportamentos e atitudes de separar os materiais sólidos domésticos nos seus devidos ecopontos, assim como desenvolver cuidados a ter com a preservação do ambiente, como as atividades de separar os materiais, construir o ecoponto e plantar a laranjeira. Ao abordar a reciclagem, falámos da política dos 4 r's (Reduzir, Reutilizar, Reparar e Reciclar). Embora pareçam termos difíceis de perceber nestas idades, não devemos subestimar as crianças. “As crianças são capazes de compreender alguns conceitos científicos elementares e pensar cientificamente. O facto de alguns conceitos poderem ser considerados como demasiado complexos para alguns adultos, não significa que as crianças não sejam capazes de pensar abstractamente sobre eles” (Martins: 2009, p. 13) Ao abordar a reciclagem, também, desenvolvi a promoção de atitudes e valores em relação ao ambiente. Neste sentido, houve uma conversa em grande grupo na qual se desenvolveu competências ao nível do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita. Assim, desenvolveu-se a comunicação oral e a transmissão de saberes através da escrita. “Cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como receptores.” (OCEPE:1997, p.68). Ao longo da conversa foi mostrado ao grupo cartazes com as palavras Reduzir, Reutilizar, Reparar e Reciclar para que eles tentassem reconhecer as letras, nem que fossem soltas. Isto, porque, na minha anterior sequência didática achei interessante a atividade de legendagem da maqueta das ilhas, a qual eles realizaram com entusiasmo e sem ajuda. Como foi uma atividade com sucesso acho




pertinente que eles tenham contato com o código escrito pois “a atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas.” (OCEPE:1997, p.69).

Na sequência didática de 24 de Maio de 2011, pretendeu-se que os alunos estivessem em contato com alguns produtos regionais (ananás, bolos levedos, etc) assim como a importância dos mesmos para a comunidade envolvente. Neste sentido, tentou-se mostrar que “ os seres humanos desenvolvem-se em interação com o mundo que os rodeia. A criança quando inicia a educação pré-escolar já sabe muitas coisas sobre o “mundo”, já construiu algumas ideias sobre as relações com os outros, o mundo natural e construído pelo homem, como se usam e manipulam os objectos.” (OCEPE:1991, p.70). Assim, é necessário que as crianças mantenham contato com a realidade que as envolve, para que se possa desenvolver em todos os sentidos quer a nível social quer ao nível educacional que a escola proporciona. Não nos podemos esquecer que a criança não aprende só dentro da sala de aula, aprende, também, em interação com a sociedade/comunidade que a rodeia. Esta sequência didática, para além das competências do Conhecimento do Mundo, também promoveu competências na área da Formação Pessoal e Social. Nesta área, trabalhou-se competências como desenvolver relações com o meio que o rodeia; desenvolver regras de higiene alimentar e desenvolver comportamentos autónomos através da realização de um lanche. “A Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornar-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida. Também a educação pré-escolar deve favorecer a formação da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo livre e solidário” (OCEPE:1997, p.51)



## 3.2.1 Planificações

	<b>Universidade dos Açores</b> <b>Departamento das Ciências de Educação</b> <b>Curso: Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico</b> <b>Nome: Carla Vieira</b>	<b>Escola: EB1/JI Cecília Meireles</b> <b>Orientadora: Ana Sequeira</b> <b>Educadora: Maria de Deus Portela</b> <b>Educação Pré-escolar</b>
--	---	--

<b>Sequência didáctica</b>	<b>Dia: 2 de Maio</b>	<b>Ano Lectivo: 2010/2011</b>
----------------------------	-----------------------	-------------------------------

Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
Desenvolver a Expressão e compreensão oral.	Domínio da Linguagem oral.	Prestar atenção ao que ouvem.	<p>Acolhimento.</p> <p>Audição de uma adivinha sobre vulcões.</p> <p>Exploração oral da adivinha.</p>	<p>Observação directa: (lista de verificação em anexo).</p> <p>Indicadores de aprendizagem:</p> <p><b>Prestar atenção ao que ouvem:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- questiona a adivinha;</li> <li>- sabe a resposta;</li> </ul>	Adivinha em cartolina.	<p>Grande grupo.</p> <p>Grande grupo.</p>



Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
Desenvolver a imaginação e linguagem.	Domínio do Conhecimento do Mundo. Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita.	Levantar hipóteses sobre o que vão realizar.	Levantamento e registo escrito das hipóteses da experiência.	<b>Levantar hipóteses sobre o que vão realizar:</b> - conhece a experiência; - especula sobre o que vai acontecer;	Folhas A4.	Grande grupo.
Desenvolver o contacto com as ciências.		Identificar os materiais da experiência.	Experiência o "Vulcão"	<b>Dialogar sobre o que foi realizado:</b> - identifica o vinagre; - identifica o bicarbonato de sódio; - identifica os elementos do vulcão.	Molde de um vulcão em massa de moldar.	Duas crianças de cada vez para realizarem a experiência.
Desenvolver uma atitude científica e experimental.		Participar nas actividades respeitando o colega.  Dialogar sobre o que foi realizado.	Registo escrito das		Vinagre. Bicarbonato de sódio.	




Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
Desenvolver diferentes técnicas de expressão plástica recorrendo a materiais diversificados.  Desenvolver a motricidade fina.  Desenvolver a comunicação oral.	Domínio da Expressão plástica	Manusear outros materiais.  Experimentar outras técnicas de expressão plástica.	conclusões da experiência. Modelagem de um vulcão.	<b>Experimentar outras técnicas de expressão plástica:</b> - conhece a massa de moldar; - usa os dedos para moldar; -usa as mãos para moldar.	Massa de moldar.	Grande grupo.  Individual.
	Domínio da linguagem oral.  Domínio da	Falar de forma clara e audível.	Construção de puzzles sobre vulcões.	<b>Falar de forma clara e audível:</b> - grita com o colega; -fala calmamente; -faz a concordância entre o sujeito e o verbo.  <b>Cooperar com os</b>	Peças do puzzle (cartolina).	3 grupos constituídos por 6 crianças.



Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
Desenvolver comportamentos de apoio e entreaajuda	formação pessoal e social.	Cooperar com os outros em tarefas comuns.	Construção de puzzles sobre vulcões.	<b>outros em tarefas comuns:</b> -ajuda os colegas a alcançar o objectivo final; -participa na actividade; -tenta dar ordens aos colegas.	Peças do puzzle (cartolina).	3 grupos constituídos por 6 crianças.



	<b>Universidade dos Açores</b> <b>Departamento das Ciências de Educação</b> <b>Curso:</b> Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico <b>Nome:</b> Carla Vieira	<b>Escola:</b> EB1/JI Cecília Meireles <b>Orientadora:</b> Ana Sequeira <b>Educadora:</b> Maria de Deus Portela <b>Educação</b> Pré-escolar
--	---	--

<b>Sequência didáctica</b>	<b>Dia:</b> 3 de Maio	<b>Ano Lectivo:</b> 2010/2011
----------------------------	-----------------------	-------------------------------

Competências	Áreas de conteúdo	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade do trabalho
			Actividades	Avaliação		
Desenvolver a expressão e comunicação oral.	Domínio da linguagem oral.	Prestar atenção ao que vêem.  Compreender o que ouvem.  Falar de forma clara e audível.	Acolhimento;  Visualização de um vídeo sobre a formação de uma ilha.  Exploração oral.	Observação directa: (lista de verificação em anexo). Indicadores de aprendizagem:  <b>Compreender o que ouvem:</b> - identifica as personagens da história;	Tapete.	Grande grupo.
Desenvolver a motricidade	Domínio da Expressão	Experimentar	Construção de uma maquete do	<b>Experimentar diferentes técnicas de Expressão</b>	-Plasticina. -Nomes das	3 grupos



Competências	Áreas de conteúdo	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade do trabalho
			Actividades	Avaliação		
<p>Desenvolver conhecimentos do ambiente natural que o rodeia.</p> <p>Desenvolver o espírito de entreaajuda entre o grupo.</p> <p>Desenvolver a transmissão de saberes</p>	<p>plástica.</p> <p>Domínio do Conhecimento do Mundo.</p> <p>Domínio da Formação Pessoal e Social.</p> <p>Domínio da abordagem à</p>	<p>diferentes técnicas de Expressão plástica.</p> <p>Cooperar com outros em projectos comuns.</p> <p>Identificar e</p>	<p>arquipélago dos Açores.</p>	<p><b>plástica:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- explora a massa de moldar;</li> <li>- molda de acordo com o que lhe é pedido;</li> </ul> <p><b>Cooperar com outros em projectos comuns:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- ajuda os colegas do grupo;</li> <li>- participa na actividade para alcançar o objectivo final.</li> </ul> <p><b>Identificar e legendar as ilhas do arquipélago dos Açores:</b></p>	<p>ilhas em cartolina.</p> <p>-cartolinas azuis para as ondas.</p>	<p>constituídos por seis crianças.</p>




Competências	Áreas de conteúdo	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade do trabalho
			Actividades	Avaliação		
através da escrita.	escrita.	legendar as ilhas do arquipélago dos Açores.		<ul style="list-style-type: none"> <li>- conhece os nomes das ilhas;</li> <li>- reconhece o nome das ilhas através do modelo exposto;</li> <li>- legenda as ilhas de acordo com o modelo.</li> </ul>		
Desenvolver relações com o meio que o rodeia.	Domínio da linguagem oral.	Identificar produtos regionais.	Visualização e exploração de produtos regionais.	<p><b>Identificar produtos regionais:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-leite;</li> <li>-queijo;</li> <li>-compotas;</li> <li>-ananás;</li> <li>-bolos lêvedos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produtos regionais:</li> <li>-leite;</li> <li>-queijo;</li> <li>-compotas;</li> <li>-ananás;</li> <li>-bolos lêvedos.</li> </ul>	Uma criança (à vez) para mostrar o produto.
Desenvolver regras de higiene alimentar.	Domínio da Formação pessoal e	Participa nas actividades respeitando o colega.  Realiza as actividades de	Elaboração de um lanche.	<p><b>Participa nas actividades respeitando o colega:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-espera pela sua vez para intervir;</li> <li>-interrompe o colega;</li> </ul>		



Competências	Áreas de conteúdo	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade do trabalho
			Actividades	Avaliação		
Desenvolver comportamentos autónomos.	social.	forma autónoma.	Elaboração de um lanche.	<b>Realiza as actividades de forma autónoma:</b> - lava as mãos antes de comer; - corta os bolos sem ajuda; - espalha a compota sem ajuda; - coloca o leite no copo sem deitar fora. - limpa o que sujou;		Grande grupo.



	<b>Universidade dos Açores</b> <b>Departamento das Ciências de Educação</b> <b>Curso:</b> Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico <b>Nome:</b> Carla Vieira	<b>Escola:</b> EB1/JI Cecília Meireles <b>Orientadora:</b> Ana Sequeira <b>Educadora:</b> Maria de Deus Portela <b>Educação</b> Pré-escolar
--	---	--

<b>Sequência didáctica</b>	<b>Dia:</b> 16 e 17 de Maio	<b>Ano Lectivo:</b> 2010/2011
<b>Competência foco:</b> Desenvolver os cuidados a ter com a preservação do ambiente.		

Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
Ser capaz de observar, de experimentar e ter uma atitude consciente em relação à reciclagem.	Domínio da Linguagem oral.	Reconhecer a importância de reciclagem.	Acolhimento.	Observação directa: (lista de verificação em anexo).	Tapete.	Grande grupo.
	Área do Conhecimento do Mundo		Reciclagem do papel.	Indicadores de aprendizagem:	Peneira; (crivo)	Três grupos de seis crianças cada.
			Realização de desenhos.	<b>Reconhecer a importância de reciclagem:</b> - sabe que o papel vem das árvores; -sabe que as árvores podem acabar. - saber que com a	Revistas; Cola branca; Varinha mágica; Água; Toalha. Folhas A4 brancas.	



Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
Ser capaz de observar, de experimentar e ter uma atitude consciente em relação aos cuidados a ter com as plantas.	Área do Conhecimento do Mundo	Saber as características da árvore.  Reconhecer os cuidados a ter com as plantas.	Plantação de uma laranjeira.	reciclagem podemos ajudar o ambiente.	Enxada. Laranjeira. Balde.	Grande grupo.
				<b>Saber as características da árvore:</b> - identifica a raiz, o caule, os ramos e as folhas e para que servem:  <b>Reconhecer os cuidados a ter com as plantas:</b> Sabe que a planta precisa de sol, água e terra.		
Desenvolver a capacidade de experimentar, criar objectos em formato tridimensional,	Domínio da expressão plástica.	Relacionar as cores usadas aos respectivos ecopontos.	Pintura dos ecopontos.	<b>Relacionar as cores usadas aos respectivos ecopontos:</b> Azul - papel e cartão. Amarelo - embalagens	Caixotes de cartão. Guaches (azul, amarelo e verde). Pincéis.	Três grupos de seis crianças cada. ~



Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
utilizando materiais de diferentes texturas, formas e volume				e plástico. Verde - vidro	Cola. Folhas com as palavras: (plástico, vidro e papel).	
Desenvolver a motricidade fina.	Domínio da Expressão plástica.	Saber utilizar os materiais.	Pintura das maquetas das ilhas.  Realização dos convites:  Recorte das flores.  Colagem das flores.	<b>Saber utilizar os materiais:</b> - usa pincéis; - retira o excesso de tinta do pincel; - não rompe o cartão.	Maquetas das ilhas. Cartolina. Molde flor. Papel de feltro amarelo e laranja. Joaninhas. Tesoura Cola.	Três grupos de seis crianças. Um grupo de cada vez na área da pintura.
Desenvolver a comunicação oral e desenvolver a transmissão de saberes	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita.	Participa na exploração do tema.	Exploração oral da política dos 4 R's (reduzir, reutilizar, reparar, reciclagem).	<b>Participa na exploração do tema:</b> - coloca questões. - responde ao que lhe é perguntado. - compreende e	Cartolinas com as palavras dos 4 R's: reduzir, reutilizar, reparar,	Grande grupo.




Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
através da escrita.				explica aos colegas o que ouviu.	reciclagem	
Desenvolver comportamento e atitudes de separar os materiais sólidos domésticos nos seus devidos ecopontos.	Área do Conhecimento do Mundo	Diferenciar os materiais sólidos.	Separação de resíduos sólidos.	<b>Diferenciar os materiais sólidos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- reconhece os papéis;</li> <li>- reconhece os plásticos;</li> <li>- reconhece o vidro.</li> <li>- coloca cada elemento no ecoponto correspondente.</li> </ul>	Plásticos; Vidros; Papel/ cartão.	Uma criança de cada vez.
Desenvolver o sentido do número como identificação do número de objectos de	Domínio da Matemática	Reconhecer formas de representação matemática.	Registo escrito (pictograma) dos elementos de cada ecoponto.	<b>Reconhecer formas de representação matemática:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- identifica um conjunto.</li> <li>- identifica os</li> </ul>	Folhas A4 com o pictograma.	Três grupos de seis crianças cada.



Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
<p>um conjunto.</p> <p>Desenvolver a capacidade de recolher dados recorrendo a diferentes representações.</p>				<p>elementos do conjunto.</p> <p>- identifica um pictograma.</p>		



 <p><b>Universidade dos Açores</b>  <b>Departamento das Ciências de Educação</b>  <b>Curso: Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico</b>  <b>Nome: Carla Vieira</b></p>	<b>Escola: EB1/JI Cecília Meireles</b>  <b>Orientadora: Ana Sequeira</b>  <b>Educadora: Maria de Deus Portela</b>  <b>Educação Pré-escolar</b>

<b>Sequência didáctica</b>	<b>Dia: 23 de Maio</b>	<b>Ano Lectivo: 2010/2011</b>
<b>Competência foco: Desenvolver a expressão dramática, musical e motora.</b>		

Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
Desenvolver a comunicação oral.	Domínio da Linguagem oral.	Prestar atenção ao que ouve.  Identificar a	Acolhimento  Exploração oral da adivinha sobre o artista.	Observação directa: (lista de verificação em anexo).  Indicadores de aprendizagem:  <b>Identificar a profissão:</b>	Adivinha.	Grande grupo



Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
<p>Desenvolver a interacção com outras crianças e o uso de objectos facilitadores e/ou intermediárias em situações de comunicação verbal e não verbal.</p> <p>Desenvolver a</p>	<p>Domínio da Expressão Dramática; musical e motora.</p> <p>Formação Pessoal e Social.</p>	<p>profissão.</p> <p>Reconhecer o seu papel no desfile.</p> <p>Reproduzir a música ouvida.</p> <p>Reproduzir a coreografia.</p> <p>Respeitar os colegas em tarefas comuns.</p>	<p>Ensaio do desfile para a festa final.</p>	<p>- conhece a profissão sem a imagem;</p> <p><b>Reconhecer o seu papel no desfile:</b></p> <p>-sabe o que vai fazer;</p> <p>-sabe o vai levar;</p> <p>-sabe quando vai entrar no desfile.</p> <p><b>Reproduzir a música ouvida:</b></p> <p>- conhece a letra;</p> <p>-acompanha a melodia.</p> <p><b>Reproduzir a coreografia:</b></p> <p>- sabe os passos e movimentos da música.</p>	<p>Palco do antigo cinema da Fajã de Cima.</p>	<p>Grande grupo.</p>



Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
capacidade de expressar-se através da música		Identificar produtos regionais.  Participa nas actividades respeitando o colega.		<p><b>Respeitar os colegas em tarefas comuns:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- não interrompe o colega quando este está a falar;</li> <li>- ajuda o colega no ensaio;</li> <li>-</li> </ul> <p><b>Identificar produtos regionais:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-leite;</li> <li>-queijo;</li> <li>-compotas;</li> <li>-ananás;</li> <li>-bolos lêvedos.</li> </ul>		
Desenvolver						



Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
<p>relações com o meio que o rodeia.</p> <p>Desenvolver regras de higiene alimentar.</p> <p>Desenvolver comportamentos</p>	<p>Domínio da linguagem oral.</p> <p>Domínio da Formação pessoal e</p>	<p>Realiza as actividades de forma autónoma.</p>	<p>Visualização e exploração de produtos regionais.</p>	<p><b>Participa nas actividades respeitando o colega:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-espera pela sua vez para intervir;</li> <li>-interrompe o colega;</li> </ul> <p><b>Realiza as actividades de forma autónoma:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- lava as mãos antes de comer;</li> <li>- corta os bolos sem ajuda;</li> <li>-espalha a compota sem ajuda;</li> <li>- coloca o leite no copo sem deitar fora.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produtos regionais:</li> <li>-leite;</li> <li>-queijo;</li> <li>-compotas;</li> <li>-ananás;</li> <li>-bolos lêvedos.</li> </ul>	<p>Grande grupo.</p>



Competências	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Modalidade de trabalho
			Actividades	Avaliação		
autónomos.	social.		Elaboração de um lanche.  Elaboração de um lanche.	- limpa o que sujou;		



### 3.2.2 Análise e reflexão da prática educativa supervisionada na Educação Pré-Escolar

A prática educativa supervisionada I foi importante para a minha formação, enquanto futura educadora, visto ter sido realizada numa sala de crianças dos quatro anos, ou seja, no ensino Pré-escolar. É importante vincar a importância deste nível de ensino, pois é uma fase de preparação para os seguintes níveis, nomeadamente o 1º ciclo do ensino básico. É importante que as crianças com idades (3-6 anos) para frequentar a educação pré-escolar o façam porque “nela e através dela, se desenvolvem competências e destrezas, se aprendem normas e valores, se promovem atitudes úteis para o desenvolvimento das crianças, para a sua inserção social, para o seu sucesso na escola e para a sua cidadania presente e futura.” (Formosinho:2007, p. 9)

Deste modo, foi importante delinear um projeto formativo (cf. anexos) como fio condutor da minha ação no estágio, no qual o tema principal era o ambiente. Este projeto foi o documento orientador para a minha atuação na prática acima referida. Este foi sujeito a alterações, pois aquando da sua elaboração ainda não tínhamos conhecimentos completos sobre as nossas crianças. Assim, foi sempre um projeto em construção e avaliado continuamente num processo de melhoramento de toda a minha prática e, conseqüentemente, a minha formação. Barbier em (Barbier:1993, p. 47) afirma que o “projecto não significa somente previsão, nem antecipação, nem planificação; projecto é tudo isto, mas é ainda mais: é volição, isto é, empenhamento da pessoa. O projecto é, aliás, frequentemente apresentado como uma mentalização de um desejo, de um móbil que ele permite ainda reconhecer.”

Ao educador cabe construir o seu modelo de ensino ou adaptar o que melhor se identifica com a sua maneira de ser e com a turma com que trabalha. Neste sentido pretende-se que haja uma interação entre o educador e os seus alunos, para que todos possam ser agentes ativos do processo ensino-aprendizagem, ora, Formosinho em (Formosinho:2007, p. 21) refere que a “interactividade entre saberes, práticas e crenças é construída pelos actores na construção do seu itinerário de aprendizagem, *mas em interação com os seus contextos de vida e com os contextos de acção pedagógica*”. Esta relação terá que ser elaborada, construída a partir do saber, do senso comum da criança e aprofundado com os conhecimentos pedagógico-didáticos do educador. O educador deve “promover caminhos que permitam a sua elaboração e canalização através de actividades físicas, simbólicas e catárticas”



(Zabalza:1992, p. 109) que permitam à criança desenvolver o seu autocontrolo e estabilidade afetiva para que possa assimilar, melhor, as suas aprendizagens.

Durante a minha ação pretendi que as crianças desenvolvessem o seu espírito crítico, autonomia e valores de cidadania. Neste sentido, foi minha intenção que a criança construísse o seu conhecimento através da partilha com os seus pares. A minha prática educativa supervisionada foi promotora de novas experiências e partilhas entre estagiárias, educadora e crianças. Estas novas experiências não só enriqueceram a minha formação, como também, enriqueceram o ambiente de aprendizagens na sala de aula. Foram trabalhados os diferentes saberes: o saber fazer; saber ser e saber estar para o desenvolvimento de cidadãos autónomos, capazes de intervir na construção de uma sociedade livre, justa e solidária. Neste sentido, a área de Formação Pessoal e Social, sempre abordada de modo transversal na minha prática, por ser uma área que surge naturalmente aliada a todas as áreas, foi importante para transmitir os valores cívicos importantes para o crescimento e educação enquanto criança. Sendo o tema o ambiente, tentei despertar as crianças para a importância de cuidar e respeitar o mesmo, assim como fazer com que fossem transmissores dessa mensagem junto da sua comunidade. Emanuel Oliveira Medeiros (2010, p. 7) refere que a “pessoa é o agente responsável pela educação, cultura e cidadania.” Deste modo, podemos dizer que ao adquirirem determinados valores de cidadania, as crianças podem ser responsáveis em transmitir e divulgar esses mesmos valores a outros, pois as “questões do ambiente dizem respeito a todos e em todos os lugares.” (Medeiros: 2008, p. 10) O Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho no artigo 15.º refere que no âmbito da Formação Pessoal e Social dos alunos, estes devem desenvolver projetos e atividades que contribuam para a formação pessoal e social dos mesmo, designadamente educação cívica, educação para a saúde, educação financeira, educação para os *media*, educação rodoviária, educação para o consumo, educação para o empreendedorismo e educação moral e religiosa, de frequência facultativa. Deste modo o educador não pode ser um mero instrumento de transmissão de conceitos, mas deve aliar o seu saber ao educar para uma vida inserida no meio envolvente da criança como membro da mesma. Assim, o “acto de educar realiza-se num determinado contexto social, político, económico, cultural, ideológico e o educador tem aí um papel crucial ao guiar os seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber” (Santos: 2005, p. 24). A minha prática passou por tentar inculcar aos “meus” alunos não só os valores e deveres cívicos sobre o ambiente, mas também o saber partilhar, o aprender, o respeitar os outros para que todos, juntos, pudessem alcançar os seus objetivos.



Na área do Conhecimento do Mundo pretendi sensibilizar as crianças para as ciências, e aspetos relativos ao meio próximo como os domínios da geografia, sociologia, história e ambiente. Nesta área foi minha intenção fazer com que as crianças adquirissem alguns conhecimentos sobre o mundo; que fossem capazes de reconhecer, nomear e utilizar diferentes equipamentos e utensílios, para que tivessem uma atitude científica e experimental; e que fossem capazes de conhecer alguns aspectos do ambiente natural e social. É nesta área que a curiosidade “é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.” (OCEPE, 1998:79). Assim, torna-se importante que o período de formação seja o mais completo possível, para que o futuro educador seja capaz de planificar as suas ações de acordo com as necessidades dos seus alunos. Neste sentido, promovi, durante a minha prática, diversas atividades para que os alunos pudessem experimentar e vivenciar várias experiências que lhes despertassem o interesse para a área mencionada. Alguns exemplos foram expostos anteriormente, como a experiência do vulcão. Foi uma sequência em que os alunos mais participaram, em parte, porque iniciei o diálogo a falar da formação das ilhas dos Açores, especificando o caso de S.Miguel, por ser o meio envolvente das crianças. Deste modo, despertei a curiosidade do grupo para o tema e, assim, tornaram-se mais participativos em todas as atividades referentes ao tema já citado. Tiveram a oportunidade de realizarem a experiência do vulcão, assim como construírem o seu próprio vulcão, para poderem realizar a mesma experiência em casa com os seus pais. “O processo de colaboração com os pais e com a comunidade tem efeitos na educação das crianças e, ainda, consequências no desenvolvimento e na aprendizagem dos adultos que desempenham funções na sua educação.”(OCEPE,1998:23). Deste modo, foi minha intenção envolver os pais na educação das crianças, ao criar oportunidades de partilha de conhecimentos entre eles, num processo escola-família-escola. Ora, este processo consiste numa transmissão de conhecimentos, no qual as crianças podem ser transmissoras de conhecimentos, adquiridos na escola, ao partilhar esses conhecimentos em casa com a sua família, ou então, a família transmitir conhecimentos às crianças de modo a que as mesmas partilhem com os seus colegas e educadora de forma a ficar mais esclarecida sobre os mesmos. Neste sentido realizei várias atividades promotoras desta atitude de partilha. A escola deve ser um local de partilha, de incentivo ao convívio entre todos os membros da comunidade. Zabalza (1992, p. 112) refere que a “escola deve facilitar experiências, materiais de investigação; utilizar os recursos



próprios e os que a natureza envolvente e a comunidade lhes oferece, de maneira a que a criança desenvolva progressivas experiências de si mesma e do mundo que a rodeia”.

Todas as atividades foram pensadas e realizadas de maneira a que não ficassem restritas à sala de aula, mas que fossem realizadas com as crianças de um modo simples para que as mesmas pudessem partilhar com os seus e, também, com a comunidade envolvente. O tema por mim escolhido “Ambiente” ajudou neste processo, pois as crianças estão mais atentas e despertas para as mudanças de consciência em relação ao tema referido e, conseguem ser muito persuasivas neste contexto. Um exemplo desta consciência, foi quando, numa das sequências, falei sobre o mar e a importância da água. Promovi um debate em torno da seguinte atividade: na bancada da “área suja” coloquei vários brinquedos da casa de brincar como pratos, copos, talheres. Com todas as crianças sentadas junto da bancada, chamei uma para lavar a “loiça” com a torneira aberta e coloquei um recipiente para guardar a água que esta ia gastar. Quando acabou colocamos toda a água em garrafas de água. Depois, chamei outra criança que lavou a “loiça” sem ter a torneira aberta, apenas com água num recipiente e voltamos a colocar essa água em garrafas de água. Após colocarmos toda a água usada em garrafas, promovi um debate pondo em questão qual das crianças tinha desperdiçado mais água?, Se faziam o mesmo em casa? O que achavam de poupar este recurso? Se era importante ou não? Todos partilharam da opinião que se devia poupar mais água e, todos partilharam o que viam em casa e como iam dizer aos pais como poupar água. Esta foi uma atividade na qual as crianças demonstraram serem capazes de avaliar as ações dos adultos em relação ao nosso planeta e mostraram-se interessados no seu papel de cidadãos participativos. Foi minha intenção que as crianças crescessem integralmente. Assim, “a didática meio ambiental, as experiências sensoriais, o trabalho no campo do próprio conhecimento e dos demais (psicomotricidade, jogos, etc.), a procura de harmonias, tanto a nível estático como dinâmico, estão nesta linha de expansão global e totalizante da criança” (Zabalza:1992, p. 112). Deste modo, pretende-se que a criança evolua e alargue a sua criatividade, iniciativa e curiosidade para o ambiente escolar.

È evidente que a sala de aula se tornou um ambiente de partilha não só de conteúdos da área de conhecimento, mas também da área de Formação Pessoal e Social, a “escola não pode formar para a cidadania se ela mesma não for um espaço respirável de fomento de cidadania e de participação ativa, responsável e crítica” (Medeiros: 2010, p. 120). A escola deve ser um espaço de referência e não deve ser vista apenas como um local para ensinar, deve ser um



local propício à aprendizagem. O ambiente escolar deve ser adequado e estimulante para a criança. Zabalza (1992, p. 123) refere que o objetivo principal da escola infantil é a de “criar um ambiente adequado: não se trata de ensinar nada, em sentido convencional, mas criar ambientes ricos e estimulantes que permitam e potenciem o desenvolvimento global de todas as crianças.”. A educação infantil destaca-se por ser, ainda, um nível de ensino onde as crianças ainda estão a experienciar vivências e a conhecerem-se a si mesmas. É, neste sentido, que a “função do educador é a de providenciar um clima de segurança e reconhecimento que estimule as crianças e lhes combata a inibição.” (Zabalza: 1992, p. 127) Quando entram para a educação pré-escolar, as crianças sentem-se mais retraídas, no sentido em que se têm de adaptar a um novo espaço e novas pessoas e rotinas. Esta transição do ambiente familiar para o ambiente escolar pode fazer com que a criança crie mecanismos de defesa e se iniba ao participar em atividades num grande grupo. Tal acontece, também, durante a prática pedagógica supervisionada, pois de novo a criança tem que se habituar a uma nova pessoa, formanda, e a tudo que isso acarreta. Neste sentido, foi do meu interesse que durante o meu período de observação fossem as crianças a me observar e deixar que elas explorassem o meu “espaço” e só depois agir entre elas. É importante que elas sintam que aquele espaço é delas e, que não estamos ali para alterar as suas rotinas. Este período de adaptação foi essencial para levar a cabo as experiências e atividades presentes na descrição anterior. Durante este processo pude experienciar a docência enquanto futura educadora e posso afirmar que crescemos diariamente, com todas as crianças, a nível profissional, pessoal e social.

No início desta análise, comecei por falar da área de Formação Pessoal e Social, para depois falar da área do Conhecimento do mundo. No desenvolver desta análise podemos verificar que ambas estão intrinsecamente ligadas. Ora, quando falamos da área do Conhecimento do Mundo vamos ao encontro da “curiosidade natural da criança e o seu desejo de saber” sendo esta a “manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é próprio do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e, também, das artes.”(OCEPE,1998:79). Assim a área de Formação Pessoal e Social, também, “proporciona à criança oportunidades de se situar na relação consigo própria, com os outros, com o mundo social e também de reflectir como se relaciona com o mundo físico.” (OCEPE,1998:79). Essas oportunidades terão de ser criadas não só na sala de aula, mas também, na comunidade envolvente. Deve ser objetivo principal do educador e da educação “a promoção do desenvolvimento integral do aluno. Um tal



objectivo exige o uso de metodologias activas, centradas na interacção entre os alunos e enfatizando a aprendizagem pela descoberta autónoma e orientada.” (Marques:1990, p. 21)

Em relação aos futuros educadores, a sua formação deve passar pela fase de planeamento das sequências didáticas centradas nas aprendizagens do aluno; na fase de ação nas salas, devemos tentar resolver situações inesperadas e por uma fase de análise e reflexão sobre as nossas sequências didáticas. A formação será mais completa se um futuro educador for ensinado a refletir sobre as suas opções, pois esta será a sua carreira de uma vida inteira. Um bom educador deve refletir sobre as suas ações, pois essas reflexões vão ser a ferramenta para que ele, educador, se atualize e adequa a sua prática ao longo da sua carreira. Neste sentido, “a formação prepara os futuros professores para se interrogarem e para identificarem e resolverem problemas. Confere, portanto, competências metodológicas, não sobretudo para se ensinar, mas para se reflectir sobre a prática de cada um. (Perrenoud: 1993, pp. 200-201)

Assim, ao refletir, posso afirmar que a minha prática foi uma aprendizagem rica nas interações partilhadas entre a sala de aula- comunidade-sala de aula, no sentido em que dinamizei as minhas sequências didáticas de modo a que os alunos fossem cidadãos ativos e comunicativos com a sua comunidade. Os alunos foram transmissores de valores cívicos na sua comunidade. Freire (1967,p.93) refere que não “há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação.” Daí que considero ter alcançado os meus objetivos enquanto futura educadora porque um educador/professor não cresce sozinho, cresce das experiências e partilhas de todos para que a escola seja um local aberto a todos e onde todos possam aprender uns com os outros.



### **3.3 Descrição das sequências didáticas do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico**

A minha prática educativa supervisionada II foi realizada numa sala do 1º ciclo, no ano letivo de 2012/2013.

Na sequência didática de 8 a 10 de outubro abordei os símbolos locais, regionais e nacionais. Iniciei a mesma ao colocar o mapa de Portugal continental no quadro e perguntar se sabiam de onde era o mapa. Depois expliquei que existem símbolos e, que estes representam o nosso país, como a Bandeira Nacional e o Hino. A seguir, coloquei a Bandeira Nacional no quadro e expliquei o que cada símbolo da mesma significava. Depois da explicação seguiu-se a audição do Hino Nacional. Após a audição, coloquei o cartaz com o arquipélago da Madeira junto com a Bandeira da região e passei à explicação dos mesmos. De seguida, coloquei o cartaz do arquipélago dos Açores e fizemos a legendagem do mesmo. Após a legendagem, coloquei a Bandeira dos Açores e o Brasão no quadro e expliquei o que significava cada símbolo, seguido da audição do Hino Regional. A seguir ao Hino, visualizámos o Brasão de S. Roque e expliquei o que significava. Após a exploração dos símbolos, foi dada uma ficha informativa sobre os símbolos abordados na sala de aula e seguiu-se uma leitura realizada pelos alunos. Ainda, nesta sequência, foi planeada uma vinda do Presidente da Junta de Freguesia de S. Roque à sala de aula. Esta actividade foi alterada e acabou por ser uma visita de estudo à junta de freguesia devido à boa colaboração do Sr. Presidente. Durante esta visita, os alunos puderam interagir com todos os funcionários da Junta de Freguesia, o que lhes proporcionou um momento rico de aprendizagens várias. Para além disso, o Presidente esteve com eles a esclarecer todas as dúvidas que os alunos tinham sobre a sua freguesia, o que foi muito importante para desenvolver a área social do programa de estudo do meio.

Na sequência didática de 29 a 30 outubro na área de Estudo do Meio, introduzi o sistema respiratório no 3º ano e a dentição no 2º ano. Pretendeu-se, nesta área, mobilizar conhecimentos, processos e ferramentas de âmbito científico e tecnológico com vista à explicação de fenómenos físicos, químicos, biológicos e geológicos. Todas “as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir aos alunos a realização de aprendizagens posteriores mais complexas.” (programa 1º CEB:2004, p.101).



Inicialmente, visualizámos umas imagens (acetatos) sobre a importância do ar puro. Para além das imagens, visualizámos o filme da visita de estudo à junta de freguesia. Durante a visita de estudo, os alunos foram informados de que a freguesia de S. Roque tinha sido premiada com o prémio Eco freguesia, ou seja, tinha sido reconhecida como a mais limpa do concelho. Partindo deste princípio, quis que os alunos visualizassem o filme para podermos retomar essa informação e introduzir a importância de mantermos a natureza e o ar limpos, trabalhando assim o estudo do meio e a cidadania. Seguiu-se um momento de diálogo até falarmos da respiração. Antes de iniciar o sistema respiratório, distribuí uma ficha informativa aos alunos do segundo ano, para que fizessem uma leitura silenciosa. Com os alunos do 3º ano, revi os conceitos de órgão, função e sistema. De seguida, mostrei uma imagem do corpo humano a três dimensões para que eles pudessem localizar o sistema respiratório, nomeadamente, os pulmões. Depois, coloquei no quadro uma representação do corpo humano em cartolina para iniciarmos a exploração dos órgãos do sistema respiratório. As legendas dos órgãos eram destacáveis e fomos colocando a legenda de acordo com a ordem que se apresentam no sistema. Antes de iniciarmos essa exploração distribuí uma ficha, para que eles pudessem legendar a imagem ao mesmo tempo que fomos explorando os órgãos. Após a legendagem da imagem, distribuí uma ficha informativa, para que eles fizessem uma leitura silenciosa e sublinhassem as palavras que não percebessem. Enquanto os alunos liam, fui mostrar uma imagem da dentição aos do segundo ano e explicar os tipos de dentição e os tipos de dentes.

No desenrolar da sequência didática, continuei a abordar o sistema acima referido, no quadro, coloquei a imagem do sistema respiratório e exploramos as funções de cada órgão. Enquanto, fui explicando a função de cada um, coloquei a legenda (função) nos respetivos órgãos.

Na sequência didática de 19 a 23 novembro, na área de Estudo do Meio, introduzi o sistema circulatório no 3º ano, a saúde humana e a vacinação ao 2º ano. Pretendeu-se mobilizar conhecimentos, processos e ferramentas de âmbito científico e tecnológico com vista à explicação de fenómenos físicos, químicos, biológicos e geológicos e interpretar informação escrita relacionada com fenómenos físicos, químicos, biológicos e geológicos. "As crianças deste nível etário apercebem-se da realidade como um todo globalizado. Por esta razão, o Estudo do Meio é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, a Etnografia, entre outras, procurando-se, assim, contribuir para a compreensão



progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade.” (programa do 1ºCEB:2004, p. 101).

As estratégias de aprendizagem foram pensadas, não só, em quem vai aprender, mas também, no que se vai ensinar. Durante a formação universitária dos professores existe a “necessidade de formar profissionais competentes que, além de bons conhecedores da matéria que lecionam, sejam capazes de reflectir sobre a sua didáctica, de tomar decisões oportunas sobre a forma de apresentar a matéria nas aulas e de encontrar respostas adequadas a situações novas e imprevisíveis.” (Font: 2007, p. 69) Neste sentido, é necessário adequar as estratégias aos métodos pedagógicos a usar. “Sejam quais forem as finalidades da formação, o método constitui sempre um elemento fundamental na determinação dos caminhos a percorrer por formandos e formadores e na orientação do trabalho pedagógico que é desenvolvido por uns e por outros.”

Todas “as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que forma acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia.” (programa do 1º CEB:2004, p.101) Assim, na área de Estudo do Meio, na expressão oral, todos os alunos participaram nos diálogos sobre os conteúdos lecionados. Nas últimas sequências foram abordados os sistemas do corpo humano. As aprendizagens anteriores adquiridas pelos alunos foram importantes para a introdução do sistema circulatório. Todos os alunos identificaram o que eram órgãos e que era um sistema. Para além disso, todos conheciam a função do sistema respiratório, o que foi importante quando precisei de explicar a pequena e grande circulação, e as trocas gasosas que acontecem nos pulmões (pequena circulação) e o que o sangue transporta ao resto do corpo (grande circulação).

Nesta área, como já referido anteriormente, introduzi o sistema circulatório (3º ano) e a saúde e vacinação (2º ano). O sistema circulatório foi introduzido com algumas questões alusivas a outros sistemas já lecionados, como por exemplo, quais os sistemas que já tinham aprendido?; para que servem os pulmões?; para que servem os rins? O que acham que é comum a todos?. Com esta última questão, cheguei ao tema que abriu a semana: o sangue. De seguida, mostrei o microscópio e expliquei para que servia. Depois, pedi que fizessem uma frase acerca do que achavam que iriam ver. Quando terminaram, chamei um aluno de cada vez para ver uma amostra de sangue, glóbulos vermelhos e brancos. À medida que regressaram ao lugar, pedi que escrevessem uma frase sobre o que viram. Quando todos terminaram, fizemos um debate sobre as frases que escreveram. Esta atividade foi importante pois, segundo Carlos Gomes (2003, p. 40) numa “sociedade cada vez mais informatizada



onde o ser humano precisa dispor de um conjunto de saberes do domínio científico-tecnológico, onde saber usar informação exige estruturas de pensamento que permitam selecionar, interpretar, criticar, comparar e sistematizar a informação disponibilizada, a educação formal em ciência desempenha um papel importante no desenvolvimento dessas competências que devem ser exploradas desde muito cedo”. Neste sentido, é importante que os alunos tenham contato com materiais didáticos diversificados e, por vezes, inexistentes nas salas de aula. Ainda, relativamente aos materiais, Joaquim Gomes de Sá (1994, p. 62) refere que os “equipamentos e materiais devem ser simples e familiares para as crianças por forma a ser garantida, tanto quanto possível, uma interpretação dos fenómenos por observação directa, sem necessidade de recurso a complexas descodificações do seu funcionamento”. Ao longo da semana, fomos abordando o sistema circulatório de maneira gradual: iniciei com o sangue, depois com o órgão – o coração, a seguir a pequena e grande circulação e no fim uma síntese sobre o sistema, em forma de jogo. Esta graduação facilitou a assimilação de novos conceitos e conhecimentos. Os alunos do segundo ano participaram na atividade com o microscópio, pois é importante para eles contactarem com estes materiais. A exploração do tema a saúde e a vacinação foi realizada, também, de forma gradual ao longo da semana, e com o recurso a imagens A4, manual e a elaboração de um Boletim de Vacinas.



### 3.3.1 Planificações

Competências		Conteúdos	Descritores de desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Actividades / Estratégias	Avaliação		Área
Sequência didática dos dias 8 a 10 de Outubro							

Conhecer os seus direitos e deveres. (CREB,113)		Identidade social: Eu e os outros.	DD1: usar a palavra de uma forma clara e audível no âmbito das tarefas a realizar. (NPP, 33).  DD2: Expressar e fundamentar opiniões e pontos de vista, de forma crítica e, responsável e construtiva, no respeito pelos direitos e deveres individuais. (CREB, página 52)  DD3: reconhecer valores da herança cultural açoriana como referenciais de	Diálogo introdutório sobre o fim de semana.  Visualização de uma apresentação em powerpoint sobre direitos e deveres individuais.	Listas de verificação.	Computador. Data show.  Bandeira dos Açores.	Segunda – feira 9:00 Cidadania
---	--	------------------------------------	---	---	------------------------	---	--------------------------------------



<p>Mobilizar, de forma consciente e crítica, o conhecimento das unidades, regras e processos gramaticais da língua, nas diferentes situações de compreensão e expressão verbal. (CREB, 50).</p>	<p>da sua naturalidade. (CREB,112)</p>	<p>Onomatopeias</p>	<p>uma ação promotora de sustentabilidade. (CREB, 112)</p> <p>DD4: fazer uma leitura que possibilite responder a questões.(NPP,39)</p> <p>DD5: prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível responder a questões acerca do que ouviu. (NPP, 30).</p> <p>DD6: fazer uma leitura que possibilite detetar informação relevante. (NPP,39)</p>	<p>bandeira dos Açores.</p> <p>Leitura e exploração do texto: “Os Sons”.</p> <p>Visualização e audição de música: “O Panda na quinta da confusão” (sons dos animais).</p> <p>Leitura e exploração oral de uma ficha informativa sobre as onomatopeias.</p> <p>Ficha individual para recolha de onomatopeias do texto: “Os sons”.</p>	<p>Listas de verificação</p> <p>Grelhas das metas das aprendizagens.</p>	<p>Texto: “Os sons”</p> <p>Computador. Música: “O Panda na quinta da confusão”.</p> <p>Ficha informativa sobre as onomatopeias.</p>	<p>09:45</p> <p>Português</p>
---	--	---------------------	--	--	--	---	-------------------------------



<p>Utilizar o sentido de número, compreender os números e as operações e usar a capacidade de cálculo mental e escrito, com vista à resolução de problemas em contextos diversos. (CREB, 65) (A)</p>		<p>Números naturais.</p>	<p>DD7: Ler e representar números, pelo menos até dez mil. (NPM, 17)</p> <p>DD8: Comparar números e ordená-los sequências crescentes e decrescentes.(NPM, 17).</p> <p>DD9: expressar e realizar oralmente o seu raciocínio.</p>	<p>Realização de exercícios matemáticos no quadro. (decomposição, adição e subtração).</p>	<p>Listas de verificação</p>	<p>Caixa enunciados com de exercícios.  Quadro.  Giz.  Caderno.</p>	<p>10:30 11:00 Matemática</p>
<p>Reconhecer a simultaneidade da existência de diferentes valores e culturas e o seu carácter relativo em diferentes espaços e tempos históricos. (CREB,69) (B)</p>		<p>Símbolos nacionais, regionais e locais.</p> <p>Símbolos nacionais, regionais e locais.</p>	<p>DD10: reconhecer símbolos nacionais, regionais e locais.</p> <p>DD10</p>	<p>Visualização e exploração do mapa de Portugal Continental e das regiões Autónomas.  Visualização e exploração da</p>	<p>Grelha das metas de aprendizagem.  Grelhas das metas de aprendizagem.</p>	<p>Mapa de Portugal.  Mapa das ilhas da Madeira e Açores.  Bandeira Nacional.</p>	<p>13:30 Estudo do meio</p>



				<p>bandeira Nacional. Audição do hino Nacional. Visualização e exploração da bandeira da Madeira. Visualização e exploração da bandeira dos Açores. Visualização e exploração do brasão dos Açores. Audição do hino dos Açores. Visualização e exploração da bandeira e brasão de S. Roque. Leitura de uma ficha informativa sobre os símbolos nacionais, regionais e locais.</p>	<p>Listas de verificação.</p>	<p>Computador. Hino: A Portuguesa.  Bandeira da Madeira.  Bandeira dos Açores.  Cartaz com o brasão dos Açores.  Computador. Hino regional.  Cartaz com a bandeira e brasão de S.Roque.  Ficha informativa.</p>	<p>15:00</p>
--	--	--	--	---	-------------------------------	---	--------------



<p>Mobilizar de forma consciente e crítica, o conhecimento das unidades, regras e processos gramaticais da língua, nas diferentes situações de compreensão e expressão verbal. (CREB,50)</p> <p>(A)</p>		<p>Onomatopeias</p> <p>Números inteiros.</p>	<p>DD1.</p> <p>DD11: explicitar regras e procedimentos: identificar onomatopeias. (NPP, 60).</p> <p>DD7.</p> <p>DD8.</p> <p>DD9.</p>	<p>Revisão da ficha informativa.</p> <p>Leitura oral do texto: “Os sons”.</p> <p>Visualização de imagens com onomatopeias.</p> <p>Associação de onomatopeias às imagens. (1 cada vez no quadro com destacáveis).</p> <p>Realização de uma ficha. (a ser preenchida pelos alunos ao mesmo tempo que a actividade se desenrola no quadro).</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho.</p> <p>Realização de exercícios no quadro.</p>	<p>Grelhas das metas de aprendizagem.</p> <p>Listas de verificação.</p>	<p>Ficha informativa.</p> <p>Texto: “Os sons”</p> <p>Imagens de onomatopeias (A4).</p> <p>Destacáveis com as onomatopeias escritas. (os alunos vão tirar de uma caixa e colocá-las no respectivo lugar no quadro).</p> <p>Ficha.</p> <p>Ficha de trabalho.</p> <p>Quadro. Giz.</p>	<p>Terça –Feira 9:00</p> <p>Português.</p> <p>11:45</p> <p>12:30</p>
---	--	--	--	---	---	--	--



<p>(B)</p> <p>Participar ativamente no processo de produção artística. (CREB, 91)</p> <p>(A)</p> <p>(B)</p>	<p>Mobilizar os diferentes saberes linguísticos para aprender e comunicar a informação.</p>	<p>Conhecer os símbolos nacionais, regionais e locais.</p> <p>Recorte, montagem e colagem.</p> <p>Números inteiros</p>	<p>DD12: Reconhecer símbolos nacionais, regionais e locais. (bandeiras, brasões e hinos).</p> <p>DD13: planificar textos de acordo com o objectivo, o destinatário, o tipo de texto e os conteúdos.</p> <p>DD14: Fazer composições colando materiais.</p> <p>DD15: explorar e tirar partido da resistência e plasticidade da massa de moldar.</p> <p>DD16: modelar usando apenas as mão</p> <p>DD7 DD8 DD9</p> <p>Reconhecer símbolos locais.</p>	<p>Revisão da ficha informativa.</p> <p>Realização de um questionário sobre S.Roque para o Presidente da Junta de Freguesia (a estar na sala no dia 10.</p> <p>Montagem do brasão de S.Roque.</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho.</p> <p>Correção no quadro.</p>	<p>Listas de verificação.</p> <p>Listas de verificação.</p>	<p>Caderno.</p> <p>Ficha informativa.</p> <p>Quadro.</p> <p>Giz.</p> <p>Caderno.</p> <p>Imagens do brasão de S.Roque.</p> <p>Tesoura.</p> <p>Cola Massa de moldar. Cartões de papel. (para moldarem em cima dos cartões.)</p> <p>Ficha.</p> <p>Quadro.</p>	<p>14:00 Estudo do Meio</p> <p>15:00 Expressão Plástica</p> <p>15:45 Quarta –feira 9:00 Matemática</p>
---	---	--	---	--	---	--	--



Participar ativamente no processo de produção artística.	Mobilizar os diferentes saberes linguísticos para aprender a comunicar a informação.	Símbolos nacionais, regionais e locais  Descoberta e organização progressiva de superfícies: pintura.	DD17: prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível identificar informação essencial.  DD18: pintar construções.	Intervenção do Presidente da Junta de Freguesia de S.Roque.  Pintar a bandeira dos Açores (massa de moldar).	Listas de verificação.	Giz.  Gravador.  Pincéis. Tinta azul, branca e amarela.	11h45m Estudo do Meio  15:00
--	--	---	--	--	------------------------	--	---------------------------------------



Competências		Conteúdos	Descritores de desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Actividades / Estratégias	Avaliação		Área
Sequência didática dos dias 29 a 30 de Outubro							
Compreender as exigências da ação humana em termos de responsabilidade e de respeito pelos princípios éticos. (CREB,113)	Desenvolver valores, atitudes e linguagens que promovam o diálogo como suporte de uma convivência pacífica.(CREB,112)	Ambiente	DD1: usar a palavra de uma forma clara e audível no âmbito das tarefas a realizar. (NPP, 33).  DD2: respeitar as convenções que regulam a interacção: esperar a sua vez, respeitar o tema. (NPP,34)  DD3: Participar em actividades de expressão orientada, respeitando regras e papéis específicos: reagir ao que é dito. (NPP, 34)	Diálogo introdutório sobre o fim de semana.  Visualização do filme da visita de estudo à Junta de Freguesia de S. Roque.  Diálogo sobre a poluição e a importância de proteger o ambiente.	de verificação. (anexo 24)	Computador. Filme (anexo 1) Acetatos. (anexo 2) Retro projetor	Segunda – feira 9:00 Cidadania



<p>Mobilizar, de forma consciente e crítica, o conhecimento das unidades, regras e processos gramaticais da língua, nas diferentes situações de compreensão e expressão verbal. (CREB, 50). (B)</p>		<p>Sinais de pontuação</p>	<p>DD4: fazer uma leitura que possibilite responder a questões.(NPP,39)</p> <p>DD5: explicitar regras de pontuação. (NPP,60)</p> <p>DD3</p> <p>DD6: copiar textos, tendo em vista a recolha de informação de modo legível e sem erros. (NPP,41) (17, 18)</p>	<p>Leitura e exploração do texto: “Eu sou o maior”.</p> <p>Registo dos sinais de pontuação no caderno de Português.</p> <p>Realização da atividade “Os sinais de pontuação”</p> <p>Atividade “Ordena as frases” (18)</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho. (17)</p>	<p>Listas de verificação</p>	<p>Texto: “Eu sou o maior!” (anexo 3)</p> <p>Cartaz com sinais de pontuação destacáveis. Frases com a função de cada um. (anexo 4)</p> <p>Palavras e sinais de pontuação. Cartolina com destacáveis.(18) (anexo 5) Ficha de trabalho. (17) (anexo 6)</p> <p>(anexo 7)</p>	<p>09:45</p> <p>Português</p> <p>10:30</p> <p>11:00</p> <p>Matemática</p>
<p>Utilizar o sentido de número,</p>		<p>Números naturais.</p>	<p>DD7: Utilizar estratégia de cálculo mental e</p>	<p>Realização de exercícios de decomposição de números.</p>			



<p>compreender os números e as operações e usar a capacidade de cálculo mental e escrito, com vista à resolução de problemas em contextos diversos. (CREB, 65) (C)</p>			<p>escrito para as operações de adição e subtração. (NPM,18) (3º ano). DD8: Identificar e dar exemplos de diferentes representações para o mesmo número. (NPM; 15) (2º ano, 17) DD9: Identificar o objetivo e a informação relevante para a resolução de um problema. (NPM, 30)</p>		<p>Lista de verificação. (anexo 24)</p>	<p>Quadro. Giz. Caderno.</p>	
<p>Mobilizar conhecimentos, processos e ferramentas de âmbito científico e tecnológico com vista à explicação de fenómenos</p>		<p>Resolução de problemas</p> <p>A sua naturalidade</p> <p>A saúde do seu corpo.</p>	<p>DD10: reconhecer a importância do ar puro e do sol para a saúde. (PICEB, 109) DD11: identificar os órgãos do</p>	<p>Realização de exercícios de resolução de problemas.</p> <p>Visualização de imagens sobre o ar puro.</p> <p>Visualização do corpo humano a três dimensões.</p>	<p>de</p> <p>Listas de verificação</p>	<p>Cartolinas com problemas. (anexo 8)</p> <p>Acetatos. (anexo 9)</p> <p>Representação do</p>	<p>13:30 Estudo do meio</p>



<p>físicos, químicos, biológicos e geológicos. (CREB, 79) (D)</p>	<p>Expressar verbalmente conhecimentos relacionados com fenómenos físicos, químicos, biológicos e geológicos. (CREB,79) (Aa)</p>	<p>O seu corpo</p>	<p>aparelho respiratório e localizá-los em representações do corpo humano. (P1 CEB, 108) (3º ano)</p> <p>DD12: identificar os tipos de dentição e dentes.</p> <p>DD13:respeitar as convenções que regulam a interação: respeitar o tema; acrescentar informação pertinente. (NPP, 34).(2 e 3º)</p>	<p>Visualização e exploração dos órgãos do sistema respiratório: fossas nasais; faringe; laringe; traqueia; brônquios; pulmões; bronquíolos e alvéolos pulmonares. (3º ano)</p> <p>Visualização e exploração da dentição. (2º Ano, 17 e 18)</p> <p>Legendagem de uma ficha com os órgãos do sistema respiratório (3ºano) e dentição. (2º ano.)</p> <p>Construção de um puzzle sobre os órgãos do sistema respiratório. (18)</p> <p>Legendagem do puzzle.(18)</p>	<p>Ficha.</p> <p>Puzzle.</p>	<p>corpo humano com os órgãos do sistema respiratório</p> <p>Legendas destacáveis.</p> <p>Ficha informativa. (anexo 10)</p> <p>Molde da dentição. Imagem com a dentição. Legendas destacáveis. Ficha informativa. (anexo 11)</p> <p>Ficha. (anexo 12)</p> <p>Puzzle. (anexo 13)</p> <p>Legendas do puzzle. (anexo 14)</p>	
---	--	--------------------	--	--	------------------------------	---	--



							15:00
(B)		Sinais de pontuação. Ortografia.	DD4. DD5. DD6. DD14: explicitar regras e procedimentos de ortografia (incluindo a translineação.) (NPP,60) DD7.	Leitura do texto “Sou o maior!”. Realização de uma ficha de trabalho. Realização de uma ficha de trabalho. (17) Correção da ficha de trabalho. Realização da atividade “Sinais de Pontuação e ortografia.” (completar os espaços em branco e corrigir os erros).	Ficha.      Listas de verificação.	Texto “Sou o maior!” Ficha de trabalho. (anexo 15) Ficha de trabalho (anexo 16)  Quadro. Giz. Cartaz com espaços em branco e erros ortográficos. Sinais de pontuação e palavras destacáveis para colocar nos espaços em branco. (anexo 17)	Terça –Feira 9:00 Português.
(B)		Sinais de pontuação. Ortografia.			Listas de verificação		
(C)		Números inteiros.	DD9  DD15:Classificar e ordenar de acordo com um dado critério. 17 e 18) (NPM,15)  DD16: realizar	Resolução de problemas.  Realização de exercícios no quadro.		Réguas Números destacáveis. (anexo 18) Quadro. Giz.	10h30m  11:45



			contagens progressivas e regressivas a partir de números dados. (3º ano) (NPM, 17)				
(D)	(Aa)	O seu corpo	DD17: conhecer as funções vitais (respiratória) (3º ano).  DD11. DD12.	Visualização e exploração dos órgãos do sistema respiratório.  Explicação das funções de cada órgão. Visualização e exploração da dentição. (2º ano) Explicação dos tipos de dentição.  Preenchimento da ficha de trabalho do dia anterior com as funções. (2º/3º ano)	Listas de verificação (anexo 24)  Listas de verificação.	(anexo 10)  (anexo 11)  Tipos e funções dos dentes em destacáveis. (anexo 11).  Ficha de trabalho. (anexo 11).	14h15m
Participar ativamente no processo de produção artística. (CREB, 91)		Exploração de técnicas diversas de expressão: cartazes.	DD18: Fazer composições com fim comunicativo: recortando e colando elementos. (PICEB, 97)	Construção do sistema respiratório. (3º Ano)  Construção de um		Órgãos do sistema respiratório. Legendas com o nome e função dos órgãos.(anexo 19) Partes da dentição.	15:00 Expressão Plástica



(C)		Números inteiros	DD9 DD15 DD16	molde de dentição. (2º Ano)  Realização de uma ficha de trabalho  Correção da ficha de trabalho.	Ficha de trabalho.  Ficha de trabalho.	(tipos de dentes). Legendas com o nome e função dos dentes. (anexo 20)  Tesoura. Cola. Cartão com a representação do corpo humano. Ficha de trabalho. (anexo 21)	15:45
		O seu corpo	DD11 DD12	Realização de uma ficha de trabalho.  Realização de uma ficha de trabalho (17 e 18)		Ficha de trabalho (anexo 22)	Quarta –feira 9:00 Matemática
(B)						Ficha de trabalho (anexo 23)	11h45m  Estudo do Meio 12h30m



Competências		Conteúdos	Descritores de desempenho	Experiências de Aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Actividades / Estratégias	Avaliação		Área
Sequência didática 19 a 23 de novembro							
<b>C. Form. Pessoal e Social</b> Compreender as exigências da ação humana em termos de responsabilidade e de respeito pelos princípios éticos. (CREB,113)		Identidade Social: Saúde	DD1: usar a palavra de uma forma clara e audível no âmbito das tarefas a realizar. (NPP, 33).	Diálogo introdutório sobre o fim de semana.	Listas de verificação.	Entrevista.	Segunda – feira 9:00 Cidadania
			DD2: produzir discursos com diferentes finalidades de acordo com intenções específicas: partilhar informações e conhecimentos. (NPP,33)	<b>Ativ. de exploração</b> Leitura de uma entrevista sobre a saúde. (?)  Diálogo sobre a importância da saúde.			
<b>Comp. Português</b> Produzir enunciados orais dotados de significado, assumindo uma atitude de cooperação na interação		Texto conversacional. A entrevista.	DD3: fazer uma leitura que possibilite responder a questões.(NPP,39)	Leitura e exploração da entrevista.		Entrevista.	
				<b>Ativ. de aprendizagens sistemáticas.</b>			



<p>comunicativa e mobilizando saberes linguísticos, socioculturais e relativos aos papéis desempenhados pelos falantes nas diversas situações de comunicação. (CREB, 50).(A)</p>			<p>DD4: elaborar um texto informativo/expositivo relativo ao desenvolvimento de um tema. (NPP,45)</p> <p>DD5: manipular palavras em frases.</p>	<p>Preenchimento e exploração de um cartaz sobre a entrevista.</p> <p><b>Ativ. de avaliação</b></p> <p>Ficha de trabalho (17)</p>	<p>Listas de verificação</p> <p>Ficha de trabalho</p>	<p>Cartolina.</p> <p>Ficha de trabalho.</p>	
<p><b>Matemática</b> Desenvolver a linguagem e o pensamento algébrico, bem como a capacidade de interpretar e representar simbolicamente situações matemáticas e não matemáticas, com vista à resolução de problemas em contextos diversos. (CREB, 65)</p>		<p>Representação e interpretação de dados e situações aleatórios.</p>	<p>DD6: ler, explorar, interpretar e descrever tabelas e gráficos, e, responder e formular questões relacionadas com a informação apresentada.</p>	<p><b>Ativ. de estruturação.</b></p> <p>Preenchimento de uma tabela com dados relativos ao tema saúde.</p> <p>Construção de gráficos de barras, circulares e pictogramas.</p> <p>Interpretação dos dados recolhidos.</p>	<p>Grelhas das metas das aprendizagens.</p>	<p>Tabela. Canetas de feltro.</p> <p>Gráficos em cartolina. Esponja. Imagens (pictograma).</p>	<p>11:00 Matemática</p>



<p><b>Ciências Físicas e Naturais</b></p> <p>Mobilizar conhecimentos, processos e ferramentas de âmbito científico e tecnológico com vista à explicação de fenómenos físicos, químicos, biológicos e geológicos. (CREB, 79)(B)</p> <p>(B)</p>		<p>Sistema circulatório.</p> <p>Sistema circulatório.</p> <p>Saúde humana.</p> <p>Sistema circulatório.</p>	<p>DD7:identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais: circulação. (2º e 3º ano.) (1ºCEB, 108).</p> <p>DD8: identificar alguns cuidados a ter com a saúde humana. (1ºCEB,108). DD9: conhecer e localizar alguns órgãos do aparelho circulatório. (1º CEB,108)</p>	<p><b>Ativ. de exploração.</b></p> <p>Visualização de uma amostra de sangue, glóbulos brancos e vermelhos.</p> <p>Visualização de um cartaz com os constituintes do sangue.</p> <p><b>Ativ. de avaliação.</b></p> <p>Preenchimento de uma ficha com os constituintes do sangue.</p> <p><b>Ativ. de exploração.</b></p> <p>Leitura silenciosa de uma ficha informativa. (2º ano).</p> <p>Visualização e exploração de uma reprodução do corpo humano com veias e artérias. (3º ano).</p> <p>Leitura silenciosa da pág. 62 do manual. (3º ano)</p>	<p>Listas de verificação</p> <p>Grelhas das metas de aprendizagem.</p> <p>Ficha.</p> <p>Listas de verificação</p>	<p>Microscópio.</p> <p>Cartaz. Legendas.</p> <p>Quadro. Giz.</p> <p>Ficha trabalho.</p> <p>Ficha informativa.</p> <p>Cartolina bristol. Veias e artérias (fios de electricidade).</p> <p>Manual de Estudo do Meio.</p>	<p>13:30</p> <p>Estudo do meio</p>
---	--	---	--	--	---	--	------------------------------------



		Saúde humana.	DD8	<p>Cópia do texto do manual.(3º ano)</p> <p>Visualização e exploração de imagens sobre a saúde.(2º ano,17).</p> <p><b>Ativ. de avaliação.</b> Construção de frases sobre os cuidados a ter com a saúde. (2º ano)</p> <p>Cópia das frases para o caderno. (2º ano)</p> <p><b>Ativ. de estruturação.</b></p>	Grelhas das metas de aprendizagem.	<p>Caderno.</p> <p>Cartolinas. Imagens sobre a saúde.</p> <p>Quadro. Giz.</p> <p>Caderno.</p>	15:00
		Sistema circulatório	DD9	<p>Construção de um mapa conceptual. / registo da função das artérias e veias. (só os principais conceitos. Fazer e esquema e os alunos completam em casa, tpc). (os do segundo tb fazem em relação à saúde.)</p>	Frases.	<p>Quadro. Giz.</p> <p>Cartolina.</p>	
<b>Português</b> Mobilizar de forma consciente e crítica,		Texto conversacional - entrevista	DD3	<p><b>Ativ. de aprendizagem sistemática.</b></p> <p>Leitura do cartaz sobre a entrevista.</p>	Listas de verificação.	Texto – entrevista.	<p>Terça –Feira 9:00</p> <p>Português.</p>



<p>o conhecimento das unidades, regras e processos gramaticais da língua, nas diferentes situações de compreensão e expressão verbal. (CREB,50)</p> <p><b>Matemática</b></p> <p>Utilizar o sentido de número, compreender os números e as operações e usar a capacidade de cálculo mental e escrito, com vista à resolução de problemas em contextos diversos. (CREB, 65) (C)</p>			<p>DD10:mobilizar o saber adquirido na compreensão e expressão oral e escrita. (NPP,55)</p> <p>DD11: compreender, construir e memorizar as tabuadas da multiplicação.</p>	<p>(elaborado no dia anterior.)</p> <p>Leitura da entrevista.</p> <p><b>Ativ. de avaliação.</b></p> <p>Realização de uma ficha de consolidação de gramática.</p> <p>Correção da ficha de trabalho. (troca entre eles)?</p> <p><b>Ativ. de aprendizagem sistemática.</b></p> <p>Jogo da tabuada. (jogo de revisão) (cartaz com tabuadas. Os resultados vêm numa caixa e eles tiram um resultado e completam no quadro).</p> <p>Registo no caderno.</p>	<p>Ficha.</p> <p>Listas de verificação</p>	<p>Quadro. Giz.</p> <p>Cartolinas. Resultados da tabuada destacáveis.</p> <p>Caderno.</p>	<p>11: 45 Matemática</p>
<p>(B)</p>				<p><b>Ativ. de avaliação.</b></p>			



(B)		Saúde humana. Sistema circulatório.	DD9	Correção do trabalho de casa.  <b>Ativ. de exploração.</b>  Leitura silenciosa da pág. Do manual.(2º ano)  (Visualização da representação do corpo humano.  Localização do coração na representação.  Visualização e exploração de uma imagem do coração.	Grelhas das metas de aprendizagem.      Listas de verificação.	Quadro. Giz.   Manual de Estudo do Meio (2º ano)   Manual 2º ano. Livro do corpo humano. Cartolina bristol.   Cartolina. Papel esponja.	14:00 Estudo do Meio
<b>Educação artística e tecnológica.</b> Participar ativamente no processo de produção artística. (CREB, 91)		Recorte, colagem, dobragem	DD12: Fazer composições colando diferentes materiais rasgados, desfiados.(1ºCEB, 95).	<b>Ativ. de estruturação</b>  montagem dos vasos sanguíneos no corpo humano. (3º ano, 18)   Montagem do boletim de vacinas. (2º Ano, 17)	Listas de verificação.	Cartão. Fios de la. Tachas.   Cartolina.	15:00 Expressão Plástica



			~				
(C)		Múltiplos		<b>Ativ.de estruturação.</b> Visualização das tabuadas (dia anterior).		Tabuadas (cartolina) Cartolinas A3. Folhas A4. Lápis de cor.	Quarta –feira 9:00 Matemática
(C)		Múltiplos.	DD13: identificar e dar exemplos de múltiplos de um número natural.	<b>Ativ. de exploração.</b> Os múltiplos.  Registo no caderno.	Grelhas das metas de aprendizagem.	Quadro. Cartolina. (significado de múltiplos.) Caderno.	
(B)		Sistema Circulatório	DD14: conhecer as funções vitais (circulatório) (1CEB,108)	<b>Ativ. de estruturação.</b> Visualização e exploração da grande e pequena circulação (3º ano).  <b>Ativ. de avaliação.</b> Legendagem das imagens numa ficha de trabalho.(3º ano,18)  <b>Ativ. de exploração.</b> Visualização e exploração da	Listas de verificação.	Cartolinas. Quadro.  Ficha de trabalho.  Boletins de vacina da expressão plástica.	11:45  Estudo do Meio
		Vacinação					



(A)		<p>Texto conversacional : A entrevista</p> <p>Programação televisiva</p>	<p>DD15:elaborar um texto, integrando situações de diálogo (entrevistas).(NPP ,45)</p> <p>DD2</p> <p>DD16:planificar</p>	<p>vacinação/boletim de vacinas.(2º ano, 17)</p> <p>Preenchimento do boletim de vacinas.</p> <p><b>Ativ. de aprendizagens sistemáticas.</b> Produção de texto: realização de uma entrevista (trabalho a pares).</p> <p>Leitura das entrevistas:” na televisão”</p> <p><b>Ativ. de avaliação.</b> Consolidação de conhecimentos: registo do caderno sobre a entrevista.</p> <p><b>Ativ. de exploração.</b> Leitura audível de uma programação televisiva.</p> <p>Recolha de</p>	<p>Grelhas das metas de aprendizagem.</p> <p>Listas de verificação.</p>	<p>Folhas A4. “televisão” de caixa de cartão.</p> <p>Caderno</p> <p>Programação televisiva.</p> <p>Jornais e revistas.</p> <p>Cartolina.</p>	<p>09:00</p> <p>Quinta- feira</p> <p>Português</p>
-----	--	--	--	--	---	--	--



(A)		Programação televisiva.	textos de acordo com o objectivo, o destinatário, o tipo de texto e os conteúdos: recolher a informação em diferentes suportes.(NPP,45)	<p>programação televisiva em revistas e jornais.</p> <p>Elaboração de um cartaz com a programação recolhida. (pares).</p> <p>Elaboração de uma programação televisiva para sexta-feira. (Pares)</p>	Grelhas das metas de aprendizagem		Português
(C)		Múltiplos	DD13	<p><b>Ativ. de aprendizagem sistemática.</b></p> <p>Revisão do que são os múltiplos.</p> <p>Resolução de exercícios sobre os múltiplos com tabelas.</p> <p><b>Ativ. aprendizagem sistemática.</b></p> <p>Leitura da ficha informativa.(2º e 3º)</p>	Listas de verificação	<p>Tabuadas.</p> <p>Tabelas de múltiplos.</p>	<p>11:00 Matemática</p> <p>14:15 Estudo do meio</p>
(B)						Ficha informativa	



		Sistema circulatório Saúde/vacinação.	DD8 DD9	Consolidação oral de conhecimentos. (2º e 3º)  Registo escrito de conceitos chave do sistema circulatório.		Quadro. Caderno.	
<b>Educação artística e tecnológica</b> Aplicar os conhecimentos das linguagens elementares das artes em novas situações.		Voz.	DD17: reproduzir pequenas melodias.	<b>Ativ. de exploração.</b>  Audição da música (ver músicas para a saúde ou corpo humano)  Reprodução oral da música.	Listas de verificação	Computador.  Letra da música.	15:15  Expressão musical
	(C)	Múltiplos	DD13	<b>Ativ. de avaliação.</b>  Resolução de exercícios do manual.  Correção dos exercícios.	Exercícios.	Quadro. Giz.	09:00  Sexta – Feira  Matemática



(B)		Sistema circulatório Saúde humana/ vacinação	DD8 DD9	<b>Ativ. de avaliação.</b> O jogo : “o sistema circulatório” e a saúde.	Listas de verificação	Papel de cenário. Questões sobre o sistema circulatório e saúde humana.	09:45 Estudo do meio
(A)		Programação televisiva	DD10	<b>Ativ. de aprendizagem sistemática</b> Produção de texto: elaboração de duas/três frases sobre os conteúdos lecionados.  Leitura audível das frases Elaboração de um programa televisivo. (trabalho de grupo)	Grelhas das metas de aprendizagem.	Caderno.  Frases dos alunos. Televisão. Folhas A4.	11:45 Português  13:30 Português
Expressão artística e tecnológica		Jogos dramáticos	DD18: improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos ligados a uma ação precisa.	<b>Ativ. de estruturação</b> Dramatização dos programas televisivos realizados anteriormente.	Listas de verificação.	Cenário de cartão.	15:15 Expressão Dramática.



### **3.3.2 Análise e reflexão da prática educativa supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico**

A Prática Educativa Supervisionada II foi realizada na escola de S.Roque - Canada das Maricas, na sala do terceiro ano.

Após a leitura do plano curricular de escola, verifiquei que esta tinha como temas a “Educação para Todos, ao longo da Vida”, a “Contextualização Pedagógica do Currículo” e o “Cumprimento dos Programas”. Sendo estes os princípios orientadores de toda a ação da Escola Básica Integrada Roberto Ivens, na qual se integra a escola de S. Roque – Canada das Maricas, tornou-se mais fácil abordar o meu tema: “Didáticas do estudo do meio: abordagens transversais no Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico”, pois o “objeto da didática é o ensino que se propõe estabelecerem os princípios para orientar a aprendizagem com segurança e eficiência. Ora esse foi o tema do meu projeto formativo, projeto delineador das estratégias a usar no 1º Ciclo do Ensino Básico(cf. anexo). A didática pretende orientar o agir do professor e do aluno na sua ação de ensinar, de educar e de aprender.” (Nérici, 1960) Deste modo, penso que consegui conciliar o tema do relatório com o projeto curricular de escola e, assim, pude planear a minha ação na Prática Educativa Supervisionada II, para uma melhor prestação nesta fase de formação.

Enquanto futura docente, reconheço que este período foi muito importante para a minha formação e pude verificar que a docência é uma profissão que permite e obriga o professor a estar sempre em formação contínua, no sentido de se atualizar para melhor responder às necessidades educativas dos seus alunos. Ilídio Ferreira (1994, p. 56) refere que a “profissão docente é uma profissão em construção. Daí a importância da reflexão sócio-histórica em torno da actividade docente para que se possa compreender melhor a situação actual e perspectivar, igualmente, algumas tendências acerca dos seus desenvolvimentos futuros.” Assim, tentei usar todos os conhecimentos adquiridos durante a licenciatura e mestrado para uma melhor prestação nesta fase e, também, me atualizei em relação às mudanças recentes dos currículos escolares, para que pudesse estar bem preparada para a minha prática. De acordo com o tema de relatório já referido, quis que a prática e as didáticas usadas despertassem nos alunos a curiosidade e interesse pela área de Estudo do Meio, não só como uma área das ciências, mas, também, como sendo uma área social e física, que permite às crianças um maior envolvimento na comunidade envolvente e maior conhecimento sobre as alterações científicas do seu corpo e o ambiente que o rodeia. De acordo com o programa curricular de Estudo do Meio, no primeiro trimestre do ano letivo lecionam-se os sistemas do



corpo humano, assim como os símbolos locais, regionais e nacionais e divisão administrativa do País. Ora estes temas e subtemas foram trabalhados por mim nesta prática.

Na área de Estudo do Meio pretendi sensibilizar as crianças para o mundo físico, social e biológico que as rodeia. “As crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas” (Programa 1º CEB: 2004, p.101). Nesta área, tentei que os alunos tivessem acesso a experiências várias que os motivassem para as aprendizagens que os conteúdos proporcionam, como por exemplo, o corpo humano e a comunidade envolvente. Neste sentido, foram realizadas experiências com microscópios, visualização de cartazes com as imagens dos sistemas abordados e referidos na descrição da prática educativa supervisionada II. Na parte social e física foi possível, em conjunto com a junta de freguesia, organizar uma visita de estudo à mesma e conseqüentemente a visualização de símbolos locais da comunidade mais próxima dos alunos. As aprendizagens devem partir do que lhes é mais próximo, para depois podermos alargar os conhecimentos com conteúdos mais abstratos. Esta área engloba temas na área das ciências mas, também, na área social e física. Irei de seguida tentar analisar cada uma, pois durante a prática educativa supervisionada tive a oportunidade de trabalhar todas as áreas referidas.

No que se refere à atitude científica, esta “pode e deve, também, ser desenvolvida em todas as disciplinas.” (Medeiros: 2003, p. 13) Deste modo, sempre que abordei os sistemas, neste caso, o sistema respiratório e o sistema circulatório, planeei a minha ação para que houvesse, sempre, uma interdisciplinaridade, ou seja, que o mesmo conteúdo fosse trabalhado nas outras áreas como o português, matemática e cidadania, através de textos, debates, resolução de problemas.

Quando trabalhamos estes conteúdos, tão abstratos para os nossos alunos, torna-se importante que as didáticas e materiais sejam apelativos, esclarecedores e adequados à aprendizagem desses mesmos conteúdos. Medeiros (2003, p. 13) refere que é “fundamental diversificar metodologias, de modo que estas sejam criativas e inventivas, com as quais se permita a valorização da imaginação, da curiosidade científica e filosófica.” A minha abordagem na educação científica foi tentar diversificar o mais possível a minha ação, para que esta não fosse só uma transmissão de conhecimentos, mas envolvesse os alunos em todo o



processo de aprendizagem, para que estes fossem atores ativos das suas aprendizagens. Harlen, citado por Carlos Gomes (2003, p. 47), refere que a “educação em ciência na escola pode ajudar as crianças a construírem competências de observar, levantar questões, experimentar e investigar, raciocinar sistemática e logicamente, apreciar e comunicar resultados e a desenvolverem atitudes de curiosidade, cooperação autocrítica, responsabilidade e independência de pensamento.” Ora, para que os alunos possam presenciar esta atitude científica, é importante que estes sejam participantes ativos em todo o processo, que partam do senso comum, do que já conhecem sobre o tema a abordar para que, com o desenrolar da atividade investigativa possam processar e entender as novas aprendizagens e conceitos. Sá (2003, p. 25) refere que a “educação científica, para além do conhecimento específico que promove, passa a ser encarada como uma dimensão curricular que oferece excelentes oportunidades de desenvolvimento educativo da criança”. Neste sentido, a introdução dos sistemas foi realizada através de debates sobre os mesmos. Por exemplo, no sistema respiratório começamos por tentar perceber o que era o ar que respirávamos, qual seria o trajeto que o mesmo fazia dentro do nosso corpo, para onde iria, etc. Esta introdução serviu para que os alunos se preparassem para novos conceitos através da exploração e visualização do sistema, que foi abordado de forma gradual, para que os conceitos fossem adquiridos corretamente. Depois de toda a exploração visual e oral do sistema, foi importantes os alunos fazerem os seus registos sobre o que foi tratado nessa aula. É importante referir que, num dia, abordámos apenas os órgãos do sistema e, no outro dia, é que ligamos os órgãos às suas funções. Planeei, deste modo, a sequência didática, para que os alunos pudessem compreender a diferença entre órgãos e funções. O sistema circulatório foi abordado com o mesmo método, mas com recurso a outros materiais, como um microscópio onde puderam visualizar os componentes do sangue. Era minha intenção que fossem os alunos a preparar esta visualização, mas como não tinha condições optei por levar já tudo preparado para essa atividade, pois é “fundamental que as crianças se envolvam no processo experimental com intencionalidade, com um propósito claro para cada um dos procedimentos, movida por curiosidade e expectativas quanto aos resultados das suas acções” (Medeiros: 2003, p. 29).

A educação científica promove um leque alargado de aprendizagens, tanto por parte do aluno, como por parte do professor. Sá (2003, p. 33) refere que “aprender a pensar implica um renovado papel da parte dos alunos. Ensinar a pensar implica um renovado papel da parte do professor.” Assim a responsabilidade do processo ensino-aprendizagem passa pelos dois agentes neste mesmo processo- aluno e professor. O aluno deve estar predisposto a ser



participativo e a envolver-se nas suas aprendizagens. O professor deve estar predisposto a mudar a sua atitude perante as mudanças que se vão colocando durante o seu percurso profissional. Deve (re) pensar o seu modo de atuar e adequá-lo aos novos conteúdos e novas exigências que se colocam à carreira da docência. Os professores, segundo Arends (1995, p. 8) devem “ser capazes de estar em permanente processo de aprendizagem, à medida que o conhecimento necessário à execução do seu trabalho se modifica, em função de novos desafios e do progresso da ciência e da tecnologia”. Deste modo, durante a minha prática pedagógica supervisionada, estive sempre aberta a ideias novas e a novas didáticas, novas práticas que funcionassem como um “despertar” dos alunos para o ambiente que os rodeia e as alterações a que este está sujeito. A minha prática não foi somente expositiva, no sentido de me limitar a transmitir conhecimentos, foi, também, uma prática cujo principal objetivo era integrar o aluno em todo o processo.

Anteriormente, já referi que a área de estudo do meio não é, somente, uma área focada na ciência, mas engloba em si mesma, os aspetos físicos e sociais do meio envolvente. Neste período de formação, tive a oportunidade de abordar este subtema ao planificar uma sequência didática sobre os símbolos regionais, locais e nacionais do País. Esta sequência didática foi muito enriquecedora e nesta, pude verificar que a escola e a comunidade podem trabalhar juntas, para que os alunos que integram essa mesma localidade possam ter aprendizagens diversificadas e fora do contexto de sala de aula. No plano de aula inicial, propunha-se uma vinda do presidente da junta de freguesia de S.Roque à sala de aula, para que o próprio falasse do que era a junta de freguesia, do que lá se tratava, curiosidades sobre a freguesia de S.Roque, como surgiu o brasão da freguesia, etc. Aquando do contacto com o presidente da junta de freguesia, este sugeriu uma visita de estudo à junta de freguesia e desde logo, aceitei a ideia. Esta atividade foi de extrema importância, tanto a nível profissional, (como futura docente), como a nível pessoal, por ver os alunos tão motivados por irem à sua junta de freguesia e por os ver tão “abertos” a todas as aprendizagens que esta visita de estudo proporcionou, desde a preparação da mesma, do tempo que passaram na junta de freguesia e depois quando regressaram à sala de aula. Esta visita de estudo foi retomada, como tema de uma outra atividade de expressão plástica, na qual os alunos tiveram a oportunidade de “montar” o Brasão de S. Roque em cartolina e foi feito um livro com os trabalhos de todos os meninos. Estes convidaram o presidente da junta de freguesia para vir à sala de aula e ofereceram-lhe o livro com os seus trabalhos. Esta foi, sem dúvida, uma das atividades que mais me marcou em contexto de formação. É possível que ambas as instituições, escola e



junta de freguesia, neste caso, se unam para dar novas experiências às crianças da comunidade. Este género de parceria é muito enriquecedora para todos, pois todos partilham experiências diversificadas e ambos podem ser transportadores de informação e conhecimento, no sentido em que a informação e conhecimento podem sair da escola para a comunidade através dos alunos, mas, também, podem entrar na escola informações e conhecimento da comunidade através dos seus alunos. É neste ambiente de partilha que todos podemos crescer e melhorar a relação escola-comunidade e vice-versa.

Os aspetos físicos e sociais da área de estudo do meio podem ser uma via para alargar essa relação. A escola é um local de extrema importância para dar a entender e dar a conhecer o lugar dos alunos nas suas comunidades, assim como os serviços que podem usufruir para se integrarem nessa mesma comunidade. A escola “continua a ser um local privilegiado para o tratamento de valores morais, racionais básicos, que podem ser objecto de transmissão e, por outro lado, cumpre-lhe a necessidade de preservação e respeito pela consciência moral de cada um. É na escola que se aprende a liberdade e a necessária disciplina para a atingir. Nela se educa transmitindo uma herança de conhecimento mas procurando entender os interesses dos educandos” (Rodrigues:2008, p.11). Na escola, os alunos devem ser capazes de aprender a saber os seus limites de ação e os limites dos outros, ou seja, os alunos devem respeitar o espaço de todos e saber qual é o seu papel na comunidade e ambiente que o envolve. Deve ser capaz de reconhecer os símbolos do seu País, assim como as principais características físicas do mesmo, não esquecendo a especificidade de cada região. Refiro-me a regiões, pois o nosso País apresenta, para além do território continental, duas regiões autónomas – Madeira e Açores (tema abordado durante a minha prática). Na região autónoma dos Açores existe um currículo regional da educação básica – CREB. Segundo o Decreto Legislativo Regional nº 17/2011/A, o CREB representa a continuação da aposta num currículo orientado para o desenvolvimento de competências, na linha das tendências internacionais, por um lado e, por outro, na criação de condições para que o domínio dessas competências, por parte dos alunos, seja progressivamente melhorado. Assim, “espera-se desenvolver nos alunos açorianos da educação básica a capacidade para participarem de forma mais esclarecida, autónoma e adequada em diferentes contextos de vida e de aprendizagem.” (CREB:2011, p.6) Neste sentido, as ciências sociais e físicas devem permitir que o aluno compreenda e conheça o meio que o envolve, isto segundo o currículo nacional do ensino básico. Segundo o CREB, “estas áreas do saber ganham pertinência dada a influência marcante que o contexto geográfico e as raízes históricas exercem sobre o modo de ser do açoriano e sobre a sua



relação com o mundo” (CREB:2011, p.67). Ora, quando abordei símbolos locais e regionais, tive em conta as tradições que os símbolos invocam, como o brasão dos açores e a sua bandeira. É muito importante haver um documento regional, neste caso, o CREB, para que possamos salvaguardar essas tradições e, através das escolas, podermos transmitir e dar continuidades às mesmas através dos alunos. Assim, “os professores são cruciais para a valorização das especificidades das ilhas, da compreensão das suas diferenças. Como na ilha Terceira, por exemplo, com os seus particularismos linguísticos e culturais – suas “Touradas à Corda”, “danças” e crítica social, “impérios”. Na ilha de S.Miguel, com as suas “Festas do Senhor Santo Cristo”, seus “romeiros”, entre outros aspetos. Em suma, as especificidades próprias de cada ilha que, no seu conjunto, conferem aos açorianos a sua verdadeira “identidade” no mundo cada vez mais globalizado.” (Rodrigues,2008:18). Pretende-se que o perfil global do aluno, nas ciências sociais e físicas, seja o de reconhecer, explicar e “relacionar as várias dimensões históricas e geográficas, movimentações e interações em sociedades à escala regional, nacional, europeia e mundial, bem como analisar as especificidades relativas à sustentabilidade social, ambiental, económica e cultural dos Açores”(CREB:2011, p.67).

É importante que a formação de um futuro docente seja adequada, não só, a nível nacional, mas também com conhecimentos regionais, para que este possa alargar tais conhecimentos e integrá-los na sua gestão curricular, de forma a valorizar os costumes e tradições da comunidade envolvente dos seus alunos. É “na articulação da formação adquirida na escola com a formação adquirida noutros locais e noutros momentos que se deve encontrar os fundamentos para a caracterização da qualidade dos serviços prestados pela instituição escolar.” (Correia, 1989, p. 23). Neste sentido, é de extrema importância que o docente esteja sempre aberto a uma formação contínua, seja esta formação na escola onde leciona, sejam outras formações externas que lhe permitam melhorar o seu currículo, assim como as suas práticas pedagógico-didáticas em contexto de sala de aula.

Na área de estudo do meio, tanto na área das ciências humanas e sociais, como nas áreas das ciências físicas e naturais, os docentes precisam de (re)pensar as suas práticas. Será adequado ensinar estes conteúdos apenas através do método expositivo, obrigando os alunos a serem meros espetadores ouvintes? A meu ver, conteúdos da área referida terão muito mais interesse se os alunos forem participantes das suas aprendizagens. Os alunos devem ser capazes de refletir e pensar nas soluções para os problemas propostos pelo professor que deve



ser encarado como mediador do processo ensino-aprendizagem e não como mero transmissor de conhecimentos. Alarcão (1991, p. 307) refere que antigamente “exigia-se aos professores uma didáctica meramente praxica, mas hoje exige-se-lhes que esta praxis seja uma teoria prática no sentido de descrever e compreender o que se passa na sala de aula e na escola para poder agir inteligentemente.” Assim, pede-se que o professor alie os seus conhecimentos científicos teóricos a um conhecimento prático para que ao lecionar desperte o interesse e curiosidade natural dos seus alunos. Deste modo, ao professor e à didáctica compete “criar um corpo de saberes utilizáveis na actividade profissional encarada como actividade humana, racional, intelectual, de cariz social com vista à comunicação interpessoal da negociação de saberes e à construção do saber e da cidadania pelo aluno.” (Martins et al: 1991, p. 41) Relativamente à cidadania, sabemos que esta é uma área transversal a todas disciplinas, assim, a minha prática pedagógica supervisionada, incluiu sempre essa área.

Na área de Cidadania pretendi que as crianças interiorizassem valores cívicos que permitissem que estas se tornassem cidadãos conscientes e solidários, que os preparassem para a resolução dos problemas da vida. Nesta área, trabalhei com os alunos a importância de cada um como cidadão numa comunidade, o que foi ao encontro do plano curricular de escola “Educação para Todos, ao longo da Vida”. Esta área foi abordada com a visualização de vídeos, debates sobre a importância de pertencer a uma comunidade, assim como os direitos e deveres do cidadão na sua comunidade e, para eles, alunos, na escola. Ora, cabe ao professor “desenvolver competências nos alunos que lhes permitam ter sentido de responsabilidade, espírito crítico e criativo, gosto pela participação em comunidade, assumindo o exercício da cidadania como um valor inegável.” (Santos: 2005, p. 17). Essas competências são adquiridas, não só, em contexto de sala de aula mas também, no convívio com os seus pares, com a comunidade que envolve o aluno. Assim, a visita de estudo que realizámos foi muito importante, não só pelos valores de responsabilidade inerentes a este género de atividade, mas também pelos valores cívicos que adquiriram, ou seja, ao visitarem a junta de freguesia ficaram a saber os serviços que esta presta à comunidade, assim como o que podiam ir lá fazer enquanto cidadãos ativos e participantes da comunidade. Neste sentido, a escola fomentou a interação entre a mesma e a comunidade, pois a escola isolada, não é um espaço suficiente para a formação da cidadania. Se esta for apenas praticada na escola como área isolada e virada para direitos e deveres dos alunos na mesma, não estamos a formar os nossos alunos para a vida, para o meio envolvente, assim como para a comunidade a que este pertence. A formação da cidadania deve ir mais além das salas de aula, deve ser completa, incluindo tudo



e todos os que rodeiam os nossos alunos, pois só nessa interação é que vamos formar cidadãos para o mundo. A “escola não pode formar para a cidadania se ela mesma não for um espaço respirável de fomento de cidadania e de participação ativa, responsável e crítica.” (Medeiros: 2010, p. 120) A escola deve ser uma instituição aberta à comunidade, para que os valores que transmitimos aos nossos alunos sejam um espelho dessa abertura e, que é na partilha e na interação com os outros que nos vamos tornando cidadãos mais ativos no nosso meio. É importante que os nossos alunos possuam “ferramentas” ao nível do conhecimento para que o exercício da cidadania seja realizado de forma consciente pelos mesmos. Assim, a escola “tem de (re) pensar estratégias e caminhos para o exercício da cidadania. Salvaguarde-se, contudo, que sem saberes e conhecimentos não podemos exercer a cidadania de modo informado e fundamentado.” (Medeiros: 2010, p. 125)

Educar para a cidadania deve ser um processo conjunto entre todas as disciplinas, pois através dos saberes e conhecimentos é que os nossos alunos podem exercer a sua cidadania. Este ato de educar para a cidadania leva a que o professor faça com que os seus alunos percebam que é importante saber, possuir conhecimentos, pois só assim podem ser cidadãos participativos, capazes de observar, avaliar, questionar e respeitar o seu lugar na sociedade. A “educação para a cidadania não se resume à aprendizagem dos direitos e dos deveres dos cidadãos mas passa essencialmente pela construção da “escola democrática” onde seja possível vivenciar situações de mútuo (re)conhecimento, valorização e respeito, que assumam um carácter formativo e potencializador dessa formação nos vários contextos de vida dos indivíduos.” (Leite & Lopes: 2007, p. 24) Com certeza, compete aos professores proporcionar novas estratégias para que o “ensino” da cidadania seja apenas uma transmissão de valores e valorização de bons comportamentos. O ensino da cidadania deve passar pela criação de momentos de debate sobre as atitudes cívicas de cada um, assim como a mudança de alguns comportamentos. O professor deve fazer “uma promoção junto dos alunos da capacidade de confrontarem diferentes pontos de vista, de modo a que as aulas não assumam, essencialmente, uma lógica informativa, sendo necessária “uma nova prática educativa que recuse a unidirecionalidade na comunicação e avance no sentido da multidirecionalidade comunicacional, isto é, focalize a educação nas interações professor-alunos e alunos-alunos” (Marques:1983, pp. 83-84). O diálogo entre os intervenientes deste processo deve ser promovido para que todos possam clarificar alguns conceitos, valores e atitudes que apresentem um impasse na aquisição desses mesmos valores.

## **4 Considerações finais**

Este trabalho foi mais uma etapa deste período de formação. A sua realização foi produto de reflexão sobre as minhas ações durante a prática pedagógica supervisionada I e II. Os objetivos deste trabalho foram o de refletir sobre as minhas práticas educativas, enquanto formanda, numa tentativa de esclarecer algumas questões sobre a implementação de didáticas na área de conhecimento do mundo, (pré-escolar), e estudo do meio (1º ciclo) e refletir sobre a transversalidade das áreas do Conhecimento do Mundo e Estudo do Meio. Questões como: qual a importância da formação contínua de educadores/professores? fui capaz de desenvolver as competências pretendidas no planeamento das sequências didáticas?; será que consegui diversificar a prática pedagógica através de novas estratégias de aprendizagem?; consegui implementar uma boa relação escola-alunos-comunidade durante a minha prática educativa?; consegui implementar as didáticas nas áreas referidas?; foram questões que se colocaram no início deste trabalho. Todo o trabalho realizado foi no sentido de usar as didáticas e várias estratégias para evidenciar a área do Conhecimento do Mundo e Estudo do Meio. Evidenciar a importância que estas áreas têm para o despertar capacidades de observação, interesse e curiosidade que são naturais da criança. É de salientar que estas áreas não estão separadas, estas devem ser encaradas como áreas que se complementam, no sentido em que os conteúdos abordados na área do Conhecimento do Mundo são mais tarde aprofundados no 1º Ciclo do Ensino Básico, na área de Estudo do Meio. Podemos dizer que ambos constroem pontes entre os dois níveis de ensino, nunca perdendo a ligação existente entre eles. Ainda, em relação a estas áreas, refiro que podem ser trabalhadas de forma interdisciplinar, ou seja, podem ser trabalhadas com outras áreas, nomeadamente, o português e a matemática. Podem ser a base de aprendizagens referentes a outras áreas, pois são áreas motivadoras para a aprendizagem.

Em primeiro lugar debruçei-me sobre a formação de educadores e professores. Neste sentido, verifiquei que esta é uma fase de extrema importância e que deve ser uma aposta dos educadores/professores no seu percurso profissional. Assim, a formação não passa somente por uma instituição superior, passa, também, pelo educador/professor procurar novas e atuais formações, para que, sempre que possível, possa adequar as suas estratégias e aprendizagens de acordo com as mudanças a que os currículos escolares estão sujeitos. Os futuros educadores/professores devem ser capazes de romper com as tradições do ensino de



exposição, não rompendo de vez com as mesmas, mas integrando novas estratégias de ensino e adequar as suas didáticas às suas salas de aula e, conseqüentemente, aos seus alunos. Para além disso, a formação contínua dos mesmos deve proporcionar momentos de reflexão. Obviamente, o educador/professor deve valorizar a sua formação e avaliar as suas estratégias, assim como, relacionar a formação com a prática que exerce. A docência assenta em três aspetos que, no meu ponto de vista, são fundamentais: observação, planificação e reflexão. A observação permite-nos adquirir informações sobre as crianças/alunos, escola e meio envolvente importantes para que possamos planificar de acordo com as necessidades dos que estão envolvidos no processo ensino-aprendizagem. As planificações refletem as estratégias e objetivos dos professores, para que possamos adequar, não só o tempo letivo aos conteúdos a lecionar, mas também preparar os alunos para aprendizagens. A reflexão é um aspeto muito importante porque todo o professor deve ser capaz de refletir sobre as suas escolhas e opções, deve ser capaz de refletir sobre o caminho que segue durante a sua carreira e como o poderá fazer da melhor maneira possível, para que possa, em conjunto, com os seus alunos, alcançar o sucesso.

Ainda neste primeiro momento, debrucei-me sobre perceções de currículo e didáticas. Assim, se encararmos currículo como um percurso ao longo da vida, este acompanha, também, a formação contínua do professor. Assim, verifica-se que o currículo faz parte da vida profissional do professor, assim como, o professor acompanha a evolução do currículo escolar. Devido às mudanças que vamos presenciando nos currículos escolares, ao longo dos tempos, é importante que o educador/professor se mantenha atualizado. Essa atualização deverá passar, também, pelas didáticas implementadas durante a sua ação. Relativamente à minha ação, enquanto futura educadora/professora, posso afirmar que durante as minhas sequências didáticas consegui implementar novas estratégias e didáticas que suscitaram nos alunos o interesse para a área do conhecimento do mundo, pré-escolar, e estudo do meio, 1º ciclo. Todas as minhas sequências foram desenvolvidas nesse sentido e foi na participação ativa e integrada dos alunos que tive esse retorno. Com eles aprendi todos os dias, pois um educador/professor também aprende e cresce com, e para os seus alunos. É nesta dualidade que o processo ensino-aprendizagem se alarga e enriquece. Todas as partilhas de conhecimento e de experiências entre educador/professor – alunos – comunidade foram gratificantes.



Entre estes momentos de partilha destaco, na Educação Pré-escolar, a participação das crianças na transmissão de valores ambientais à comunidade com a partilha de panfletos; plantação de uma laranjeira no recreio da escola e da participação de toda a comunidade numa festa organizada pelo núcleo de estágio para que todos pudessem observar os trabalhos das nossas crianças. Foram atividades que enriqueceram toda a minha formação no sentido em que pude constatar que é possível haver um trabalho de equipa entre a escola e a comunidade para um bem maior: a educação das nossas crianças. No 1º Ciclo do Ensino Básico destaco a visita de estudo dos alunos à junta de freguesia de S.Roque, que continua a ser das experiências mais gratificantes desta etapa de formação. Poder observar a aprendizagem a ser realizada fora do contexto de sala de aula e ver as crianças tão motivada foi para mim um dos momentos mais importantes nesta minha formação. Destaco, também, a observação ao microscópio. Foi uma atividade que despertou o interesse e a curiosidade dos alunos, até porque a maioria nunca tinha visto um microscópio. Aqui, voltei a confirmar que a interação com a comunidade e outras instituições pode ser muito benéfica nas aprendizagens das nossas crianças, pois foi uma instituição que possibilitou o empréstimo do microscópio. Deste modo, vinco que a interação da escola, crianças e comunidade só pode melhorar o nosso ensino, não só como aprendizagem de conteúdos, mas também na educação integral das nossas crianças/alunos. Em crescimento com a escola e a comunidade vão-se tornar cidadãos plenos e responsáveis, não só como indivíduos únicos mas, também, indivíduos capazes de melhorar a comunidade que os envolve.

Em segundo lugar, a caracterização do meio, da escola e do grupo/turma que acompanhei. Este capítulo é importante, pois sem estas caracterizações a minha prática educativa supervisionada seria menos sucedida. As informações que deram origem a estas caracterizações foram fulcrais para toda a minha atuação, enquanto formanda. Foram essas informações que me permitiram delinear estratégias, métodos, materiais diversos para que todos os intervenientes do processo ensino-aprendizagem pudessem alcançar as melhores aprendizagens possíveis.

Em terceiro lugar, a descrição e análise das minhas práticas educativas supervisionadas. Durante a minha ação, tive a oportunidade de transmitir conhecimentos referentes a alguns conteúdos, mas dei prioridade à aprendizagem dos alunos por si mesmo, pela sua exploração e integração em várias atividades realizadas. É no contato direto com os conteúdos que os alunos mais aprendem e consolidam as suas aprendizagens. Deste modo os objetivos



pretendidos pelas práticas educativas supervisionadas foram alcançados. Quanto à minha formação, esta foi uma das fases mais importantes, no entanto este será um processo contínuo ao longo da minha carreira. O processo de ensinar prende-se ao de aprender e adequar estratégias ao longo da vida enquanto docente, por isso estarei sempre predisposta à mudança, no sentido em que é através do aperfeiçoamento das nossas estratégias que alcançamos o sucesso nas escolas.

## 5 Limitações e desafios futuros

As práticas educativas supervisionadas foram uma das etapas mais importantes nesta fase de formação. É o primeiro contato com as realidades para as quais nos estamos a formar, ou seja, para a Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Este início à prática educativa em contexto de sala de aula pode ser intimidante, no sentido em que pensámos que não vamos conseguir alcançar os nossos objetivos, todos os receios se “apoderam” de nós. No entanto, para mim, a maior limitação não foi o receio, mas sim o tempo reduzido que está previsto para a ação nestes dois níveis de ensino. A meu ver, um semestre é pouco tempo para uma fase de formação como esta. Era importante podermos estar mais vezes e por mais tempo nas salas. Era benéfico para todo o processo de formação. Esta limitação temporal levou a que não pudesse demonstrar mais capacidades e estratégias nas sequências didáticas.

Gostaria de ter aprofundado mais a dimensão escolar e não escolar, isto é, aprofundar relações que fossem benéficas para as aprendizagens das crianças/alunos não só, em contexto escolar, mas, também, com a comunidade. Sinto que muito mais poderia ser feito neste sentido se usufruíssemos de mais tempo nas práticas educativas supervisionadas. Contudo, é de salientar que as estratégias que não usei podem ser usadas, mais tarde, quando for titular de uma turma. Esta é apenas mais uma etapa na minha formação. Terei sempre presente a importância de renovar e alterar estratégias para que as minhas futuras crianças/alunos possam alcançar os seus objetivos e sucessos. A formação contínua é uma mais-valia na carreira docente, pois um educador/professor só evolui e faz evoluir as suas crianças/alunos, quando se mantém atualizado não só ao nível curricular, mas também, ao nível das estratégias pedagógico-didáticas a usar. Um professor ensina, quando aprende e aprende, quando ensina.

## 6 Bibliografia

- Alarcão, I. (1991). A Didáctica Curricular: Fantasmas, Sonhos, Realidades (sessão plenária). In e. a. Martins, *2º Encontro Nacional de Didácticas e Metodologias de Ensino* (pp. 299-310). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Alarcão, I. (2002). De que se fala quando se fala de Didáctica. In E. (. Medeiros, *1º Encontro de Didácticas nos Açores* (pp. 31 - 48). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Alves, R. (1994). *A alegria de ensinar*. São Paulo: ARS POETICA EDITORA LTDA.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Mcgraw - Hill.
- Barbier, M. (1993). *Elaboração de Projectos de Acção e Planificação*. Porto: Porto Editora Lda.
- Carvalho, A. D. (2006). Humanismo e Educação. In A. D. Carvalho, *Dicionário de Filosofia de Educação* (pp. 200-203). Porto: Porto Editora.
- Correia, J. A. (1989). *Inovação Pedagógica e Formação de Professores. Coleção Biblioteca Básica de Educação e Ensino*. Porto: Edições Asa.
- Cró, M. d. (1998). *Formação Inicial e Contínua de Educadores/Professores: estratégias de intervenção*. Porto: Porto Editora.
- Dias, J. d. (2004). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes: uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, F. I. (1994). *Formação contínua e unidade do ensino básico: o papel dos professores, das escolas e dos centros de formação*. Porto: Porto Editora.
- Font, C. M. (2007). *Estratégias de Ensino e Aprendizagem*. Lisboa: Edições Asa.
- Formosinho, J. O. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- Freire, P. (1967). *Educação como Prática da Liberdade*. Lisboa: Dinalivro Lda.
- Freire, P. (2010). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Gonçalves, A. M. (1995). A carreira das professoras primárias. In A. (. Nóvoa, *Vidas de Professores* (pp. 141-169). Porto: Porto Editora .
- Guislain, G. (1994). *Didáctica e Comunicação. Coleção Horizontes da didáctica*. Porto: Edições Asa.
- Harlen, c. p. (2003). Actividade de Natureza Investigativa no Ensino das Ciências no 1º Ciclo do Ensino Básico e na Formação de Professores. In E. O. Medeiros, *Educação Científica no 1º Ciclo do Ensino Básico* (pp. 37-49). Ponta Delgada: Amigos dos Açores.
- Leif, J. (1976). *Vocabulário técnico e crítico da Pedagogia e das Ciências da Educação*. Lisboa: Editorial Notícias.

- Leite, C., & Lopes, A. (. (2007). *Escola, Currículo e Formação de Identidades*. Porto: Edições Asa.
- Leite, C., & Rodrigues, M. d. (2001). *Jogos e Contos numa educação para a cidadania. Práticas pedagógicas 10*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Lopes, J., & Silva, H. S. (2008). *Métodos de aprendizagem cooperativa para o jardim-de-infância*. Porto: Areal Editores.
- Lorieri, M. A. (2006). Formação Humana. In A. D. Carvalho, *Dicionário de Filosofia da Educação* (pp. 184-188). Porto: Porto Editora.
- Lourenço, C. A. (1991). Didáctica, Didácticas, Ciências da Educação. In e. a. Martins, *2º Encontro Nacional de Didácticas e Metodologias de Ensino* (pp. 331-338). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Machado, F. A., & Gonçalves, M. F. (1991). *Currículo: problemas e perspectivas*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Marques, R. (1983). *Mudar a escola: Novas Práticas de Ensino. Coleção Biblioteca do Educador Profissional*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marques, R. (1990). *Educação Cívica e Desenvolvimento Pessoal e Social: objectivos, conteúdos e métodos, Educação Hoje*. Lisboa: Texto Editora, LDA.
- Martins, M. I. (2009). *Despertar para a ciência - atividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Medeiros, E. (2006). Currículo. In A. D. Carvalho, *Dicionário de Filosofia da Educação* (pp. 67-71). Porto: Porto Editora.
- Medeiros, E. O. (2003). Educação Científica no 1º Ciclo do Ensino Básico: um desafio na formação inicial e contínua de professores. In E. O. Medeiros, *Educação Científica no 1º Ciclo do Ensino Básico* (pp. 11-21). Ponta Delgada: Amigos dos Açores.
- Medeiros, E. O. (2008). *Pensar como uma montanha de Aldo Leopold: um caminho de educação e ética ambiental*. Ribeira Grande: Amigos dos Açores.
- Medeiros, E. O. (2010). *A educação como projeto desafios de cidadania*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Menegolla, M., & Sant'Anna, I. M. (1991). *Didática - Aprender a ensinar*. São Paulo: Edições Loyola.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico- 1º Ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação.
- Moreira, António Flavio Barbosa; Macedo, Elizabeth Fernandes; (Orgs.). (2002). *Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Porto: Porto Editora.
- Nérici, I. G. (1960). *Introdução à didática geral - Dinâmica da escola vol I*. Rio de Janeiro: Editora Científica.

- Not, L. (1991). *Ensinar e Fazer Aprender*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Nóvoa, A. (. (1991). *Profissão Professor. Coleção Ciências da Educação*. Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (2002). *Formação de Professores e Trabalho Pedagógico*. Lisboa: Educa.
- Paszkievicz, C. d. (2006). Diferenciação Curricular. In A. D. Carvalho, *Dicionário de Filosofia de Educação* (pp. 76-77). Porto: Porto Editora.
- Patrício, M. F. (1993). *Lições de Axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Patrício, M. F. (2006). Escola cultural . In A. D. Carvalho, *Dicionário de Filosofia da Educação* (pp. 144-146). Porto: Porto Editora.
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas Pedagógicas. Profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Ribeiro, A. C. (1998). *Desenvolvimento Curricular coleção educação hoje 7ª edição*. Lisboa: Texto Editora.
- Sá, J. (2003). Educação Científica no 1º Ciclo: Aprendizagem Activa e Reflexiva. In E. O. Medeiros, *Educação Científica no 1º Ciclo do Ensino Básico* (pp. 23-36). Ponta Delgada: Amigos dos Açores.
- Sá, J. G. (1994). *Renovar as práticas no 1º ciclo pela via das cências da natureza* . Porto: Porto Editora.
- Sá-Chaves, I. (2002). Prática pedagógica e Formação Reflexiva de Professores. In E. O. Medeiros, *1º Encontro de Didácticas nos Açores* (pp. 91-109). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Santos, J. M. (2007). *Ética e deontologia. Representações de professores*. Sintra: Associação de Professores de Sintra.
- Santos, M. E. (2010). *Educação para a Cidadania: proposta curricular para os 1º, 2º e 3º ciclos*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. MInistério da Educação.
- Santos, M. M. (2005). *Formação cívica no Ensino Básico coleção: cadernos do Criap*. Porto: Asa .
- Sequeira, M. F. (1991). O papel das didácticas da lingua e da literatura na formação de professores de português (comunicação convidada). In e. a. Martins, *2º Encontro Nacional de Didácticas e Metodologias de Ensino* (pp. 351-365). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- SREC. (2001). *Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Formação: Direção Regional de Educação e Formação.
- Vilela, A. (. (2010). *Referencial: Área de Formação Pessoal e Social; Área Curricular Não Disciplinar de Cidadania*. Açores: Direção Regional da Educação e Formação.
- Zabalza, M. A. (1992). *Didáctica da Educação Infantil. Coleção Horizontes da Didáctica*. Rio Tinto: Edições Asa.

### **Legislação consultada**

Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto

Lei de Bases do Sistema Educativo: Lei-Quadro n.º 49/2005 de 30 de agosto

Decreto-lei n.º 43/2007 de 22 de fevereiro

Decreto-lei n.º 241/2001 de 30 de agosto

Decreto- lei 286/89 - despacho 139/ME/90

Decreto Legislativo Regional n.º 11/2009/A

Decreto Regulamentar Regional n.º 17/2011/A

### **Outros documentos consultados**

*Reflexões sobre Educação e Contemporaneidade* – Casimiro Rodrigues. (2008)

Encontro/Plenário/Sindical/S.P.R.A – Região Açores

<http://adequadinadequacao.blogspot.pt>

## **7 Anexos**



**UNIVERSIDADE DOS AÇORES**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Mestrado em Ensino Pré-escolar e 1º ciclo do Ensino Básico

## **Projecto Formativo**

Prática Educativa Supervisionada I

Mestranda: Carla Vieira

Ponta Delgada, 11 Março de 2011



## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>130</b>
<b>Caracterização do Meio .....</b>	<b>131</b>
<b>Caracterização da escola.....</b>	<b>133</b>
<b>Caracterização da sala de aula .....</b>	<b>135</b>
<b>Caracterização da turma .....</b>	<b>137</b>
<b>Metodologias a desenvolver .....</b>	<b>139</b>
<b>Competências a desenvolver .....</b>	<b>140</b>
<b>Avaliação do projecto .....</b>	<b>143</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>144</b>



## Introdução

“O projecto não significa somente previsão, nem antecipação, nem planificação; projecto é tudo isto, mas é ainda mais: é volição, isto é, empenhamento da pessoa. O projecto é, aliás, frequentemente apresentado como uma mentalização de um desejo, de um móbil que ele permite ainda reconhecer.”

(Barbier, 1993:47).

Este projecto formativo surge no âmbito da disciplina de Prática Educativa Supervisionada II, integrada no 1º ano do mestrado Ensino Pré-escolar e 1º ciclo do Ensino Básico.

No início de uma das etapas mais importante para mim, a prática educativa supervisionada, foi fundamental a elaboração deste documento orientador das minha futuras acções. Nele estão inseridas as minhas intenções para o decorrer de todo o meu estágio, que tem como base o tema “Ambiente”. Este é um tema que está presente no projecto curricular de grupo, e que desde o início tive curiosidade em desenvolver com as crianças.

Para a elaboração deste documento foram necessárias análises aos dados recolhidos de acordo com as seguintes fontes: projecto curricular de escola, projecto educativo de escola, projecto curricular de grupo, processos dos alunos, inquérito e diálogo com a educadora. Para além destas fontes, os momentos de observação foram fulcrais para a análise do grupo e, por consequência, para a escolha do tema acima referido.



## Caracterização do Meio

A Escola EB1/JI Cecília Meireles fica situada na freguesia da Fajã de Cima. Esta é uma freguesia com uma ocupação de 1.1.89,3 hectares (área total) que confina a Norte com as freguesias de Fenais da Luz, S.Vicente Ferreira e Pico da Pedra. A oriente faz vizinhança com a Fajã de Baixo, a sul com as freguesias citadinas de: S.Pedro e S.Sebastião, e a ocidente, à sua direita com a maior congénere em Portugal, a freguesia dos Arrifes.

Entre o mar e a serra, sempre contrastou o verde dos pinhais e a brancura de algumas estufas. Assim, destaca-se a imponência do Pinhal da Paz que desde há muito é um convite ao contacto com a natureza, com o sossego e beleza paisagística.

A escola situa-se bem no centro da freguesia. É uma freguesia subúrbio da cidade de Ponta Delgada, e simultaneamente, zona de cultivo e pastagens. A economia assenta, essencialmente, nos serviços dos sectores primário (agricultura e agro-pecuária) logo seguida, dos sectores secundário e terciário, este com menor incidência, assegurado por pequenos núcleos familiares da freguesia. São exemplo disso, entre outras, as infra-estruturas e fábricas de aperitivos e outros bens alimentares, da panificação, da confecção, da restauração, e outras. Existem, ainda, instituições de apoio social, nomeadamente: um Centro Paroquial, denominado, Nossa Senhora da Oliveira, que possui um A.T.L, um serviço de apoio à terceira idade no domicílio, cursos de formação para beneficiários do subsídio de inserção social, e outros de carácter ocasional; uma Casa do Povo, onde funcionam serviços de atendimento de cuidados primários, e ainda, Associações Culturais e Recreativas (Banda de música, Grupo Folclórico, Grupo Desportivo e Escuteiros) e recentemente uma Farmácia e uma Instituição Bancária. Todos estes serviços novos ou renovados são testemunho de muitas alterações que se reflectem nas famílias, tanto em termos económicos como sociais.

A proximidade desta freguesia à cidade permite que alguns agregados familiares exerçam a sua actividade profissional na mesma. Para estes esta freguesia apresenta-se apenas como uma freguesia dormitório, enquanto que outros permanecem nela diariamente, deslocando-se, ocasionalmente, à cidade.

Assim, o nível sócio-económico das famílias é bastante heterogéneo, tanto em termos sociais como económicos. Por um lado, existem pólos organizados com boa qualidade de vida e um meio familiar estável e, por outro, há pólos com meios familiares mal estruturados, onde persistem problemas relacionados com empregos precários e irregulares, alcoolismo e droga.



É este o meio em que a Escola se insere e, conseqüentemente, os alunos como parte integrante dele sujeitos a todos os factores acima referidos que naturalmente condicionarão a dinâmica pedagógica e escolar.



## Caracterização da escola

A escola EB1/JI Cecília Meireles encontra-se inserida na Escola Básica Canto da Maia.

Esta escola engloba dois níveis de ensino (1º Ciclo do Ensino Básico e Jardim de Infância): funciona em dois edifícios (tipologia Plano Centenário). Existe, ainda, um terceiro edifício onde funciona a cantina.

A escola está dividida em dois grandes blocos: A e B.

No bloco A, piso 0, funcionam as salas A1 e A2 com o 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico e as salas A3 e A4 com turmas do 4º ano do mesmo ciclo. Neste mesmo bloco temos um alpendre, a sala dos professores, o gabinete do coordenador e o ginásio. A sala dos professores tem uma área de alimentação, uma fotocopiadora, um fax, dois computadores, um sofá e armários com material pedagógico diversificado. Ainda tem uma pequena sala onde funciona o gabinete da coordenadora da escola. O ginásio possui diverso material desportivo, três “cavalos”, sete colchões de ginástica, skates, arcos de vários tamanhos, bolas para vários tipos de desporto, um trampolim, um banco, cordas, patins, coletes e pinos marcadores, raquetes, um cesto de basquetebol e quatro espaldares. Para além deste material, o ginásio possui dois placards de cortiça, um quadro de lousa, oito cabides e uma zona de lavagem de mãos.

No bloco A, piso 1, funcionam quatro salas de aulas. As salas de aulas A5, A6 e A7 funcionam turmas de 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico. Na sala A8 funciona uma turma de 4º ano do mesmo ciclo.

No bloco B, piso 0, encontramos as salas B1 e B2, ambas com grupos da Educação Pré-escolar, e as salas B3 e B4 como salas de apoio. Neste bloco funciona, ainda, a sala de apoio aos alunos com UNECA e dificuldades de aprendizagem.

No bloco B, piso 1, funcionam as salas B5 e B6 com grupos da Educação Pré-escolar e as salas B7 e B8. Neste piso temos ainda a biblioteca.

Todas as salas são de soalho e possuem uma pequena faixa de mosaicos que constitui a área de lavagem das mãos; nesta mesma área existe uma bancada de mármore com uma



bacia de alumínio incorporada e armários. Cada sala dispõe de três janelas que permitem uma boa iluminação e arejamento.

Cada bloco possui dois halls de entrada com uma grande porta de madeira, uma janela de grandes dimensões, uma mesa, duas arrecadações, duas instalações sanitárias para alunos e uma para professores, circulações anteriores, duas sirenes e dois extintores.

O terceiro edifício é onde funciona a cantina. Está dividido em duas áreas, estando a cozinha a fazer essa divisão. Uma das salas recebe os grupos da Educação Pré-escolar, as mesas estão divididas pelo nome das educadoras, ou seja cada grupo tem o seu espaço marcado. A outra sala é reservada aos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico e está dividida pelo nome das professoras. Ambas estão equipadas com uma zona da lavagem das mãos e três janelas grandes.

O recreio escolar circunda estes três edifícios, e, é composto por uma parte de chão sintético com uma estrutura de baloiços, tabelas de Basquetebol e também balizas que possibilitam jogos de futebol. A restante área contém jogos tradicionais desenhados no chão. Todo o recreio está ladeado por canteiros com plantas diversas. Por este espaço estão distribuídos vários caixotes do lixo, sendo seis dele de reciclagem.



## Caracterização da sala de aula

“O ambiente é um educador à disposição tanto da criança, como do adulto. Mas só será isso se estiver organizado de um certo modo. Só será isso se estiver equipado de uma determinada maneira. (p.19)”

Zabalza,(1998)

É fundamental para o exercício da minha Prática Educativa Supervisionada conhecer a sala de aula na qual vou intervir. O espaço e os recursos da mesma são importantes pois devem ser rentabilizados ao máximo no decorrer da acção educativa. Desta forma passo a mencionar alguns aspectos relativos à caracterização da sala e que me interessam particularmente para a minha acção.

A sala de aula B1 encontra-se no piso inferior do segundo edifício da Escola EB1/ JI Cecília Meireles. É uma sala com grande luminosidade devido à existência de três grandes janelas e ampla.

Na sala existe material didáctico colorido exposto pelas paredes o que a torna alegre e acolhedora. Existem, também, quadros de cartolina realizados pelos alunos a identificar a cor dos seus olhos, a cor dos seus cabelos e o sexo de cada aluno. Existe um quadro grande de lousa.

Visto ser uma sala direccionada para o ensino Pré-escolar, encontra-se dividida em sete áreas de actividades: plasticina, pintura, desenho, construção e garagem, jogos de mesa, casinha das bonecas e biblioteca. Cada área tem um limite de alunos. Para além destas áreas temos o “tapete”, que se encontra junto à área de construção e garagem.

É no “tapete” que se desenvolvem alguns dos momentos mais importantes da aula. É neste espaço que, se realiza o acolhimento do grupo pela manhã, se apresentam as actividades para o dia, se realizam as reflexões sobre o trabalho realizado e também as actividades em grande grupo.



A área da plasticina e da pintura partilham o mesmo espaço, uma bancada junto à porta de entrada com uma zona de lavagem de mãos. Embora partilhem a bancada, ambas estão bem definidas. Nesta área temos ainda uma mesa com quatro cadeiras (o número limite de alunos nesta zona). Junto à parede existem dois cabides com dois aventais de plástico, porque na área da pintura só podem estar dois alunos de cada vez. Aqui ainda encontramos três baldes azuis com vários tipos de papel e instrumentos musicais (tambor, triângulo, xilofone, clavas, matracas, pandeireta).

A área de desenho acolhe seis alunos. Aqui encontramos dois placards de cortiça (nos quais são afixados os trabalhos realizados pelos alunos), e dois armários. Um deles é usado pela educadora para guardar toda a informação relativa ao grupo e o outro tem material usado pelas crianças: tesouras, tubos de cola, lápis de cor, canetas de feltro e papel. Ainda, nesta área, encontramos um caixote do lixo e uma mesa com seis cadeiras.

Segue-se à área de desenho, a área de construção e garagem. Aqui é onde se encontra o tapete. Neste espaço existe um armário com seis caixas amarelas que contêm peças de jogos de construção e duas caixas médias com legos. Os materiais existentes são de fácil manuseamento devido ao tamanho das peças. Neste espaço, ainda existe um teatro para fantoches.

Junto ao quadro encontramos a área de jogos de mesa. Neste espaço existe uma mesa com seis cadeiras, (número limite de alunos), e um armário com vários jogos, (puzzles, dominós, legos).

Ao lado da área referida anteriormente temos a área da casinha das bonecas onde se recria o espaço de uma casa. Encontra-se dividida em espaços diferentes: o quarto, a sala e a cozinha. Neste espaço encontramos uma pequena casa com cama, berço, seis pequenos armários, uma mesa com quatro cadeiras, (embora neste espaço possam estar seis alunos).

Por último temos a área da biblioteca, situa-se à frente da porta, junto aos cabides dos casacos dos alunos. É a área mais pequena da sala, aqui temos uma mesa com quatro cadeiras e uma estante com alguns livros.



## Caracterização da turma

Para que se possam delimitar estratégias e objectivos torna-se indispensável caracterizar a turma com a qual trabalhamos. Só com algum conhecimento do grupo de crianças e de cada criança é que podemos planificar e rentabilizar o processo de aprendizagens.

Esta caracterização foi possível através de vários instrumentos de recolha de dados como grelhas de observação da turma sobre as suas capacidades e comportamentos; consulta dos processos individuais das crianças e por último um inquérito e diálogo com a Educadora titular do grupo.

A turma 57 do Jardim de Infância funciona na sala B1 do bloco B. Esta é constituída por dezoito alunos, treze meninos e cinco meninas, sendo que duas meninas, (A e B), estão incluídas nas Necessidades Educativas Especiais (NEE). É uma turma com onze alunos de quatro anos, seis de cinco anos e uma aluna de seis anos.

Os onze alunos com quatro anos frequentam pela primeira vez a Educação Pré-escolar, os restantes frequentam pelo segundo ano esta educação.

A aluna A veio transferida da EB1/JI Linhares Furtado, em 2009/2010. Já se encontrava referenciada com NEE devido a um défice cognitivo. Esta aluna está abrangida por um programa de Intervenção. Semanalmente, à segunda-feira pelas nove horas, dirige-se com um auxiliar à Escola Básica Integrada da Canto da Maia para ser acompanhada ao nível da motricidade numa sala equipada para o efeito. Às terças-feiras a aluna tem acompanhamento individualizado com a professora de NEE na escola.

É uma aluna que necessita de um acompanhamento constante na concretização de quase todas as actividades e demonstra ter dificuldade em se manter atenta, embora já consiga passar mais tempo na realização de jogos de mesa, construção, modelagem e pintura. Precisa de um trabalho sistematizado em todas as áreas de conteúdo.

A aluna tem um irmão também sinalizado com NEE.

A aluna B adere a todas as actividades com entusiasmo e satisfação. Necessita de um trabalho muito sistematizado de repetição em todas as áreas de conteúdos. Tem muita dificuldade em perceber o conteúdo de uma mensagem oral, nem sempre responde ao que lhe



é perguntado quando esta questão sai do âmbito do concreto ou funcional. Frequenta a terapia da fala. É uma criança com NEE (Necessidades Educativas Especiais). A aluna, todas as segundas-feiras, pelas dez horas e trinta minutos, vai à escola Básica Integrada da Canto da Maia para ser acompanhada ao nível da motricidade numa sala especializada para esse fim. Às terças – feiras tem acompanhamento individual com a professora de NEE da escola.

O aluno C apresenta um atraso do desenvolvimento da linguagem. O aluno C está aconselhado para frequentar a terapia da fala.

O aluno D apresenta dificuldades ao nível da oralidade, o que torna difícil a compreensão do que o aluno quer transmitir. (EX: ao chamar por mim usa “Caia”). Demonstra facilidade em reter os conteúdos abordados. Apesar de ter muita dificuldade na articulação das palavras, participa com espontaneidade nos momentos de diálogo insistindo até ser compreendido. Frequenta a terapia da fala.

Os alunos E e F são os mais tímidos do grupo. O aluno E não participa muito nos momentos de diálogo em grande grupo e por vezes demonstra momentos de distração. O aluno F é pouco autónomo na guarda dos seus pertences e precisa de desenvolver muitas actividades que necessitem a utilização da motricidade fina. Também não participa muito nos momentos de diálogo em grande grupo.

A turma, no seu geral, consegue aplicar de forma satisfatória os conteúdos trabalhados. As crianças mostram interesse e entusiasmo pelas actividades propostas.



## Metodologias a desenvolver

### Modelos de ensino

Ao educador cabe construir o seu modelo de ensino ou adaptar o que melhor se identifica com a sua maneira de ser e com a turma com que trabalha. Após conhecer os modelos de ensino escolhe o que melhor se adequa à turma e às estratégias que quer desenvolver.

Na realidade um educador nunca se cinge a um só modelo de ensino. O educador realiza uma adequação de várias estratégias de vários modelos para melhor responder à diversidade, e às necessidades de todos os alunos.

“A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”(in orientações curriculares da educação pré-escolar). Assim terei em atenção que esta é uma etapa muito importante para as crianças e, como tal, estarão presentes, na minha prática educativa supervisionada, modelos de ensino do pré-escolar como o High Scope, Movimento da Escola Moderna (MEM) e Reggio Emilia. Estes modelos privilegiam a organização de espaços para a promoção de relacionamentos agradáveis num ambiente atraente, onde as crianças podem desenvolver actividades mais significativas e onde as mesmas desempenham um papel activo na construção do seu conhecimento, dando lugar às relações, às interações, à comunicação, e à colaboração.

Durante a minha acção pretendo que as crianças desenvolvam o seu espírito crítico, autonomia e valores de cidadania. Neste sentido espero que a criança construa o seu conhecimento através da partilha com os seus pares. Durante a minha prática educativa supervisionada será promotora de novas experiências e partilhas entre estagiárias, educadora e crianças. Estas novas experiências não só enriquecerão a minha formação, como também, enriquecerão o ambiente de aprendizagens na sala de aula. Serão trabalhados os diferentes saberes: o saber fazer; saber ser e saber estar para o desenvolvimento de cidadãos autónomos, capazes de intervir na construção de uma sociedade livre, justa e solidária.



## Competências a desenvolver

As competências que se pretendem desenvolver nas crianças vão ao encontro das orientações curriculares para a educação pré-escolar e do projecto curricular de grupo e de escola.

Estão estabelecidas 25 horas semanais em monodocência para a educação pré-escolar, nas quais se trabalham várias áreas: Formação Pessoal e Social; Expressão e Comunicação; Linguagem oral e abordagem à escrita; Matemática e Conhecimento do mundo.

Neste sentido, e nunca esquecendo o projecto curricular de grupo que visa “O ser social” vou procurar orientar a minha acção para os valores sociais, dando ênfase aos valores e cuidados a ter com o ambiente.

A gestão das diferentes áreas será feita de forma articulada e nunca isolada numa só área, pois todas se complementam. Desta forma “planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.”(in orientações curriculares para a educação pré-escolar 1997: 26).

No âmbito da área de Formação Pessoal e Social pretende-se que as crianças interiorizem valores cívicos que permitam que estas se tornem cidadãos conscientes e solidários, que os preparem para a resolução dos problemas da vida. Nesta área trabalharei com as crianças no sentido de estes respeitarem o ambiente e a importância do mesmo.

Na área de Expressão e Comunicação vou ter em atenção os quatro domínios: plástica; expressão motora, musical e dramática. Estes domínios permitem desenvolver e “diversificar as situações e experiências, de modo a que a criança dominando e utilizando o seu corpo, e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objectos”(in orientações curriculares para a educação pré-escolar 1997:57). Nesta área tenciono desenvolver o espírito criativo nas crianças do grupo.

O domínio da linguagem oral e abordagem à escrita é de suma importância nesta idade, visto que é através do seu uso que as crianças comunicam com os seus pares. Esta área deve ser bem trabalhada para que a comunicação seja possível e coerente, afinal é uma área de



suporte base para o desenvolvimento das crianças em todas as áreas. Assim tenciono desenvolver a capacidade de escuta e desenvolver a capacidade de exprimir-se oralmente. Pretendo, também, fomentar a clima de comunicação oral na sala de aula, estimular o contacto com o código escrito e participar no alargamento do vocabulário das crianças.

No domínio da matemática “cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento lógico-matemático”,(in orientações curriculares para a educação pré-escolar 1997:73), nas crianças, como tal partirei desse conhecimento do mundo que a criança traz consigo para aprofundar as noções matemáticas e para desenvolver a capacidade de orientação do espaço; desenvolver a capacidade para reconhecer alguns aspectos de geometria e do sentido do número.

Por último, na área do Conhecimento do mundo pretendo sensibilizar as crianças para as ciências, e aspectos relativos ao meio próximo como os domínios da geografia, sociologia, história e ambiente. Nesta área é minha intenção fazer com que as crianças adquiram alguns conhecimentos sobre o mundo; que sejam capazes de reconhecer, nomear e utilizar diferentes equipamentos e utensílios, para que tenha uma atitude científica e experimental; e que sejam capazes de conhecer alguns aspectos do ambiente natural e social.

#### Macro estratégias de actuação

Sendo a prática educativa supervisionada uma fase de extrema importância para a minha formação, é meu objectivo participar e colaborar em projectos que o jardim-de-infância/escola esteja a desenvolver bem como nas actividades lectivas e extra-lectivas que envolvam o grupo no qual estou integrada.

Tenciono estar sempre atenta e ter bem presente a realidade e as necessidades das crianças e, como tal, adequar a minha acção às mesmas.

A minha prática passará por desenvolver a linguagem oral e escrita, pois este domínio mostrou-se, durante o meu período de observação, ser um dos domínios que mais precisa ser trabalhado. Assim pretendo desenvolver esta área com diálogos sobre temas abordados nas sequências didácticas, audição de histórias variadas, assim como registos realizados por mim e pelas crianças.



Não esquecendo que a linguagem oral e abordagem à escrita é trabalhada em todas as áreas, o foco da minha intervenção irá ser o ambiente e, neste sentido, proponho-me a sensibilizar as crianças para este tema, assim como a sua importância e preservação do mesmo. Para tal, tenciono que as crianças visualizem filmes sobre o ambiente; que debatam sobre os cuidados a ter; que realizem registos sobre o tema através de desenhos, pinturas, modelagem.

No âmbito do tema que refiro anteriormente tenciono levar até às crianças pessoas que trabalhem na área e que possam dinamizar actividades diferentes para as crianças.



## **Avaliação do projecto**

A avaliação deste projecto irá ser um processo que me vai ajudar a regularizar as minhas aprendizagens e orientar o meu percurso durante a minha prática educativa supervisionada. Assim a avaliação do projecto irá ser realizada ao longo das sequências didácticas através de reflexões sobre se as minhas intenções referidas neste documento foram ou não realizadas.

Esta avaliação terá três fases. A primeira reflexão ocorrerá no fim do mês de Março. O segundo momento de avaliação será no fim do mês de Abril. A terceira e última reflexão, que será global, irá ser no final da prática educativa supervisionada.



## Bibliografia

**Arends, R.I.** (1995). *Aprender a Ensinar*. Amadora: Mcgraw-Hill.

**Barbier, M.** (1993). *Elaboração de Projectos de Acção e Planificação*. Porto: Porto Editora Lda

**Estrela, A.** (1986). *Teoria e Práticas de Observação de Classes – Uma Estratégia de Formação de Professores*. Lisboa: Centro Nacional de investigação científica.

*Orientações Curriculares Para a Educação pré-escolar*. (1997) Ministério da educação.



**UNIVERSIDADE DOS AÇORES**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Mestrado em Ensino Pré-escolar e 1º ciclo do Ensino Básico

## **Projeto Formativo**

Prática Educativa Supervisionada II

Mestranda: Carla Vieira

Ponta Delgada, 13 do Outubro de 2012

Este projeto surge no âmbito da disciplina de Prática Educativa Supervisionada II, integrada no 2º ano do mestrado Ensino Pré-escolar e 1º ciclo do Ensino Básico.

Segundo Marília Mendonça “ os projectos de realização prática oferecem oportunidades aos educadores de se colocarem numa atitude de investigação sobre a sua própria prática, que decorre do questionamento crítico e análise reflexiva, de forma a adequar a sua intervenção às necessidades das crianças.” Neste sentido, este projeto foi elaborado com base nas leituras do plano curricular de escola, plano educativo de escola, plano curricular de turma; análise dos processos dos alunos e entrevista à professora cooperante da turma que me encontro inserida como formanda. Os momentos de observação foram fulcrais para a análise da turma.

No início deste momento de formação torna-se fundamental elaborar um documento orientador da minha prática educativa, no qual possa definir os objetivos da minha ação enquanto estagiária. Nele estão inseridas as minhas intenções para o decorrer do período de estágio, assim como, o tema que pretendo abordar de acordo com o relatório final.

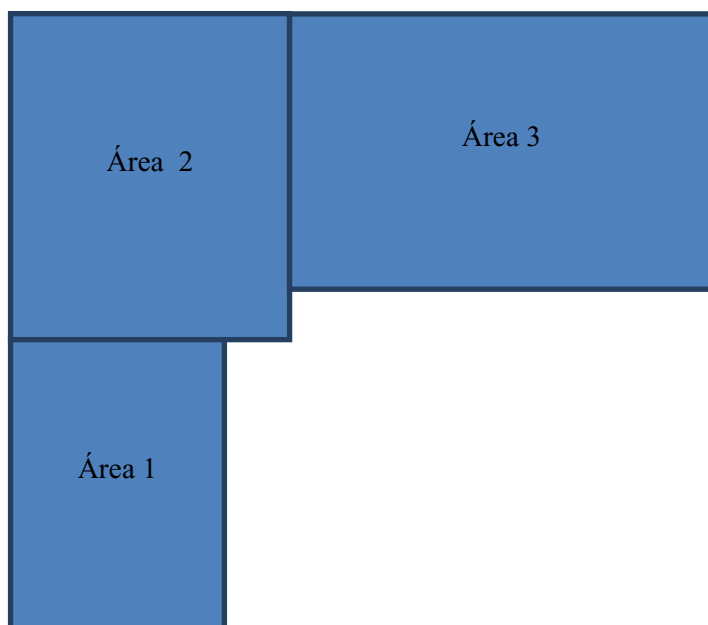
Após a leitura do plano curricular de escola, verifiquei que esta tinha como temas a “Educação para Todos, ao longo da Vida”, a “Contextualização Pedagógica do Currículo” e o “Cumprimento dos Programas”. Sendo estes os princípios orientadores de toda a ação da Escola Básica Integrada Roberto Ivens, na qual se integra a escola de S. Roque – Canada das Maricas, torna-se mais fácil abordar o meu tema: “Didáticas: abordagens transversais no Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico”, pois o “objeto da didática é o ensino que se propõe estabelecerem os princípios para orientar a aprendizagem com segurança e eficiência. A didática pretende orientar o agir do professor e do aluno na sua ação de ensinar, de educar e de aprender.”. Deste modo, penso que o tema referido vai ao encontro do projeto curricular de escola e, assim, poderei planear a minha ação na Prática Educativa Supervisionada II.

Este projeto pretende abranger todas as áreas curriculares do 1º Ciclo do Ensino Básico: Português, Matemática, Estudo do meio, Expressão Plástica; Musical; Dramática e Física e Motora, mas antes de descrever as minhas intenções nas áreas referidas, irei prosseguir com a caracterização do meio, da escola e da turma, sendo esta última muito importante para a definição de objetivos neste mesmo projeto.

A escola EB/JI de S.Roque – Canada das Maricas situa-se na Freguesia de S. Roque, concelho de Ponta Delgada. É uma freguesia onde existe “ uma grande heterogeneidade social, económica e cultural das famílias. Salientamos a existência de graves problemas de

alcooolismo, comportamentos desviantes, desemprego, droga (Projeto Educativo de Escola - Roberto 2011:5).

A escola EB/JI de S.Roque – Canada das Maricas pertence à Escola Básica Integrada Roberto Ivens. Esta escola funciona num único edifício, o qual dividi em três áreas: 1,2, 3 para melhor caracterizar o espaço. Atualmente, a escola recebe os alunos do Livramento, pois a escola do Livramento encontra-se em obras.



Na área 1 funcionam no primeiro andar três salas, (1º Ano, 3º Ano e apoio especializado). Este andar tem duas casas de banho (meninos e meninas) e um espaço amplo com três mesas onde os alunos bebem o leite antes do intervalo. Entre as salas existe uma pequena área com uma bancada e armários com tintas e pincéis.

No rés-do-chão funcionam duas salas, (4º e 3º ano da escola do Livramento). A sala do 4º ano funciona até as quinze horas e depois torna-se na sala de ATL. Existem também duas casas de banho e uma bancada com água que serve de apoio à Expressão Plástica.

A área 2 está dividida em refeitório, ginásio, quatro gabinetes e uma casa de banho.

O refeitório tem uma cozinha equipada com frigorífico, fogão e armários. Neste espaço encontramos três gabinetes de apoio com fotocopiadoras e telefone: um para S.Roque e outro para o Livramento, o terceiro serve para guardar material.

O ginásio encontra-se ao lado do refeitório, e possui algum material de Ed. Físico-Motora, nomeadamente, colchões, tabela de basquetebol, espaldares. Neste espaço existe, ainda, uma casa de banho e um gabinete de apoio para a higiene de uma aluna com NEE.

A área 3, no piso superior, estão a funcionar seis salas, uma sala de professores e um gabinete de apoio educativo da Escola do Livramento. Existe, ainda, uma sala de apoio educativo à escola de S. Roque. Existem quatro casas de banho. No rés-do-chão funcionam três salas do Ensino do Pré-Escolar, três salas do primeiro ciclo (1º, 3º e 4º ano). Existe uma sala de Professores (S. Roque) e duas casas de banho.

O recreio circunda a escola e tem dois parques infantis, num deles os alunos só usam o “escorrega”. Existe ainda um campo de jogos, onde, por vezes, é lecionada a área de Educação Físico-Motora.

Nesta escola, e segundo o Projeto Curricular de Escola, as atividades extra curriculares são: Atividades rítmicas, Voleibol e Basquetebol. Estas atividades são lecionadas no pavilhão junto da escola.

A sala de aula, onde decorrerá a minha ação, situa-se na área três, no rés-do chão. A sala tem 13 mesas (uma delas com livros dos alunos), 24 cadeiras e três quadros. Um deles serve os alunos do terceiro ano, outro os do segundo ano e outro ainda serve de apoio a um aluno que está no nível um. Existem, ainda, quatro armários com diverso material didático (ábacos, jogos didáticos, livros, manuais escolares, material de expressão plástica). A sala tem, também, dois computadores e uma impressora. As paredes estão divididas por áreas, Português, Matemática e Estudo do Meio, onde podemos ver posters e conteúdos lecionados durante as aulas.

De seguida, irei caracterizar a turma na qual decorrerá a minha prática educativa.

Esta turma é constituída por 18 crianças. O grupo apresenta algumas especificidades (apresentadas no Relatório Circunstanciado de Aplicação - PEI): existem três crianças (Paulo, José e Délcio) no 2ºano devido a retenções e uma aluna (Linda Inês) no 3ºano mas que trabalha ao nível 2 a Língua Portuguesa; há um aluno (João Pedro) que está no 3ºano/3ºnível mas que está no Ensino Especial, onde são feitas adequações curriculares e onde recebe apoio pedagógico personalizado; o Afonso Duarte encontra-se também matriculado no 3ºano/3ºnível e recebe apoio especializado; o Marco e o Rodrigo estão matriculados no 3º ano, mas encontram-se no nível 1. Estes alunos recebem apoio pedagógico personalizado.

Existe um currículo específico individual a desenvolver na turma do ensino regular, assim como uma adequação de turma. Estas informações foram recolhidas através da consulta dos processos dos alunos. É de salientar que sete alunos recebem apoio educativo.

Ao professor cabe construir o seu modelo de ensino ou adaptar o que melhor se identifica com a sua maneira de ser e com a turma com que trabalha. Após conhecer os modelos de ensino escolhe o que melhor se adequa à turma e às estratégias que quer desenvolver. Durante a minha ação pretendo que as crianças desenvolvam o seu espírito crítico e autonomia. Neste sentido espero que os alunos construam o seu conhecimento através da partilha com os seus pares. A minha prática educativa supervisionada será promotora de novas experiências e partilhas entre estagiárias, professora, orientadora e alunos. Estas novas experiências não só enriquecerão a minha formação, como também, enriquecerão o ambiente de aprendizagens na sala de aula. Esta, também, se assentará numa conjugação de modelos de ensino pois “ensinar (do latim *insignare*, assinalar) tem que ver com a acção de comunicar determinado conhecimento, habilidade ou experiência a alguém, com o fim de que o aprenda, recorrendo para tal a um conjunto de métodos, técnicas – ou procedimentos - considerados adequados.” (Monereo,2007:66). Neste sentido o professor deve escolher os métodos que usa ou aplica de forma consciente e de acordo com o que quer alcançar. Na minha prática vou-me debruçar, principalmente, sobre o método expositivo, interrogativo e demonstrativo.

No método expositivo “o educador é ativo e o aluno, passivo”(Sant’Ana e Menegolla,1991:46). Neste método de ensino “a aprendizagem limita-se à recepção/repetição, o aluno acumula saberes que foram expostos pelo professor (aluno acumulador passivo de saberes)” (Barreira & Moreira, 2004:19). Este tipo de método exige que haja alguma planificação do que se quer ensinar. Assim, “uma exposição deve ter os objectivos bem definidos à partida, sendo útil comunica-los aos formandos. O formador deve levar algum tempo a apresentar os objectivos, (...) e “fornecer um quadro de referências, no qual os formandos se possam situar em relação ao que sabem e em relação ao que se propõem aprender, o que lhes irá servir de motivação. ”. (Pinheiro & Ramos, 1995:28). Neste ponto é necessário rever conceitos que sejam familiares aos alunos e que ajudem na integração de novos conceitos. É importante que, no final da exposição, se faça um resumo do que foi tratado. No “fim da exposição o formador deve fazer uma síntese das ideias principais, de preferência mediante um conjunto de perguntas e respostas.”(Pinheiro & Ramos, 1995:29 ).

Para além disso, “o formador deve conhecer e dominar as técnicas da exposição – domínio da voz e do gesto, organização dos materiais de suporte e de gestão do tempo.” (Pinheiro & Ramos, 1995:29).

No método interrogativo “pretende-se dar mais importância ao processo de pensamento independente e activo de quem aprende.” (Pinheiro & Ramos 1995:30). Neste método o professor “deve colocar as questões de tal modo que as respostas sejam encontradas facilmente,” (Pinheiro & Ramos 1995:35). O Professor deve ter em atenção na formulação de perguntas e, também, no processo de raciocínio dos alunos.

No método demonstrativo “é o formador que detém e transmite os conhecimentos e que, ao mesmo tempo, explica e demonstra aos formandos, fazendo experimentar os comportamentos que pretende transmitir” (Pinheiro & Ramos 1995:32). Segundo estes autores existem quatro fases que acompanham este método sendo elas : preparar o formando; apresentar as tarefas; fazer ensaios de execução e assegurar as aprendizagens dos alunos.

A minha prática irá desenvolver-se com maior sucesso com o conhecimento, e aprofundamento do mesmo, dos métodos acima citados.

Para além dos métodos de ensino irei, também aqui, explicitar as competências a desenvolver nos alunos.

Estão estabelecidas 25 horas semanais em monodocência para o Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Podem ser utilizadas até 2 horas (100 minutos) da componente letiva para: prestação de apoio aos alunos e dinamização de grupo/turma de modalidades de desporto escolar.(Despacho normativo n.º 13-A/2012 artigo 8º)

Nestas 25 horas trabalham-se as áreas de Português, Matemática, Estudo do meio, Cidadania e Expressão Plástica, Musical e Dramática e Expressão físico-motora.

Outro dos temas do plano curricular de escola é “Cumprimento do Currículo”.

O ensino básico prossegue, portanto, três grandes objectivos gerais:

- Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua

dupla dimensão individual e social.

- Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes.
- Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática.

Na área de Cidadania pretende-se que as crianças interiorizem valores cívicos que permitam que estas se tornem cidadãos conscientes e solidários, que os preparem para a resolução dos problemas da vida. Nesta área trabalharei com os alunos a importância de cada um como cidadão numa comunidade, o que vai ao encontro do plano curricular de escola “Educação para Todos, ao longo da Vida”. Esta área irá ser abordada com a visualização de vídeos, debates sobre a importância de pertencer a uma comunidade, assim como os direitos e deveres do cidadão na sua comunidade e, para eles, alunos, na escola.

Nas Expressões Artísticas (musical, plástica e dramática) tenciono desenvolver a criatividade dos alunos assim como o aperfeiçoamento de algumas técnicas, tais como o recorte e colagem. A Expressão e Educação plástica será trabalhada através de composições várias com diversos materiais. Na expressão e educação plástica a “exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.” (programa 1º CEB, 2004:89). Na expressão e educação musical, pretendo fazer com que aluno não associe, a esta expressão, só a voz, pois a expressão em questão é, também, o corpo em movimento. Assim, sendo tentarei trabalhar ambos os “instrumentos” com a audição de músicas e também com a construção de instrumentos. “A prática do canto constitui a base da expressão e educação musical no 1º ciclo. É uma actividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando.

Através do corpo em movimento, de uma forma espontânea ou nos jogos de roda e nas danças – formas mais organizadas do movimento – as crianças desenvolvem potencialidades musicais múltiplas.” (Programa 1 CEB,2004:67).

Na Expressão Dramática, pretendo que os alunos aprendam a exprimir os seus sentimentos e desenvolvam a sua imaginação através das potencialidades do seu corpo.

Na Expressão Físico-Motora pretendo que os alunos tenham um momento de atividade física orientada por mim. É importante, para complementar a minha formação, planificar um momento desta expressão.

Na área de Português. Esta área deve ser bem trabalhada para que a comunicação seja possível e coerente, afinal é uma área de suporte base para o desenvolvimento dos alunos em todas as áreas. Assim tenciono desenvolver a compreensão do oral, ou seja, que os alunos sejam capazes de descodificar a informação que ouvem; a expressão oral sendo importante desenvolver “a capacidade para produzir sequências fónicas dotadas de significado e conformes à gramática da língua” (Novo Programa de Português,2009: 16). Pretendo, também, desenvolver competências ao nível da leitura e escrita com a leitura de textos e produções dos mesmos por parte dos alunos. “A leitura e a escrita fazem parte do sistema de comunicação humana que ambas estão ligadas quer à aprendizagem quer à utilização da linguagem.” (Rebello1993:39).

É minha intenção, desenvolver o conhecimento explícito da língua, pois é importante que, os alunos, aprendam as regras e processos da sua língua materna. O conhecimento explícito da língua é a “reflectida capacidade para sistematizar unidades, regras e processos gramaticais do idioma, levando à identificação e à correcção do erro.” (Novo Programa de Português, 2009:16).

Nesta área pretendo introduzir novos conhecimentos através da realidade dos alunos, de forma a cumprir o currículo. Pretendo que leiam textos, mas que, também, os produzam para que assimilem as regras necessárias para o elaborarem.

Na área de Matemática, pretendo desenvolver o sentido do número e a resolução de problemas. Após o período de observação tornou-se importante “investir” nestes conteúdos. A “disciplina de Matemática no ensino básico deve contribuir para o desenvolvimento pessoal do aluno, deve proporcionar a formação matemática necessária a outras disciplinas e ao prosseguimento dos estudos – em outras áreas e na própria Matemática – e deve contribuir, também, para sua plena realização na participação e desempenho sociais e na aprendizagem ao longo da vida.” (Novo programa de Matemática: 3). Tentarei desenvolver competências

nesta área através do uso de vários materiais como os ábacos; com a apresentação de diversos problemas que captem o interesse o aluno e que providencie várias aprendizagens.

Na área de Estudo do Meio pretendo sensibilizar as crianças para o mundo físico, social e biológico que as rodeia. “As crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas” (Programa 1º CEB, 2004: 101). Nesta área, irei tentar que os alunos tenham acesso a experiências várias que os motivem para as aprendizagens que os conteúdos proporcionam, como por exemplo, o corpo humano.

Em toda a minha ação irei abordar o meu tema para o relatório final, “Didáticas: abordagens transversais no Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico”, pois o “estudo da didática faz-se necessário para tornar o ensino mais eficiente, (...)é o conjunto de técnicas destinado a dirigir o ensino fornecendo princípios, métodos e técnicas aplicáveis a todas as disciplinas para que o aprendizado das se efectue com mais eficiência.” (Nérici:53).

De seguida, irei apresentar a calendarização da minha ação.

<b>8 a 10 de outubro, 2012</b>	
Cidadania	Identidade social: Eu e os outros.
Português	Onomatopeias
Matemática	Números naturais (Decomposição; sequências crescente e decrescente)
Estudo do Meio	Símbolos nacionais, regionais e locais.
Educação e Expressão Plástica	Recorte, montagem e colagem.

<b>29 a 31 de outubro, 2012</b>	
Cidadania	Ambiente
Português	Sinais de pontuação
Matemática	Números naturais/ resolução de problemas
Estudo do Meio	Sistema Respiratório/ Dentição
Educação e Expressão Plástica	Exploração de técnicas diversas de expressão: cartazes.

<b>19 a 23 de outubro</b>	
Cidadania	Saúde
Português	Textos de diferentes tipos: narrativo; programação televisiva; descritivo.
Matemática	Múltiplos de um número
Estudo do Meio	Sistema circulatório/ vacinação
Educação e Expressão Plástica	Exploração de técnicas diversas de expressão.
Educação e Expressão Musical	Desenvolvimento auditivo/Expressão e criação musical
Educação e Expressão Dramática	Jogos dramáticos

Este projeto formativo será alvo de uma avaliação. Este, irá ser um processo que me vai ajudar a regularizar as minhas aprendizagens e orientar o meu percurso durante a minha prática educativa supervisionada. Assim a avaliação do projeto irá ser realizada ao longo das sequências didáticas através de reflexões sobre se as minhas intenções referidas neste documento foram ou não realizadas. A avaliação permite rever os objetivos a que me proponho, “estas operações permitem rever, no quadro do processo cíclico de condução de uma acção, não só os objetivos e projetos que correspondem à acção em si, mas também os objetivos e problemas que suscitaram o recurso a essa acção.” (Barbier, 1993: 81). Um projeto implica “um processo e um produto, quer dizer, integra um tempo prolongado e faseado que se elabora a pouco e pouco à medida das acções e que se modifica segundo essas mesmas acções. A flexibilidade do projecto permite ir integrando os meios e os fins.” É, neste sentido, que se torna necessário avaliar o presente projeto, para que possa orientar a minha acção no sentido dos objetivos traçados por mim, no início desta prática Supervisionada II. Assim a avaliação do presente projeto será faseada em duas avaliações. A primeira ocorrerá no fim do mês de outubro, e a segunda no final do mês de novembro.

## Bibliografia

BARBIER, M. (1993). *Elaboração de Projectos de Acção e Planificação*. Porto: Porto Editora Lda

MENDONÇA, Marília (2002). *Ensinar por projectos*. Porto : Edições Asa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2007). Programa de Matemática do Ensino Básico. Lisboa. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2009). Programas de Português do Ensino Básico. Lisboa. Direcção – Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2006). Organização Curricular e Programas Ensino Básico-1.º Ciclo. Departamento da Educação Básica.

NÉRICI, G. Imídeo. *Introdução à didáctica geral*. Rio de Janeiro: Editora científica.

PINHEIRO, J.; RAMOS, L. (1995). *Métodos Pedagógicos*. Instituto do Emprego e Formação Profissional.

REBELO, J. A. da Silva (1993). *Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do ensino básico*. Porto: Edições ASA.

### Outros documentos consultados

Projeto Curricular de Escola; Projeto Educativo de Escola – Roberto Ivens.

Processos individuais dos alunos.